MEMORIA

SOBRE

A PRIORIDADE DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUEZES

NA COSTA D'AFRICA OCCIDENTAL.

MEMORIA

SOBRE

A PRIORIDADE DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUEZES

NA COSTA D'AFRICA OCCIDENTAL,

PARA SERVIR DE ILLUSTRAÇÃO

Á CHRONICA DA CONQUISTA DE GUINÉ POR *AZURARA*,

PELO

VISCONDE DE SANTAREM,

Da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e de um grande numero
de Academias e Sociedades sabias estrangeiras.

PARIZ.

NA LIVRARIA PORTUGUEZA DE J.-P. AILLAUD,

QUAI VOLTAIRE, Nº 11.

1841.

INTRODUCÇÃO.

Quando o celebre Christovão Colombo descobrio o Novo-Continente, nenhuma nação da Europa tinha noticia da existencia daquella parte do globo; nenhum maritimo tinha tentado attravessar o Oceano Atlantico afim de buscar um novo mundo ao Oeste. Mas depois de feito aquelle grande descobrimento, e de passado o primeiro enthusiasmo, não só se buscou diminuir-lhe o valor, e importancia, por todos os meios que a inveja tem quasi sempre á sua disposição, mas tambem aventureiros de todas as nações corrêrão, tempos depois, áquellas regiões pela estrada que o eminente talento daquelle grande homem, e a fortuna de *Pedro Alvares Cabral*, lhes tinha aberto, e facilitado.

Em quanto pois aquelles aventureiros se dirigião ao Novo-Continente, e buscavão por todos os meios clandestinos, e até pelos da força, estabelecer-se naquellas

regiões, que alias tinhão sido descobertas á custa do sangue e do oiro dos Hespanhóes e dos Portuguezes, começárão por outra parte os eruditos, principalmente do xvii° seculo, das diversas nações maritimas da Europa, a desenterrar antigas tradições extrahidas dos AA. da antiguidade classica, e dos da Idade Media, afim de provarem que a America tinha sido conhecida antes do descobrimento de *Colombo*. As passagens dos livros de Platão, d'Aristoteles, de Diodoro de Sicilia, de Possidonio, de Strabo, de Seneca, de Plinio, de S. Clemente d'Alexandria, d'Eliano, d'Apuleo, e d'Origenes, sobre a existencia de um continente separado do nosso, servírão de thema para diminuirem a gloria de Colombo. A esta polemica seguio-se a das pretenções de varias nações á prioridade daquelle descobrimento. Os AA. do Norte a reclamárão prevalecendo-se do texto, e d'algumas passagens da obra d'Adam de Breme, de Torpheo, e de Gotlob-Fritsch; os Venezianos das viagens dos dois *Zenos*; e os Normandos não forão menos diligentes em sahirem a campo em tempos posteriores para reclamarem tambem a mesma prioridade. De igual modo o feito illustre da passagem do *cabo Tor-*

mentoso pelo grande Vasco da Gama (que foi uma consequencia necessaria dos descobrimentos feitos no tempo do Infante D. Henrique) foi recebido por toda a Europa com incrivel enthusiasmo. A passagem do cabo da *Boa-Esperança,* e os immensos proveitos que a geografia e o commercio della colhêrão, excitárão a admiração de todas as nações e de todos os escriptores desde os fins do seculo xv° e durante todo o xvi°.

Mas poucos annos depois de Vasco da Gama ter mostrado aos maritimos de toda a Europa admirada e sorprehendida este novo caminho, que lhes tinha aberto para os ricos paizes do Oriente, aventureiros de outras nações se dirigírão áquellas regiões pela via que o grande espirito, e valerosa decisão daquelle almirante portuguez lhes tinha ensinado; em quanto os eruditos, principalmente do seculo xvii°, não satisfeitos com o que a respeito de Colombo tinhão praticado, tratárão de diminuir igualmente a gloria do grande feito de Gama. Descobrírão a passagem de *Herodoto*, tantas vezes citada, sobre a circumnavegação d'Africa por uma expedição feita no tempo de *Necos*, afim de mostrarem que o valeroso almirante tinha apenas achado o que já era

conhecido na antiguidade, e até o sabio *Wesseling* indicou que a publicação da primeira edição d'*Herodoto* tivéra uma grande influencia na viagem de Vasco da Gama, como se antes de tal publicação os Portuguezes instruidos, e em uma epoca em que os estudos classicos erão fructuosamente cultivados entre nós, podessem ignorar as passagens relativas aos *periplos* da antiguidade que se encontrão nos antigos AA.!

Nós reconhecemos a indubitavel influencia das antigas tradições classicas da antiguidade, e da Idade Media, sobre os grandes homens do xv° seculo; mas esse conhecimento, longe de diminuir os altos feitos que praticárão, e os notaveis descobrimentos que fizerão, antes mais realça a sua gloria.

Como quer que seja, Huet (1), Pluche, Knœfs, Rennell (2), Montesquieu (3), Francisco Paris (4), Nie-

---

(1) *De navigationibus Salomonis.*

(2) Système de la géographie d'Hérodote.

(3) Esprit des Lois, liv. XXI.

(4) Analyse de la Dissertation pour prouver que les anciens ont fait le tour de l'Afrique, et connu ses côtes méridionales. (Mém. de l'Acad. des Inscript. — Hist., t. VII, p. 79.)

buhr (1), Gesner (2), Larcher (3), Michaëlis (4), Forster (5), Heeren (6), sustentárão e admittírão a prioridade da circumnavegação d'Africa pelos antigos; outros, como Gossellin (7), Mannert (8), De Murr (9), Walckenaer (10), Malte-Brun (11), Pardessus (12), e outros, não admittem tal circumnavegação.

A prioridade da passagem do cabo Bojador pelos Portuguezes, e os primeiros descobrimentos desta nação na costa occidental d'Africa, tiverão igual sorte;

---

(1) Voyages en Arabie, p. 265.

(2) Prel. de Phœnitium extra columnas Herculis navigationibus, na sua *Orphica*.

(3) Hist. gén. du comm. et de la navigation des Anciens. Lyon, 1763.

(4) *Vide* este A. no seu *Spicilegium geographiæ Hebræorum*, etc., Pars I, p. 82 et 103.

(5) Découvertes et Voyages dans le Nord, t. I, p. 10.

(6) De la Politique et du Commerce, t. II, p. 87 et suiv.

(7) Recherches, etc., t. I, p. 199-216.

(8) Geografia dos Gregos e dos Romanos.

(9) Journal pour l'Hist. des Arts, t. VI, p. 112.

(10) Vies de plusieurs personnages célèbres, etc., t. I, p. 109. Vie d'Eudoxe de Cyzique.

(11) Précis de Géographie univ., édit. de 1831, t. I, p. 78 et 80.

(12) Introduction au Tableau du Commerce, etc., p. 42 à 52.

grande, e geral admiração dos contemporaneos, universal applauso dos historiadores e geografos dos seculos xv° e xvi° pela serie de descobrimentos feitos durante a vida do illustre Principe que os intentára, e conseguíra, e que forão continuados nos reinados de D. Affonso V e D. João II.

Mas apenas se espalhou na Europa a noticia delles, e que alguns pilotos portuguezes, munidos de cartas nauticas portuguezas, trahindo o seu dever pelos convites de premios e promessa d'avultados interesses, forão ensinar a derrota daquellas paragens a aventureiros estrangeiros, e os conduzírão áquellas regiões, desde então esses aventureiros aprendêrão o caminho que té alli absolutamente ignoravão; outros podérão obter dos Portuguezes noticias que os habilitárão a poder alli aportar; outros finalmente aproveitárão-se das cartas e memorias que o mesmo governo portuguez varias vezes mandou communicar a estranhos reinos (1). Todavia até aos fins do seculo xvi° nenhum escriptor estrangeiro nos disputou

---

(1) *Vide* a nossa obra intitulada: *Recherches historiques, critiques et bibliographiques sur Améric Vespuce et ses voyages.*

a prioridade dos nossos descobrimentos na costa occidental d'Africa ; sómente no meado do seculo XVII°, seculo fertil em taes disputas , se apresentou um certo *Villaut de Bellefond*, viajante francez , reclamando , *sem prova alguma*, a prioridade daquelles descobrimentos a favor dos maritimos de Dieppe , que, segundo elle, tinhão fundado estabelecimentos na Guiné em 1364. Varios escriptores o copiárão depois , e posto que os mais sabios geografos de todas as nações que escrevêrão depois de Villaut, e mesmo alguns dos Francezes, não admittírão aquella supposta prioridade , comtudo tres obras importantes , publicadas nestes ultimos annos em França , vierão de novo ressuscitar a pretenção da dita supposta prioridade dos descobrimentos dos Dieppezes, fundando-se principalmente na relação daquelle viajante do meado do seculo XVII°.

Restabelecer pois os factos, e mostrar com documentos de indubitavel fé que a tal pretendida prioridade dos descobrimentos dos maritimos de Dieppe no seculo XIV° *é insustentavel*, tal é o objecto da presente memoria.

Julgamos cumprir um dever para com o nosso paiz em não guardar silencio em assumpto tão grave, no qual in-

teressa não só a antiga gloria delle, mas tambem *a historia da geografia*. Resta-nos todavia o sentimento de nos vermos obrigados a circumscrever-nos nos estreitos limites desta memoria, sendo a materia alias digna de uma obra extensa que devêra ser acompanhada de documentos, e de provas mais numerosas do que as que produzimos. Temos comtudo a esperança de vêr ainda um dia realizado este nosso desejo. Os documentos são numerosissimos, e felizmente uma grande parte delles existe nos archivos de Portugal, outros se encontrão em diversas bibliothecas; não será portanto difficil convencer os homens imparciaes da justiça dos nossos direitos, e da boa fé que nos dictou este escripto; e se os Portuguezes podem com razão ser considerados como usurpadores da supposta prioridade dos descobrimentos dos maritimos de Dieppe, como um moderno escriptor normando lhes chama sem prova alguma.

MEMORIA

SOBRE

A PRIORIDADE DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUEZES

NA COSTA D'AFRICA OCCIDENTAL.

---

§ I.

Das pretenções de um escriptor dos nossos dias de terem os Normandos abordado ás costas d'Africa antes dos Portuguezes.

Funda-se o dito escriptor em que no IX° seculo os navios destes piratas famosos devastárão todos os paizes do littoral desde o Elba até ao estreito de Gibraltar, e penetrando no Mediterraneo assolárão as costas de Hespanha, da Provença, e da Italia, que em 825 devastárão Sevilha, em 845 aportárão á Galiza, e entrárão no Tejo donde forão repellidos; e destes factos que alias são confirmados pelo testemunho de escriptores contemporaneos, isto é do IX° seculo, e dos tempos immediatos, tanto Christãos como Arabes, destes factos, dizemos, deduz o mesmo escriptor as conjecturas seguintes: 1ª que depois que elles se estabelecêrão na Neustria devião conservar relações com os Mouros de Hespanha, e por tanto com os de Africa, e que desta sorte, desde o começo do XIII° seculo, os Normandos conservárão relações commerciaes com os Mouros, e os seguírão na costa de Africa.

2ª Que até ao seculo XIV° as suas navegações devião

limitar-se ao littoral da antiga Mauritania, e pararem no cabo *Não*, limite de todas as navegações dos antigos.

3ª Que os Normandos deverião por algum tempo limitar as suas navegações aos confins da Mauritania, e que se não póde duvidar de que elles deixassem desde então de conhecer as ilhas Canarias, sendo alias tão vizinhas do continente.

§ II.

Observações sobre estas conjecturas, prioridade daquelles navegações pelos Portuguezes muitos seculos antes das suppostas relações dos Normandos com a Africa.

Ainda quando estas conjecturas repousassem sobre algumas passagens de escriptores contemporaneos, nas quaes se indicasse que os Normandos tinhão frequentado a Africa desde o IXº até ao XIIIº seculo, e principalmente as *Canarias*, archipelago que durante a Idade Media fôra um dos tres pontos (1) de apoio, ou uma das bases escolhidas pelos povos do Occidente para estenderem a esphera da sua actividade, e para entrarem em relações com as partes do mundo que então lhes erão desconhecidas; ainda quando taes conjecturas, repetimos, fossem tiradas da inducção de passagens d'alguns escriptores antigos, nesse caso mesmo os Portuguezes tinhão por si a prioridade da navegação naquellas paragens.

Plutarco refere, na vida de Sertorio (2), que este

---

(1) Os outros dois pontos erão a Islandia, e mais tarde os Açores.

(2) Plut. in vita Sertor., cap. 8. Sallustio, fragm. 489.

grande capitão ; fugindo da tyrannia de Sylla (elle era do partido democratico de Mario), se derigíra á Betica (hoje Andalusia), e que achando-se alli varios maritimos da *Betica*, ou *Lusitanos,* que voltavão das ilhas do oceano Atlantico, lhe propozerão transportá-lo áquellas felizes e bellas regiões : fizerão-lhe a descripção daquellas ilhas, dizendo-lhe que erão situadas a mil estadios de distancia *da costa occidental d'Africa.*

Ora este facto, referido por um escriptor tão grave como Plutarco, e que viveo em tempo mui proximo a elle, offerece um grande argumento da prioridade que os Lusitanos ou os povos da Hispania tinhão do conhecimento da Africa occidental, e de que a frequentavão 80 annos antes da era christã.

A' vista disto os antigos Portuguezes frequentárão a Africa perto de 10 seculos antes que os Normandos ousassem passar alèm da Mancha.

Estabelecido assim este facto, passaremos a responder ás conjecturas do A. Normando que acima indicámos. As ponderações que faremos nos parecem mais plausiveis do que as do dito autor, visto que ellas serão fundadas em factos historicos e argumentos que nos parecem irrefutaveis.

É um facto historico de indubitavel fé, e attestado por diversas passagens dos escriptos dos Arabes e Christãos, que os Peninsulares que estavão sujeitos ao seu dominio, isto é desde o VIII° até ao X° seculo, servião muitos delles nas suas esquadras, outros passavão frequentes vezes a Africa, e outros finalmente, que habitavão as cidades maritimas de Portugal, entretinhão

continuadas relações commerciaes com a Africa durante o dominio Arabe.

Não se póde pois sustentar á vista destes factos que os Normandos desde a sua apparição no meiodia da Europa no seculo IXº, onde só apparecêrão como piratas, podessem ter ligado e estabelecido relações commerciaes com a Africa, e podessem desta sorte ter tido conhecimento da parte occidental daquelle continente, anterior ao dos Portuguezes, vizinhos delle, em relações immediatas com os Arabes que attravessavão o grande deserto (1), e com os Mouros; alèm de que muitos Portuguezes se instruião na geografia da Africa, nas escolas arabes que existião na Peninsula, principalmente durante a dynastia dos *Ommyades*.

Um A. francez de uma nova Historia de Hespanha (2), diz ácerca das incursões feitas pelos Normandos:

« Un fait à signaler à l'honneur de l'Espagne, soit
» chrétienne, soit arabe, c'est qu'au moment même où
» la Gaule franque allait devenir tributaire des pirates
» normands, et voir leurs bandes pillardes s'établir sur

---

(1) As relações dos Arabes de Hespanha erão taes com o interior d'Africa, que o celebre *Leão Africano* (*vide* Relação em Ramusio, part. VII, p. 78) diz que fôra um architecto de Granada que construíra em pedra o palacio do rei de *Tombuctu*, e a primeira mesquita daquella cidade africana. M. Walckenaer presume que forão os Mouros de Hespanha que fundárão aquella cidade (vide *Recherches sur l'intérieur de l'Afrique*, p. 13 et 14).

(2) *Vide* Histoire d'Espagne, par M. R. Saint-Hilaire, t. III, p. 103.

» ses côtes dévastées, les émirs de Cordoue, et jus-
» qu'aux roitelets des Asturies, surent garder leurs do-
» maines contre ces terribles visiteurs, et que les appa-
» ritions des Normands sur les côtes d'Espagne *ne*
» *furent jamais que rares et passagères*. Jamais ils n'es-
» sayèrent, comme en Neustrie, de s'y domicilier, et
» l'accueil que leur firent à plus d'une reprise les braves
» habitants de la Galice finit par leur ôter l'envie de
» retourner. »

Este escriptor, que estudou os AA. arabes e christãos da Peninsula, mostra na passagem que transcrevemos quaes forão as relações que os Normandos tiverão com a Peninsula, e vem reforçar os nossos argumentos.

Parece-nos pois que á vista do que expômos, quanto á parte da questão historica da prioridade das nossas navegações e relações com a Africa, nos tempos remotos, que esta prioridade é anterior, não só á epoca do dominio arabe e romano, mas que taes relações é de presumir que existissem com aquella parte do globo desde o tempo do dominio carthaginez, em cujas armadas servião os Lusitanos. Os Carthaginezes levárão para Africa exercitos enormes de Celtiberos, e neste grande numero entrárão os Lusitanos. Se a celebre viagem d'Hannon se realizou (1), como julgâmos, é mais admis-

(1) Sobre o *Periplo* d'Hannon, *vide* o erudito artigo *Hannon* que M. Walckenaer publicou no tomo XIII da *Encyclopédie des gens du monde*. Este Periplo foi traduzido em portuguez, e em *Ramusio* se encontra um discurso de um piloto portuguez mui curioso sobre este *Periplo* d'Hannon.

sivel a conjectura de que ella seria antes conhecida dos povos da Peninsula, do que dos habitantes das regiões septentrionaes da Europa.

Como quer que seja, uma serie infinita de passagens extrahidas dos escriptores gregos, romanos, arabes, e dos dos ultimos tempos da *Idade Media*, que por brevidade omittimos, prova chronologicamente que as nossas relações com a Africa não experimentárão interrupção desde a mais remota antiguidade, até ás expedições do Infante D. Henrique, epoca na qual taes relações tomárão um caracter positivo de descobrimento, e de colonisação.

§ III.

Observações sobre as primeiras asserções do capitulo I° da *Notice historique sur le Sénégal et ses dépendances.*

Tendo deixado acima demonstrado que, ainda mesmo que fossem admissiveis as conjecturas do A. da obra alias curiosa, intitulada : *Recherches sur les voyages et découvertes des Normands,* a prioridade das navegações na costa d'Africa pertencia aos povos da Peninsula hispanica, e não aos Normandos, passaremos agora a mostrar que não tem melhor fundamento as asserções sustentadas no cap° I° da introducção historica da excellente *Notice historique sur le Sénégal et ses dépendances*, publicada em Pariz no anno passado.

Alli se diz o seguinte : « Les premières expéditions des » peuples modernes pour la côte occidentale d'Afrique » datent du milieu du XIV^e siècle ; elles furent entre- » prises par les Français, habitants de Dieppe, et non,

» comme on l'a cru longtemps, par des Portugais et
» des Espagnols. En 1365, des négociants de Rouen,
» s'étant associés à des marins de Dieppe, commencèrent
» à établir des comptoirs et des entrepôts de commerce
» sur la côte occidentale d'Afrique, depuis l'embou-
» chure du Sénégal jusqu'à l'extrémité du golfe de
» Guinée C'est alors que furent successivement formés
» les établissements français du Sénégal, de la rivière
» de Gambie, de Sierra-Leone, et ceux de la côte de
» Malaguette (qui portaient les noms de *Petit Dieppe*
» et de *Petit Paris*), et que furent construits des forts
» français à la Mine d'Or, sur la côte de Guinée, à
» Acra et à Cormentin. »

Como todas estas asserções assentão sobre uma data para justificarem a prioridade dos seus estabelecimentos na Africa occidental sobre os nossos, e esta é a do anno de 1365; e sendo em taes discussões a chronologia o mais importante ponto dellas, recorreremos tambem não a uma data sem prova de documento authentico, mas sim a uma de documentos authenticos, e contemporaneos, que é anterior áquella, e que prova que já antes de 1336, isto é 29 annos antes, tinhamos começado as nossas navegações alèm do cabo de Não. (Veja-se a carta d'elRei D. Affonso IV ao papa Clemente VI. Memorias d'Academia, tom. VI, P. 1ª, e Additamentos publicados em 1835. Vejão-se igualmente os documentos extrahidos dos apontamentos autographos de Boccaccio que Ciampi copiou na bibliotheca Magliabechiana de Florença (1).) Perto de

(1) Mem. do Sr J. J. da Costa de Macedo, na qual aquelle sabio

dois seculos antes, Edrisi nos cita uma expedição partida de Lisboa e que abordou ás ilhas situadas perto d'Africa. (*Vid.* Humboldt, *Examen critique*, tom. II, pag. 139.)

A' vista disto fica indubitavel que ainda mesmo quando fosse verdade o que se avança naquella obra, *Notice*, *etc.*, nós tinhamos precedido os Francezes na exploração daquellas paragens nos tempos modernos. Por nossa parte existem os documentos, a maior proximidade dos dois paizes, e alèm disso todas as probabilidades; e por parte dos Dieppezes não existem nem documentos daquellas epocas, alèm de ficarem mais distantes do que nós, e em nenhum contacto no XIVº seculo com os Mouros, como então se achavão os Portuguezes.

Se acaso aquelles suppostos estabelecimentos francezes tivessem alli sido fundados em 1365 como elles dizem, terião sido indicados nas minuciosas cartas feitas immediatamente depois, e pelo menos a parte hydrografica daquellas costas alli se acharia marcada; mas pelo contrario na carta de *Pizigani* de 1367 não se encontra o menor vestigio do conhecimento daquelle paiz, e ainda menos de estabelecimentos europeos. No famoso Atlas Catalão da Bibliotheca R. de Pariz, que é posterior de mais de 10 annos áquella data (1), e lendo-se alli uma nota da viagem do Catalão Jacques Ferrer ao

---

academico prova por documentos incontestaveis a epoca daquellas navegações.

(1) Sobre a verdadeira data deste Atlas, que alias alguns geografos tem lido 1375, tem havido alguma controversia.

Rio do Oiro em 1346, não se encontra uma só palavra sobre os estabelecimentos francezes na costa d'Africa, o que de certo não teria escapado ao autor se na realidade taes estabelecimentos alli tivessem sido fundados 10 annos antes, e tivessem recebido as denominações indicadas em a *Notice historique*. Esta circumstancia não teria escapado ao autor do Atlas, quando alias enriqueceo as suas cartas com grande numero de notas do mais alto interesse para a historia da geografia do xiv° seculo, e entre ellas a seguinte perto da costa de Guiné: « Per aquest loch pasen los marchaders que entren en la terra del negres de Guineva, le qual pas es appelet Vall de Darha. » Como seria possivel que os Catalães, cujo commercio e cujas relações com as outras nações erão tão extensas naquelle seculo, podessem ignorar que os maritimos de Dieppe e de Roão não só tinhão chegado ao Senegal, mas, o que é mais, que alli tinhão fundado estabelecimentos commerciaes que datavão já de 10 annos quando se ultimou aquelle Atlas?

Como era possivel ignorar-se isto em toda a Europa em um seculo em que a geografia fazia já os mais rapidos progressos, e que recebia o grande impulso que as viagens de Marco-Paulo, de Mandeville, de Plano Carpino, de Rubruk, tinhão dado a este estudo que alias occupava todos os homens eminentes desde Raymundo de Lulle, e de Rogerio Bacon?

As relações commerciaes de um povo europeo, no estado em que se achava a Europa no xiv° seculo, não se podião occultar das outras nações, e muito menos as dos maritimos da Normandia se podião occultar aos

2

Portuguezes, que naquelle seculo alli commerciavão, como é attestado por varios documentos que extrahimos dos archivos de França.

Fillippe VI de Valois concedeo em maio e setembro de 1341 varios privilegios aos mercadores portuguezes que commerciassem com Harfleur (1).

Em outubro de 1350, João II, chamado o Bom, rei de França e duque de Normandia, confirmou em favor dos commerciantes portuguezes as cartas que elRei seu pai lhes havia concedido para commerciarem com a Normandia (2).

Finalmente por outra carta datada de Pariz em julho de 1362, o mesmo rei confirma outros privilegios commerciaes concedidos aos Portuguezes (3).

A' vista pois destes documentos, como é possivel duvidar-se que aos negociantes portuguezes que estavão estabelecidos em a Normandia, e aos que alli vinhão commerciar, se não podia occultar a existencia das suppostas navegações dos Normandos em a costa d'Africa, e ainda menos que elles alli tinhão fundado estabelecimentos commerciaes, cujo commercio, segundo se diz em a *Notice historique*, consistia «dans l'échange de » toiles, de couteaux, d'eau-de-vie et de verroteries, » contre des cuirs, de l'ivoire, des plumes d'au-

---

(1) Archivos de França. *Trésor des Chartes*, reg. 80, nº 92, fol. 47.

(2) Archivos de França, reg. 80, p. 47, vº.

(3) *Ibid.*. registo nº 91, nº 299, p. 152.

» truche, de l'ambre gris et de la poudre d'or (1) ? »

Ora um tal commercio não se podia fazer ás escondidas, e não podia escapar á vigilancia dos commerciantes estrangeiros que residião ou frequentavão a Normandia no XIV° seculo, tanto mais que os proveitos erão immensos, como diz a mesma *Notice historique*. « Il procura d'immenses bénéfices à la ville de Dieppe, » et y donna naissance au travail de l'ivoire. »

Alèm disto o silencio de todos os autores contemporaneos ácerca da existencia dos taes suppostos estabelecimentos, é um fortissimo argumento contra estas pretenções d'alguns modernos escriptores francezes (2), não se

---

(1) Esta passagem é uma repetição das asserções de *Villaut*, A. que alias escreveo tres seculos depois, e do qual tratâmos em outro logar. *Balbi* (Essai statistique sur le Portugal, t. I, p. 404), no periodo commercial de 1500 a 1595, diz : « *Les Portugais firent pendant* ce siècle le commerce exclusif de l'Afrique, etc. *Les manufactures françaises* et anglaises *n'existaient pas encore ;* à peine les manufactures de laine commençaient-elles à prospérer en Angleterre. »

(2) Sobre este silencio dos escriptores francezes do XIV° seculo faremos aqui menção do mais celebre dos historiadores desta nação, isto é de *Froissard*, o qual, alèm de ser contemporaneo, escreveo as chronicas de França, d'Inglaterra, d'Escocia, de Hespanha e de Bretanha, desde 1326 até 1400. A sua historia abrange portanto a epoca dos taes suppostos descobrimentos dos maritimos de Dieppe, e dos inculcados estabelecimentos que *Villaut* diz haverem elles alli fundado. Ora este chronista, que já na idade de 20 annos se occupava com enthusiasmo dos estudos historicos, que não só visitára todas as provincias de França afim de buscar noticias e documentos para enriquecer a sua historia, mas que viajou e residio em

achando alèm disso taes estabelecimentos marcados nas cartas posteriores a 1365, em quanto, por outra parte, os Portuguezes e toda a Europa no seculo seguinte julgárão que nenhuns navegadores tinhão passado alèm do *Cabo Bojador*. No meado do seculo xv°, a historia de todos os povos da Europa mostra só uma exclusiva admiração pelo facto temerario de terem ousado os Portuguezes passar alèm da meta em que té alli todos os navegantes tinhão parado.

Azurara, na chronica inedita *da conquista de Guiné*, diz no cap° 7°, fallando das razões pelas quaes o infante D. Henrique foi movido a mandar buscar as terras de Guiné :

« . . . . . E por que elle tinha vontade de saber a terra

Inglaterra, cujo paiz tinha tantas relações com a Normandia, que visitou para o mesmo objecto a Italia onde tanto se occupavão de materias geograficas e commerciaes, não é de presumir que passasse em silencio taes descobrimentos feitos pelos seus compatriotas se elles na realidade tivessem existido. Um biografo deste celebre historiador diz com razão :

« *Il ne se passait rien de nouveau dont Froissard ne voulût être* » *témoin.* »

Elle fez de proposito uma viagem a Bruges, como elle diz, para se informar dos Portuguezes que alli residião de alguns factos e noticias que lhe servírão para a composição do liv. III da sua Historia, e foi passar seis dias em *Middelburgo* na Zelandia em companhia do cavalheiro Postelet, *vaillant homme et sage*, *et du conseil du roi de Portugal*. Não parece pois que a tal indagador podesse escapar um facto tal, qual era o do descobrimento da Guiné pelos maritimos de Dieppe.

» que hya alem das ilhas de Canaria, e de um cabo
» que se chama Bojador, *por que ataa aquelle tempo,*
» *nem por escriptura, nem por memoria de nenhuns*
» *homens nunca foe sabudo determinadamente a*
» *callidade da terra que hya alem do dito cabo.* »

O testemunho deste chronista é da maior importancia historica, conforme todas as regras da critica: 1º por ser contemporaneo, 2º por que escreveo sobre documentos authenticos, 3º por que era um dos homens mais sabios e mais instruidos não só do seu paiz mas do seu tempo, 4º emfim por que elle cita com conhecimento de causa não só muitos factos da historia da França, mas até conhecia muitas obras e Mss. francezes dos dois seculos precedentes, e portanto do seculo xivº, seculo, no qual os modernissimos escriptores francezes dizem que os Dieppezes fundárão estabelecimentos na Africa occidental, e portanto nem elle nem Affonso Cerveira tampouco (do qual elle copiou as relações sobre os descobrimentos d'Africa), podião ignorar se os Francezes alli tivessem fundado anteriormente os suppostos estabelecimentos de que se trata; mas Azurara não diz a este respeito uma palavra, e nenhum dos navegantes portuguezes que explorárão a Africa desde o cabo Bojador até alèm da equinoxial, não dizem tampouco uma só palavra de terem encontrado vestigios de alli ter hido algum povo europeo. Citaremos ainda outro escriptor contemporaneo, isto é do seculo xvº, *Luis de Cadamosto*, o qual, em razão de ser estrangeiro, tem tambem grande importancia no que diz a este respeito.

Cadamosto partio por ordem do infante em 1444 (1). No capº 15 diz fallando do Senegal « que a maré sobe » pelo rio até 60 milhas, segundo a informação que » *tive dos Portuguezes* que estiverão com as caravellas » por elle acima. »

No capº 20, fallando dos negros destas paragens, diz :

« Não tem navios, nem *nunca* os virão, salvo despois » *que tiverão conhecimento dos Portuguezes.* »

No capº 30 diz :

« Estes negros, tanto homens como mulheres, vinhão » ver-me por maravilha ; parecia-lhes cousa extraordi- » naria ver christãos *nunca até então vistos*, e não » menos se admiravão do meu traje do que da minha » *brancura.* »

O mesmo viajante, na segunda viagem, diz capº 2 fallando dos negros que habitão entre o Senegal e cabo Verde :

« E muito se *maravilhárão do nosso navio*, e do » modo por que navegavamos com vélas. Admiravão- » se de ver *homens brancos.* »

Os interpretes negros que Cadamosto levava, bem como os que levavão os outros capitães portuguezes, tinhão apprendido a lingoa portugueza em Portugal, a onde tinhão sido precedentemente trazidos do Senegal pelos primeiros Portuguezes que descobrírão aquella terra e suas dependencias. (*Vid.* Cadamosto, capº 36.)

---

(1) Fixámos esta data que foi a que se acha determinada na publicação da Academia R. das sciencias de Lisboa ; comtudo ella é sujeita a uma discussão chronologica, que reservâmos para outra parte.

Não citaremos sobre este assumpto nem as outras chronicas do reino, nem mesmo outros escriptores, apesar da importancia e autoridade das suas obras, por que estão já fóra do limite que a critica fixa na importancia dos testemunhos historicos, visto que pela maior parte são posteriores á epoca daquelles descobrimentos. Todavia as Decadas de *Barros* tem tal autoridade, que julgâmos a proposito citar a seguinte passagem, a qual prova e reforça os testemunhos que acima produzímos. Aquelle grande historiador, fallando da impressão que os nossos descobrimentos d'Africa tinhão produzido na Europa no seculo XV°, diz :

« E neste tempo por toda a Europa se fallava *no des-* » *cobrimento da Guiné como na maior nova cousa que* » *se podia dizer,* e os homens que o seguião erão esti- » mados em preço de cavalleiros, e de grande animo. » (Decad. 1, c. 7.)

Fica pois provado : 1° Que as principaes cartas e Atlas do seculo XIV° posteriores ao anno de 1365 não marcão nenhum estabelecimento francez na Africa occidental.

2° Que se taes estabelecimentos francezes tivessem sido fundados naquella epoca, não podião ser ignorados das nações da Europa, e menos dos commerciantes portuguezes estabelecidos em a Normandia, e dos que a frequentavão.

3° Que da chronica das expedições portuguezas á costa d'Africa começadas meio seculo depois, resulta a prova de que até áquella epoca não se sabia na Europa que algum navegante tivesse passado alèm do cabo Bojador.

4º Finalmente, que pelo testemunho de um dos mais celebres viajantes do meado do seculo xvº se mostra que elle não encontrára vestigio algum de outros Europeos terem alli aportado á excepção dos Portuguezes.

§ IV.

Mostra-se que os Portuguezes descobrírão, no seculo xvº, a parte occidental d'Africa desde o cabo Bojador até alèm do grande golfo de Guiné; que ao descobrimento seguio-se a conquista de muitas destas partes, e a fundação d'estabelecimentos militares e commerciaes, tratados com os soberanos do paiz. Titulos legitimos de posse e reconhecimento de direito por todos os soberanos da Europa, sem exceptuar os de França.

Tendo provado no precedente §º que os AA. francezes não mostrão nem por documentos historicos, nem por passagem alguma dos autores do seculo xivº, terem navegado alèm do *cabo Bojador,* e ainda menos terem fundado estabelecimentos na Africa occidental naquella epoca, diremos agora que os Portuguezes no seguinte seculo descobrírão successivamente, depois do anno de 1415 até ao fim do reinado d'elRei D. João II (1495), toda a costa d'aquelle continente desde o dito cabo Bojador até alèm do grande golfo de Guiné, e mesmo do cabo *Tormentoso* (viagem de Bartholomeu Dias em 1486). Diremos que este descobrimento é authenticado por mil documentos e pelos escriptores contemporaneos. A este seguio-se a fundação d'estabelecimentos commerciaes, e de fortalezas para manter a posse e

ao mesmo tempo o respeito dos habitantes, e repellir as tentativas que os aventureiros de outras nações podessem fazer contra aquelles estabelecimentos. Esta posse e esta acquisição ratificou-se alèm disso por tratados e convenções feitas com os chefes ou reis das differentes nações africanas; e alèm de todos estes titulos legitimos, e conformes com o direito das gentes, os reis de Portugal fizerão julgar essa legitimidade do descobrimento e da posse pelo papa, juiz commum e suprêmo que todos os soberanos da Christandade então reconhecião como arbitro em todas as questões; e el-Rei D. João II declara-se *senhor de Guiné* (1485) (1), e assim se mantêm e conservão estas conquistas nas mãos e poder dos Portuguezes até que a fatal batalha d'*Alcacer*, e a perda da independencia do reino, que a ella se seguio, no fim do seculo XVI°, fez cahir principal-

---

(1) Os geografos francezes mais instruidos reconhecem estes factos apesar das pretenções d'alguns escriptores modernos desta nação que se deixárão illudir pela relação de *Villaut* da qual logo trataremos.

M. *d'Avezac*, um dos homens mais instruidos na geografia d'Africa, diz no seu excellente artigo *Guinée*, publicado na *Encyclopédie des gens du monde*, o seguinte:

« Le roi Jean II de Portugal, peu de temps après, ajoute à ses » titres officiels celui de *seigneur de Guinée;* toutes les côtes jus-» qu'alors reconnues par ses sujets, ainsi que la mer sillonnée par » leurs caravelles, semblèrent désormais former un seul domaine, » *dont une prise de possession solennelle était constatée.* »

Vide Walckenaer, — Recherches sur l'intérieur de l'Afrique, no §° que começa : Les Portugais *qui ouvrirent aux nations de l'Europe la carrière des découvertes*, etc., p. 30.

mente nas mãos dos Hollandezes uma parte daquelles estabelecimentos. É comtudo um facto provado por numerosos documentos, que nenhum soberano de França disputou a prioridade daquelles descobrimentos e daquellas conquistas aos reis de Portugal, que nenhum protestou contra aquelles titulos, finalmente que nem nos AA. contemporaneos, nem nos archivos das duas nações, encontrámos vestigios de que os Francezes reclamassem ou pretendessem oppôr direitos aos que Portugal estabeleceo e sustentou.

Nenhum dos soberanos de França protestou, antes pelo contrario reconhecêrão, conforme o direito publico daquella epoca, a bulla de 8 de janeiro de 1450 de Nicolao V que concedeo a elRei D. Affonso V todas as conquistas que o infante D. Henrique tinha descoberto (1). Nenhum protestou, antes todos reconhecêrão as disposições da outra bulla do mesmo papa de 8 de janeiro de 1454, pela qual ratifica a elRei D. Affonso V e ao infante D. Henrique, e a todos os reis de Portugal seus successores, todas as conquistas d'Africa, com as ilhas nos mares adjacentes *desde o cabo de Não e Bojador té toda a Guinea com toda a sua costa meridional, com todos os direitos, e regalias*, prohibindo que ninguem podesse navegar naquelles mares sem sua autoridade (2). Nenhum dos soberanos de França protestou contra a outra bulla de 13 de março de 1455 do papa

---

(1) Archivo real da Torre do Tombo. Maç. 32 de Bullas, nº 10.

(2) *Ibid.* Maç. 7 de Bullas, nº 9, e Maç. 33, nº 14. Dumont, Corps diplom., t. III, part. I, p. 200.

Calixto III, pela qual aquelle pontifice determinou, que o descobrimento das terras d'Africa occidental, assim adquirido por Portugal, como do que se adquirisse, o não podessem fazer senão os reis de Portugal, e confirmando igualmente as bullas de Martinho V e de Nicolao V sobre o mesmo objecto (1). Não protestárão tampouco os Francezes contra a outra bulla de Xisto IV de 21 de junho de 1481, chamada da adjudicação das conquistas, e de confirmação da de Nicolao V (2).

Por muito estranho que possa parecer no estado actual das ideas a citação destes documentos como fundamentos de direito, observaremos que, quando se discute e examina a legalidade dos titulos, é essencial que não falte requisito algum que constitua essa legalidade na origem da acquisição. Os nossos titulos ao descobrimento e posse da Africa occidental, desde o cabo de Não até ao cabo da Boa Esperança, remontão á epoca na qual aquelle direito publico era admittido; consequentemente, os documentos citados são ainda muito importantes como fundamentos e requisito indispensavel da causa julgada em tempo competente.

Se destes fundamentos passâmos a examinar os do direito publico convencional, vemos que os Francezes não protestárão tampouco contra o tratado de 1479 celebrado entre Portugal e Hespanha, no qual se estipulou que o commercio e navegação da *Guiné* e da

---

(1) Archivo real da Torre do Tombo. Gav. 7, M. 13, nº 7, e Liv. dos Mestrados, fol. 159 e 165.

(2) *Ibid.* Maç. 9 de Bullas, nº 1; M. 12, nº 23.

Mina do Oiro, e a conquista de Fez, ficassem pertencendo *exclusivamente* a Portugal (1). Não protestárão tampouco os Francezes contra o outro tratado de 10 d'abril de 1488, celebrado igualmente entre Portugal e Hespanha, sobre as possessões portuguezas, e terras e ilhas situadas desde o cabo de Não e Bojador até á Guiné (2), nem tampouco contra o famoso tratado de *Tordesillas* de 4 de maio de 1493 (3).

É pois constante que os soberanos de França não protestárão, nem se opposêrão a que os direitos de Portugal ao descobrimento e posse daquelles territorios fossem assim sanccionados pelo direito publico e pelo das gentes, antes consentírão na publicação de obras que se imprimírão em Pariz com sua licença, nas quaes nos principios do seculo XVI° se mostrava a prioridade dos nossos descobrimentos na costa occidental d'Africa alèm do cabo Bojador até á Guiné inclusive. Citaremos entre outras a collecção de viagens, hoje rarissima, publicada em Pariz por *Philippe Le Noir*, em 1513, reinando Luis XII, com o titulo : *Nouveau-Monde et navigations faites dans les pays et îles auparavant inconnues*, etc. ; é uma traducção da collecção italiana de Zorzi, publicada em Vicenza em 1507, em a qual o 1° livro tem o titulo, — Libro *de la prima navigatione per l'Oceano a la terra di Negri de la Bassa Etiopia per*

---

(1) *Vid.* Zurita, Annaes do Aragão, part. II, liv. XX, cap. 34.

(2) Archivo R. da Torre do Tomb. Gav. 18, Maç. 6, n° 17.

(3) *Vid.* Prov. da Hist. Geneal. de Souza, e Dumont, *Corps dipl. univers.*, etc.

commandamento del illustro signor infante don Henrich, fratello de don Doarth, re de Portogallo. Os mesmos Francezes concedêrão licença para a impressão de uma segunda edição da de 1513; esta segunda edição foi publicada em 1516, reinando Francisco I°.

O governo portuguez manteve os seus direitos, e a posse daquellas conquistas, e o seu commercio exclusivo com ellas, não só durante o seculo XV°, mas tambem até aos fins do XVI°.

Para provarmos aqui esta asserção com alguns exemplos, limitamo-nos a citar os seguintes factos:

No anno de 1492, os Francezes capturárão contra os tratados uma caravella da Mina. ElRei de Portugal mandou fazer represalia em 10 navios grossos que se achavão no Tejo, e depositar as mercadorias na Alfandega, e mandou fazer o mesmo aos navios daquella nação que se achavão surtos em Setubal. ElRei de França (Luis XII) mandou restituir a caravella, e elRei de Portugal fez o mesmo a respeito dos navios francezes (1). No anno de 1495 os reis catholicos mandárão entregar a elRei de Portugal o piloto portuguez João Dias, o qual tinha sido cumplice, em companhia de certos Francezes, do roubo de uma caravella portugueza que vinha da Mina, á qual roubárão 20,000 dobras (2). O governo francez reconhecia tanto os nossos direitos, que em

---

(1) Resende, Chronic. d'elRei D. João II, cap. 146.

(2) Archiv. R. de Simancas, documento apud Navarrete, t. III, p. 515, n° 32.

28 de junho de 1532, o grande almirante de França deu *ordem de prohibição de hirem navios francezes a Guiné*, conforme á reclamação feita pelo embaixador portuguez (1).

Ora se os Francezes tivessem sido os primeiros descobridores da Guiné, e alli tivessem fundado estabelecimentos anteriormente aos Portuguezes, o grande almirante de França passaria uma ordem de prohibição tal? Certamente não.

Este documento só basta para provar que os nossos direitos ao commercio exclusivo, e á posse daquella parte da Africa occidental, erão plena e publicamente reconhecidos pelo governo francez. Mas o que é mais positivo ainda, é que Francisco I°, por cartas patentes de 27 d'agosto de 1536, mandou restituir as tomadias que os piratas francezes havião feito em alguns navios portuguezes vindos das conquistas, e castigar os culpados como quebrantadores da paz (2).

A' vista pois destes documentos authenticos, e das razões que deixámos substanciadas nos precedentes §§, fica evidente não só a prioridade dos nossos descobrimentos, e igualmente a da posse, da colonisação, e estabelecimentos na Africa occidental alèm do cabo Bojador, mas tambem que a França reconhecêra esta posse, e estes direitos por mais de dois seculos; direitos que

---

(1) Archiv. R. da Torr. do Tombo. Corp. chronolog., part. I, M. 49, doc. 32.

(2) Archiv. real da Torr. do Tomb. Corpo chronolog., part. I, Maç. 57, docum 94.

alias indubitavelmente contestaria se os Normandos, ou outros seus subditos, se tivessem primeiramente estabelecido naquellas paragens.

§ V.

Mostra-se que só alguns modernos escriptores francezes pretendêrão sustentar aquella supposta prioridade do descobrimento da Guiné, e que estes se fundão principalmente nas asserções de um viajante que visitou aquellas paragens 210 annos depois dos descobrimentos portuguezes.

Nenhum escriptor estrangeiro do seculo xv°, e ainda de quasi todo o xvi°, disputou aos Portuguezes a prioridade dos seus descobrimentos alèm do *cabo Bojador*, e da fundação de estabelecimentos na costa d'Africa occidental. Uma deducção extrahida das obras de todos os historiadores e geografos das diversas nações, prova sem replica esta nossa asserção.

Esta deducção fará parte das peças justificativas que juntaremos á presente memoria.

Só depois do meado do seculo xvii°, um certo *Villaut de Bellefond*, que fez uma viagem á costa de Guiné em 1666 e 1667 (1), cuja relação dedicou a

---

(1) Villaut. Relations des côtes d'Afrique appelées *Guinée*, avec la description du pays, mœurs et façon de vivre des habitants, des productions de la terre et des marchandises qu'on en apporte, avec les remarques historiques sur ces côtes. Paris, 1669, 1 vol. in-12.

Colbert, julgou a proposito, sem citar documento nem prova alguma das que exige a verdade historia, indicar que os maritimos de Dieppe tinhão sido os primeiros descobridores da Guiné, onde havião fundado estabelecimentos em 1365.

Antes de mostrarmos da maneira mais palpavel que as asserções deste viajante, quanto aos primeiros descobrimentos dos Europeos naquella parte d'Africa, não podem ser admittidas, e que se reduzem a poeira diante dos factos notoriamente recebidos e consagrados pelos tempos anteriores e pelo unanime testemunho dos escriptores dos seculos precedentes, bem como pelos documentos (*vid.* § precedente); antes pois de provarmos o que acabámos de dizer, pela analyse da obra do mesmo viajante, indicaremos aqui a seguinte particularidade interessante, a qual exclue toda a accusação de parcialidade nacional de que poderiamos ser accusados.

Em 1799 se publicou em Edimburgo a seguinte obra: *A historical and philosophical Sketch of the discoveries of the Europeans in the northern and western Africa.*

Nesta producção os AA. inglezes accusárão o viajante Villaut de falsario.

Os ditos AA. inglezes accrescentão com razão « que os » escriptores francezes e portuguezes tendo passado em » silencio um acontecimento tão notavel, as viajens dos » marchantes de Dieppe a Africa devem ser condem- » nadas ao esquecimento do mesmo modo que o sup- » posto descobrimento d'America pelos Venezianos »

Transcreveremos textualmente uma parte daquella

obra na qual se trata a questão de prioridade que o viajante francez pretendeo estabelecer.

Dizem pois os AA. inglezes : « Gil Nunes, in 1415, » was the first who passed cape Boiador, and it was » 1497 before Vasco de Gama doubled the cape of Good » Hope. The priority of discovery is, however, disputed » by the French, who pretend that the merchants of » Dieppe visited these coasts so early as 1346. Two » of their authors, Villaut and Robbé (geographers), de- » tail at some length the origin and progress of the » French settlements at El-Mina, Sestro Paris, Cabo » Monte, and Sierra Leone; *and like other historians of* » *unknown or fabulous periods, endeavour to supply the* » *deficiency of historical evidence by circumstantial mi-* » *nuteness of narration.* The authorities by which these » claims have been supported *are so nugatory as to be al-* » *most unworthy of attention.* During the civil wars, » say these authors, which occurred in the reign of » Charles VI., it is true that these African settlements » were entirely abandoned (1), but then there are various » bays and towns on the Gold Coast which still retain » their original French appellations, as *Rio Fresco* » (esta denominação é inteiramente portugueza) or the » Bay of France, Petit Dieppe, or Rio Corso, and *Ses-* » *tro* Paris, or Gran-Sestro, on the Grain Coast. Besides, » a certain bastion at fort El-mina, after various revo- » lutions, was denominated the French bastion, and

(1) Esta mesma allegação, copiada de Villaut, apparece em outras obras posteriores.

» with good reason, since it plainly had a mutilated
» inscription in which the cyphers 13 were very legible
» which must have signified 1383. *But this ingenious*
» *process of antiquarian reasoning is entirely con-*
» *futed by the obstinate silence of both the French and*
» *Portuguese historians, who would not have omitted*
» *so remarkable an event.*

» The voyages of the merchants of Dieppe to Africa
» must *therefore be consigned to oblivion, with the*
» *voyages* of the Venetian discoverers of America. »

Por esta longa passagem e por outra de *Macpherson* na sua excellente obra, *Annals of Commerce*, publicada em Londres em 1805 (t. I, 573), vemos que a pretenção de Villaut e as suas asserções forão com razão tratadas como fallazes. E acrescentaremos que apesar deste escripto a maior parte dos historiadores e geografos desde os ultimos annos do seculo XVII° até ao anno de 1832, continuárão a admittir em suas obras a verdade historica, indicando sempre a prioridade das navegações e descobrimentos dos Portuguezes na costa occidental d'Africa.

Sem embargo disto alguns escriptores francezes, dos quaes trataremos em outro logar, adoptárão sem critica nem exame algum as asserções de *Villaut*. Todavia em quanto estes escriptores menos reflectidos se limitárão a copiar as asserções daquelle viajante, a propagação de taes erros não tinha consequencias graves. Desgraçadamente porêm depois do anno de 1832 as malfundadas pretenções do viajante do fim do seculo XVII° forão de novo reproduzidas por outros de reconhecido

merito, e, o que é mais, reforçadas com argumentos todos fundados em conjecturas.

Sendo pois as ditas pretenções da supposta prioridade do descobrimento da costa d'Africa pelos maritimos de Dieppe fundadas principalmente nas asserções de *Villaut*, julgâmos a proposito mostrar rapidamente que as ditas asserções são contrarias não só aos factos e testemunhos historicos, mas até ao bom senso, reservando-nos para tempo opportuno a publicação de uma refutação complèta.

A parte principal em que *Villaut* trata da supposta prioridade dos descobrimentos dos maritimos de Dieppe acha-se no fim da descripção da sua viagem, a pag. 409, com o titulo :

« *Remarques sur les côtes d'Afrique, et notamment* » *sur la côte d'Or, pour justifier que les Français y* » *ont été longtemps auparavant les autres nations.* »

Este viajante começa dizendo que a opinião geral julgára té então « que os Portuguezes forão os primeiros » que descobrírão e habitárão estas costas, mas isto, » segundo *Villaut*, procede de um antigo erro nascido » da longa posse que elles tiverão daquellas terras, e do » grande poder que ostentárão entre aquelles povos. » Esta gloria é devida aos Francezes, e sobre todos aos » de Dieppe que alli navegárão 60 annos antes que os » Portuguezes tivessem conhecimento daquellas terras.»

Villaut fixa pois uma expedição dos maritimos de Dieppe no mez de novembro de 1364 (1).

---

(1) É de advertir que Villaut não cita mesmo A. algum precedente o qual tivesse fallado nesta expedição !

Antes de mostrarmos o erro evidente desta data, diremos que este viajante sem critica alguma prova o contrario das suas mesmas asserções relativas áquella supposta prioridade da expedição de Dieppe, mostrando em as seguintes passagens que entre aquelles povos africanos não só existião vestigios do antigo dominio portuguez, mas, o que mais é, que estas provas indicão a indubitavel prioridade dos nossos descobrimentos e nossa longa posse.

A pag. 53. — « *Il est surprenant*, diz elle, *que ces*
» *peuples qui ne savent ni lire ni écrire*, *et qui parlent*
» *tous portugais*... »

A pag. 55. — « *Rio Fresco*, *a* 14 gr. N.

» Il s'y trouve des catholiques, outre les Portugais
» qui y demeurent *en grand nombre.* »

A pag. 59. — « Tous. tant hommes que femmes,
» *parlent un portugais corrompu.* »

A pag. 69, *Villaut* nos diz que o homem encarregado dos negocios do rei de *Bouré* (Serra Leoa) era um Portuguez.

A pag. 71, falla de *la grande fréquentation* qu'ils (os naturaes) ont eue avec *les Portugais*.

A pag. 73, fallando da *Serra Leoa* : « *Pendant ces*
» *trois jours*, *plusieurs Portugais vinrent à bord avec*
» *des marchandises*.

» Serra Leoa, appelée *Boulombel* des Maures, fut
» ainsi nommée par les Portugais. »

A pag. 87, diz que no rio da Serra Leoa os Portuguezes ganhavão mais do que os outros no commercio do marfim, visto que o trazem do interior (*trafiquant le*

morphi dans les terres reculées) para o vender aos estrangeiros, isto é aos Francezes e Inglezes.

A pag. 105. No Cabo do Monte, o rei fallou a Villaut *em portuguez*. « Tous les habitants parlent le *portugais* » *corrompu*. »

A pag. 116. *Cabo Mesurado* (diz elle), assim chamado pelos Portuguezes. Apesar disto passa a fazer differentes hypotheses absurdas sobre a etymologia deste nome, e conclue será talvez « *parce que les* » *Français qui y furent autrefois massacrés crièrent* : » Miséricorde ! ! »

« Les habitants *parlent tous portugais*. » (p. 120.)

Diz que o rio dos *Cestos* fôra assim chamado pelos Portuguezes, *à cause d'une espèce de poivre qui y croît qu'ils appellent* sextos ! !

A pag. 140, *remarques sur la côte de Guinée*, Villaut diz : « Les Portugais qui y vinrent après les » Français, se voyant chassés par les Hollandais et An- » glais du bord de la mer, environ l'an 1604, se reti- » rèrent dans les terres plus avancées, et s'allièrent avec » les naturels du pays, d'où sont nés les Molattes ou » olivâtres que l'on y voit, s'étant par ce moyen telle- » ment acquis l'amitié de ces peuples, qu'ils sont la » cause que, jusqu'à présent, nous n'avons pu découvrir » le dedans de ces terres dont seuls ils font le commerce; » et qui voudrait l'entreprendre s'y perdrait, puisque, » par présents ou menaces, ils feraient tout massacrer » par les Mores. Cependant *ils vont partout et remon-* » *tent le Niger sans péril* jusqu'au *Benin*, qui sont plus » de 800 lieues.

» Ils ont causé aux Danois la perte de *Cantozi*, que » c'est une île qu'ils possédaient dans le fleuve *Niger*, » à 200 lieues au-dessus de la rivière de *Gambie*. »

A pag. 142, o mesmo viajante, tratando da autoridade que os Portuguezes tinhão sobre estes povos, diz : « Leur » autorité sur les habitants de ces côtes est si grande » qu'ils les tournent comme ils veulent, et nous ne » lisons point que jamais ils aient été massacrés, ce qui » est assez ordinaire aux autres Européens (1). Ils ont » tel empire sur eux qu'ils se font servir à table par des » fils de rois...

» Un de ceux qui vint à bord trafiquer à *Sierra* » *Leone* me dit que tous les ans ils allaient au Sénégal, » éloigné de 200 lieues de *Sierra Leone*, et que les » Mores le portaient dans les terres et ses marchandises » quand il n'y avait point de rivière. »

Esta serie de passagens, que mui de proposito extrahímos da relação daquelle viajante, prova em nosso entender que o dominio portuguez na Africa occidental remontava a seculos antes da chegada de *Villaut* áquellas paragens.

Com effeito, elle encontrou na costa e em toda a parte nomes portuguezes, e os naturaes não só fallando portuguez, mas o que é mais, é que em algumas partes aquelles povos fallavão a lingoa portugueza corrompida,

---

(1) Villaut prova nesta passagem a sua completa ignorancia da historia dos descobrimentos Se tivesse lido as Decadas de Barros, teria visto quantos Portuguezes forão massacrados pelos Africanos na primeira epoca do descobrimento.

prova de relações conservadas por longos tempos, e que os mesmos habitantes conduzião os Portuguezes pelo interior e os transportavão a logares mui remotos uns dos outros em plena segurança, o que não acontecia aos outros Europeos.

Ora vejamos agora o que o mesmo Villaut diz para sustentar a supposta prioridade do commercio dos Dieppezes naquellas paragens.

A pag. 159, — *Remarques sur cette côte* — da Malaguetta — Villaut diz que esta palavra é franceza.

Para refutar esta etymologia (1), basta-nos transcrever a seguinte passagem de *Barros* (Decad. I, fol. 33, col. 4): « Assim como da costa donde veio a primeira malagueta, » que se fez para o Infante D. Henrique, da qual alguma » que em Italia se havia antes deste descobrimento era » por mãos dos Mouros destas partes da Guiné, que » attravessavão a grande região da Mandinga e os de» sertos da Libya até aportarem no mar Mediterraneo » em hum porto por elles chamado *Mundi Barca*, e » corruptamente Monte da Barca, e de lhos Italianos não » saberem o logar de seu nascimento por especiaria tão » preciosa lhe chamarão *Grana Paradisii.* »

A' etymologia franceza que *Villaut* dá ao nome de malagueta que alias se encontra já em Barros, aquelle viajante acrescenta:

« Les Dieppois ont trafiqué longtemps sur cette côte,

---

(1) Corneille, no seu *Dictionnaire géographique*, impresso em 1708, artigo *Malaguette*, copia *Villaut*, e sem mais exame admittio a etymologia dada por este viajante.

» et mêlaient ce poivre avec celui des Indes. Avant qu'il
» fût si commun, auparavant même que les Portugais
» eussent découvert l'île de Saint-Thomé, d'où par
» après ils se sont répandus par toute la Guinée, *nous y*
» *trafiquions.* »

Este erro chronologico e historico é tão palpavel, que apenas a citação de uma data bastará para o refutar. Quando a ilha de S. Thomé foi descoberta em 1471, já os Portuguezes frequentavão o Senegal, e o Gambia, a Casamansa, cabo Verde, o rio *Barbacim*, 60 milhas alèm de cabo Verde, o rio do Oiro, as quatro ilhas de *Bissangos*, a Serra Leoa, e finalmente a costa da Mina descoberta em 1469. Não foi portanto depois que descobrírão a ilha de S. Thomé, que se espalhárão por toda a Guiné, como erradamente diz este viajante.

Vejamos agora como *Villaut* pretende provar a prioridade do descobrimento destas terras pelos Dieppezes.

« Tout contribue (diz elle) à nous le persuader; car,
» outre même que le Grand Sestre conserve le nom de
» *Paris* (1), c'est que le peu de langage qu'on peut en-
» tendre est français. Ils n'appellent pas ce poivre *sextos*
» à la portugaise, ni grain à la hollandaise, mais *mala-*
» *guette;* et lorsqu'un vaisseau aborde, s'ils en ont,
» après le salut ils crient : *Malaguette tout plein!* qui
» est le peu de langage qu'ils ont retenu de nous. »

---

(1) Nesta asserção mostrou o A. a maior ignorancia da cartografia da Africa. Este nome não se encontra em nenhuma carta anterior ao meado do seculo XVII°, como o leitor verá no § IX desta Memoria.

Se o dominio francez naquellas paragens tivesse cessado desde o seculo xv°, como diz Villaut e os outros que o copiárão, a lingoa franceza poderia ter sido conservada entre aquelles selvagens pelo espaço de dois seculos? Não o julgâmos presumivel, antes temos a existencia d'um tal fenomeno por impossivel. Alèm de que, se alguns dos habitantes daquella costa proferião aquellas palavras, uma das quaes é franceza, proferião tambem outras em hollandez, etc. Circumstancia que nos indica unicamente a certeza de communicações recentes com as ditas nações, em quanto por toda a parte tanto nas costas, como no interior da Guiné, os povos fallavão portuguez, como o mesmo Villaut confessa, circumstancia que attesta o antigo dominio portuguez.

Villaut, que alias não entendia a lingoa portugueza, acrescenta, sem saber o que diz: « S'il arrive à bord » deux amis de différents lieux, ils se prennent par le » haut des bras, les étendant l'un contre l'autre, et disent: » *Toma*, » palavra alias portugueza, e da qual se podem, com melhor critica, fundando-nos sobre os factos historicos, e até nas passagens da relação do mesmo viajante que acima transcrevêmos, tirar inducções inteiramente contrarias ás que *Villaut* tirou a favor da supposta prioridade dos estabelecimentos dos maritimos de Dieppe naquella costa.

Com effeito a lingoa portugueza estava tão generalizada naquelles paizes em razão dos antigos estabelecimentos portuguezes, e das intimas relações que tinhamos com os povos do interior da Africa, que o mesmo *Villaut* confessa (p. 210), quando falla da costa do

Oiro e da feitoria dinamarqueza de Frederickbourg, que tanto o general como os *Mores* (os negros) todos fallavão portuguez.

Taes forão as provas do longo dominio dos Portuguezes na Africa occidental que *Villaut* encontrou naquella epoca, que até as autoridades dinamarquezas erão obrigadas a fallar portuguez afim de se entenderem com os habitantes do paiz para as suas communicações com elles.

Mas o viajante francez, sem fazer attenção a estes factos alias tão interessantes, sem mesmo dar peso algum ao que precedentemente referíra, antes preoccupado pela idea de que os Dieppezes tinhão sido os primeiros descobridores da Guiné, diz (pag. 415) que em setembro de 1364 os mercadores de Roão se juntárão aos de Dieppe, e que em logar de dois navios, expedírão quatro para a Guiné. « *Ces vaisseaux* (acres-» centa elle) *retournèrent au bout de sept mois riche-» ment chargés de cuir, d'ivoire et de poivre, qu'ils » portèrent ensuite chez les autres nations!* »

Ora isto acontecia em 1364 e 1365, como diz *Villaut*, isto é, segundo este viajante, os Dieppezes fazião viagens regulares e expedições annuaes á costa de Guiné, e dos objectos que della importavão os vendião depois na Europa ás outras nações. Como é possivel pois que um facto tal, se fosse real e verdadeiro, podesse ser ignorado de todos os historiadores e geografos de todas as nações da Europa no seculo XIV°, e no seguinte? Como é possivel que um tal facto deixasse de excitar a ambição dos commerciantes das outras nações, como

aconteceo depois dos nossos descobrimentos? Acaso não se manifesta nestas passagens de *Villaut*, que este acontecimento, alias de tempos modernos, fôra de proposito transportado a mais de um seculo antes de realmente ter existido?!

Na verdade, como podião as nações da Europa ignorar um facto tão importante como o referido por *Villaut*, a saber que os mercadores de Roão e de Dieppe não só continuárão a enviar annualmente expedições á Guiné, mas até alli mandárão uma colonia? Acaso poderião ellas ignorar tal facto á vista das circumstancias que o mesmo *Villaut* acrescenta dizendo: « *Le grand profit qui se trouva dans le débit de ce poi-* » *vre, donna envie aux étrangers de faire ces voyages,* » *et d'aller eux-mêmes choisir ce qu'ils achetaient des* » *Dieppois; c'est pourquoi l'an* 1375, *dix ans après que* » *nous y étions, ils commencèrent d'y traiter.* »

Mas quaes forão estes estrangeiros que nos fins do seculo XIV°, isto é 58 annos antes da famosa passagem do *cabo Bojador* por Gil Eannes, forão á Guiné, e dos quaes ninguem soube cousa alguma? Não é pois obvio que *Villaut* errou, e alterou manifestamente esta data como alterára a do descobrimento da ilha de S. Thomé? Não é pois evidente que em um seculo já tão exclarescido como era o XIV°, aquella parte da costa d'Africa occidental devia achar-se já marcada nas cartas pisanas, e por outra parte os geografos venezianos devião igualmente ter marcado aquellas costas nas suas cartas e aquelles pontos como conhecidos dos maritimos de diversos paizes, visto que tinha existido, segundo diz *Vil-*

laut, um commercio seguido sem interrupção por espaço de onze annos, e que depois deste tempo no anno de 1375, os estrangeiros imitando os Dieppezes forão áquellas paragens para commerciar com os naturaes?

Villaut alterou pois a verdade dos factos, e baralhou a chronologia a ponto tal que os nossos descobrimentos, que alias começárão nos tempos modernos em 1433, elle os transporta a uma epoca muito mais remota comettendo o espantoso erro historico chronologico seguinte. Transcreveremos as suas proprias palavras. Fallando das ilhas do Cabo Verde, as quaes forão descobertas só em 1446, *Villaut* diz : « *Cependant les Portugais commencerent* » *de vouloir aller plus loin que les îles du Cap Vert qu'ils* » *tenaient, et de tâcher à s'établir aussi bien que les* » *Français à la côte d'Or*. Pour cet effet, du règne de » Jean Ier, roi de Portugal, ils équipèrent un grand vais- » seau à Lisbonne, pour courir les côtes d'Afrique, où ils » se trouvèrent au temps des pluies, ce qui leur donna » tant de maladies qu'ils furent contraints de les aban- » donner, et voulant regagner le vent pour retourner en » Portugal, furent portés le 23 décembre 1405, fête de » saint Thomas, dans une île sous la ligne, qu'ils nom- » mèrent île de S. Thomé ou Thomas. »

Desta sorte um escriptor do seculo XVII° veio sem prova nem documento algum alterar os acontecimentos e os factos sucedidos dois seculos antes, factos referidos pelos historiadores e chronistas contemporaneos; veio finalmente baralhar a chronologia, e transtornar a verdade, anticipar o descobrimento da ilha de

S. Thomé de 66 annos á epoca do seu verdadeiro descobrimento !

Por outra parte Villaut parece ter copiado *Cadamosto* sem o citar, e applicou o que elle refere do que lhe acontecêra com os naturaes d'Africa, á primeira supposta expedição dos maritimos de Dieppe em 1364; e onde o celebre viajante veneziano diz Portuguezes, Villaut parece ter substituido *Dieppois* !!

Os limites desta memoria não nos permittem provar largamente esta nossa asserção, todavia indicaremos apenas os exemplos seguintes.

CADAMOSTO.	VILLAUT.
« Estes negros, tanto homens » como mulheres, vinhão ver-me » por maravilha ; parecia-lhes » cousa extraordinaria ver christãos nunca até então vistos, e » não menos se admiravão do » meu traje que da *minha bran-* » *cura*. »	« Les noirs de ces côtes, auxquels jusque-là les blancs avaient » été inconnus, accouraient de » toutes parts pour les voir (aos » Dieppezes)! »
No cap. 2, *II^a viagem.*	
« Admiravão-se de ver *homens* » *brancos*. »	
Nome dado a cabo Verde pelos Portuguezes.	
« Este cabo Verde chamava-se » assim por que os primeiros que » o descobrírão *forão Portuguezes* » um anno antes que eu fosse	« Le cap Vert a été ainsi nommé de la verdure perpétuelle » dont il est ombragé. »

» a estas paragens (1), o acharão
» todo verde pelas grandes arvo-
» res que alli se conservão vi-
» çosas, etc. »

Cadamosto, cap. 34.

O A. segue a descripção fisica inteiramente conforme com a do viajante do xv° seculo, e a pag. 413, diz :

« Au sortir du cap qu'ils (os
» de Dieppe) nommèrent ainsi,
» comme j'ai dit, pour la verdure
» éternelle qui l'ombrage, ils
» coururent le sud-est, et arri-
» vèrent à *Boulombel* ou Sierra
» Leone, ainsi que depuis l'ont
» nommé les Portugais !! »

Esta simples confrontação, ainda quando não fossem as ponderações acima feitas, bastava para mostrar qual deve ser o credito que devem merecer as asserções de *Villaut*. A decisão da critica não póde ser difficil neste caso. Por uma parte está *Cadamosto* autor contemporaneo, e testemunha ocular dos descobrimentos, e todos os historiadores e geografos dos seculos xv° e xvi°; e pela outra um indeviduo, preoccupado de prejuizos de nacionalidade, que, sem documento nem prova alguma, vem dois seculos depois attribuir aos maritimos de Dieppe o que os documentos e os factos dos seculos anteriores provão pertencer aos Portuguezes ! !

Consequentemente a obra deste viajante, e todas as outras que nesta se tem fundado, não podem destruir, nem mesmo tornar incertos os legitimos direitos dos

---

(1) Azurara diz no cap. 28 da Chronica da Conquista de Guiné, que Deniz Diaz descobríra aquelle cabo, e lhe pozéra o nome de *Verde*.

Portuguezes á prioridade do descobrimento daquella parte da Africa occidental.

§ VI.

Prova-se que todas as outras obras nas quaes se pretende estabelecer a prioridade dos descobrimentos dos Normandos e Dieppezes, forão escriptas e compostas mais de dois seculos depois dos descobrimentos dos Portuguezes. Prova-se igualmente que as ditas obras repetírão apenas as asserções de Villaut, e não merecem nesta parte credito algum.

Ainda que os tres modernissimos escriptores francezes, de que fizemos menção no § precedente, se fundárão principalmente na relação de *Villaut*, todavia citárão como autoridades outros autores que a critica historica e os factos não podem admittir em razão de suas obras serem nesta parte destituidas de provas, fundando-se em conjecturas e em subterfugios; finalmente por serem posteriores de dois seculos e mais aos descobrimentos dos Portuguezes.

Estas obras são as seguintes :

I. — D'ELBÉE. — *Journal du voyage du sieur* D'ELBÉE, *commissaire général de la marine, aux îles de la côte de Guinée, en* 1669 *et* 1670. Paris, 1671.

Este escriptor, como se vê pelas datas, é posterior a Villaut, e adoptou as mesmas pretenções da supposta prioridade do descobrimento da Guiné pelos Dieppezes.

II. — *Histoire sommaire de Normandie, par le sieur* DE MASSEVILLE, publicada em Roão no anno de 1693.

Esta historia, alèm da data da sua publicação ser posterior de mais de dois seculos aos historiadores e documentos que legalizão e confirmão a prioridade dos nossos descobrimentos na costa d'Africa occidental, é ao mesmo tempo contraria ás pretenções que pretende sustentar, dizendo o seguinte:

« Ceux qui ont écrit les anciennes chroniques de
» notre province, y ont mis si peu de chose du XIII^{e} et
» du XIV^{e} siècle, que l'on ne doit point être surpris de
» n'y pas trouver les belles navigations des habitants
» de Dieppe. »

A isto se póde dizer que se não encontrão alli mencionadas por que são fabulosas; se alias não fossem suppostas, as chronicas e historias daquelles seculos não deixarião de as referir, e particularmente as daquella provincia. Como quer que seja, esta particularidade confessada por um historiador daquella provincia, é um argumento mais em nosso favor, ainda quando os precedentes não bastassem. Este escriptor, desprovido das mais ligeiras e superficiaes noções da critica, passa a transcrever o que precedentemente tinha dito *Manesson-Mallet* na sua obra, *Description de l'Univers*, sobre os suppostos descobrimentos dos maritimos de Dieppe na Africa occidental; mas disgraçadamente para este historiador da Normandia, *Mallet* é do mesmo modo um escriptor moderno, e posterior de mais de

tres seculos aos taes suppostos descobrimentos normandos.

Mallet escreveo nos fins do seculo XVII°, e a sua obra foi publicada em 1683, 1685. É portanto contemporaneo do moderno autor da *Histoire de Normandie!* Mallet era tão ignorante na chronologia dos descobrimentos que diz que nós descobrímos a Guiné em 1417!!...

III. — *Relation universelle de l'Afrique ancienne et moderne*, par le sieur de La Croix.

Esta obra foi publicada em Lyão em 1688, e nella transcreveo seu autor a passagem da precedente de *Manesson-Mallet*.

IV. — *Nouvelle relation de l'Afrique occidentale*, pelo Pe Labbat, publicada em Paris em 1728.

Este escriptor, ainda mais moderno do que os precedentes, sustenta as mesmas pretenções ácerca da supposta prioridade do descobrimento da Guiné pelos maritimos de Dieppe e de Roão, começando pela seguinte curiosa declaração:

« Il y a *des apparences* très-bien fondées que les Nor-
» mands, et particulièrement les Dieppois, avaient
» reconnu, fréquenté et visité les côtes d'Afrique dès
» le commencement du XIVe siècle. »

A' vista desta declaração de um escriptor que, 356 annos distante da epoca de um acontecimento duvidoso, pretende provál-o por que ácerca delle existem

apparencias ; á vista de tal declaração diremos que o simples senso commum basta para conhecer o gráo de credito que merece a asserção deste escriptor. Todavia Labbat escrevia já em uma epoca na qual a critica historica tinha feito notaveis progressos; julgou pois a proposito corroborar as suas asserções dizendo que ellas erão fundadas sobre um documento que *se queimára no incendio* de Dieppe em 1694 ! !

« L'incendie de Dieppe, en 1694, est cause que je ne » rapporte pas ici l'acte tout entier; mais la date, et » d'autres circonstances qui vont être rapportées, sont » tirées des *Annales* manuscrites de Dieppe. »

Mas o que refere o dito escriptor é evidentemente tirado de *Villaut,* cuja relação foi mui provavelmente transcripta nos taes annaes manuscritos. Alèm de que, Labbat, e os outros escriptores modernos, nos occultárão a epoca da composição dos mencionados annaes afim de escaparem ao exame critico do seu valor como monumentos historicos.

Ora o incendio de Dieppe tendo occorrido no anno de 1694, como é que taes annaes escapárão ás investigações de *Masseville,* autor da *Historia de Normandia* em 6 volumes, e tão zeloso como se mostrou pelos suppostos descobrimentos dos maritimos de Dieppe, tendo escripto antes do dito incendio ?

Labbat faz desapparecer no incendio o documento que, segundo elle, provava os suppostos descobrimentos dos Dieppezes em 1364, e não contente com isto, diz que os taes *annaes manuscritos* se podem ver em casa de um F. cujo nome deixou em branco ! ! !

Taes documentos não podérão ser descobertos por M. *Estancelin*, nem por M. *Feret*, apesar do vivo interesse que elles tinhão em os encontrar (1).

Custa na verdade a acreditar que escriptores serios e eruditos se deixem surprehender por um zelo patriotico, alias louvavel, ao ponto de deduzirem fundamentos historicos de suppostos documentos que não tendo podido ser publicados pelo Pe Labbat, este os faz desapparecer em um incendio, que pretende suppríl-os por uns annaes ineditos da composição dos quaes não fixa data alguma, e finalmente que deixa em branco o nome do possuidor desses mesmos annaes!!

Não é por certo desta sorte que se destroem os factos verdadeiros authenticados por historiadores contemporaneos; não é por *apparencias* que se lanção por terra, ou sepultão no esquecimento documentos dos archivos de indubitavel fé que são conhecidos de todo o mundo, e citados pelos escriptores de toda a Europa ha tres seculos, e que provão a incontestavel prioridade dos descobrimentos dos Portuguezes na costa occidental d'Africa.

A um documento authentico só se lhe póde oppôr um outro igualmente authentico, revestido de todos os requisitos que a paleografia exige para ser acreditado como verdadeiro, e não as asserções de escriptores que, 300 e mais annos depois dos acontecimentos, referem outros que se não encontrão mencionados nem

---

(1) *Vid.* Recherches sur les navigateurs normands, p. 137.

nos AA. contemporaneos, nem em documento algum da epoca a que se referem.

Acrescentaremos ainda duas palavras sobre a supposta perda dos taes documentos no incendio de Dieppe. O incendio dos archivos daquella cidade aconteceo em 1694. Ora se aquelle supposto documento, do qual o P[e] Labbat diz ter visto uma copia nos taes annaes manuscritos, tivesse existido, e delle houvessem copias, devião estas existir tambem nos archivos de Roão que alias se não incendiárão. Mas até hoje ainda ninguem poude descobrir nesta ultima cidade documento algum que provasse a existencia da sociedade dos mercadores della com os de Dieppe.

Esta particularidade é tanto mais importante, quanto é extraordinaria a circumstancia que *Villaut* refere, a saber que o commercio e relações da dita sociedade com aquella parte d'Africa durára desde 1364 até 1410! Como é pois que desapparecêrão todos os documentos que devião provar este supposto facto? Como pois nem um só escriptor *contemporaneo* nacional ou estrangeiro disse cousa alguma sobre um tal facto?

Mas não são só os historiadores do XIV° e XV° seculos guardárão silencio sobre taes factos, mas ainda os do XVI°, dos quaes não encontrámos até hoje um só que indicasse a existencia daquelles suppostos estabelecimentos normandos no seculo XIV° (1).

---

(1) O que diz La Popelinière, escriptor dos fins do XVI° seculo, é concebido em termos taes que se deve attribuir antes á expedição de Betancourt, do que aos suppostos descobrimentos dos Dieppezes na Guiné.

A' vista destas ponderações todo o leitor imparcial reconhecerá que as asserções do Padre Labbat não tem maior valor do que as de *Villaut*, e mostrão inteiramente o contrario do que este autor se propunha provar.

V. — Outra obra em que um (1) dos escriptores francezes se funda para reclamar a gloria daquella prioridade em favor dos Normandos.

É a de *Dapper*, medico hollandez, nascido no seculo XVII°, e que escreveo uma *descripção das costas de Guiné*, que se publicou em Amsterdam em 1686. Posto que seja inutil repetir que este escriptor está no mesmo caso dos precedentemente citados, isto é que a sua autoridade é nenhuma ácerca do facto disputado, em razão de escrever mais de 300 annos depois, e não produzir documento algum contemporaneo, nem passagem de A. ou AA. do seculo XIV°, como todavia em uma passagem da sua obra se pretende achar uma prova daquelle facto, e da supposta prioridade dos estabelecimentos dos Normandos na Mina, assentâmos em a transcrever, afim de que o leitor se convença da fraqueza e insufficiencia della, tanto mais que *Dapper* mostra ter uma ignorancia completa dos chronistas e historiadores portuguezes dos seculos XV° e XVI°, que alias não consultou sobre este ponto.

« Il y a quelques années (diz elle) que les Hollandais,
» relevant une batterie qu'on appelle la batterie des

(1) Histoire des anciennes villes de France, t. II, p. 26 e seg. Paris, 1833. Obra alias mui curiosa e erudita.

» Français (1), parce que, selon l'opinion des originaires
» du pays, les Français en ont été les maîtres avant les
» Portugais, on trouva gravés sur une pierre les deux
» premiers chiffres du nombre treize cents; mais il fut
» impossible de distinguer *les deux autres...* »

Ora sendo indubitavel que os Francezes frequentárão a costa da Mina desde os fins do seculo xvi° (como mostraremos nas addições), e que para o commercio daquella costa se formára uma companhia dos negociantes de Dieppe e de Roão no seculo xvii° seguinte, é pois nestas epocas que o nome de *bateria de França* devia ter sido posto pelos Francezes a um posto fortificado onde fazião o resgate, e não dois seculos antes, o que é contrario aos factos e aos documentos.

O mesmo *Villaut* confessa que os Francezes não voltárão (2) á costa da Malagueta e do Oiro senão no reinado de Henrique III, isto é em 1576, e acrescenta que os Portuguezes, para impedirem que elles frequentassem aquellas paragens, fizerão vir de Lisboa em 1586 dois navios de « guerra, e mettêrão a pique em *Akara* o
» navio francez de Dieppe chamado *Esperança* (3), e que
» em 1591 os Portuguezes fizerão o mesmo a outro na-
» vio em *cabo Corso*, e que afinal os Normandos aban-

(1) Esta relação é copiada de Villaut.

(2) Villaut diz *voltárão* na supposição em que estava de que elles alli se tinhão estabelecido no seculo xiv°.

(3) Villaut nos diz, pag. 420 a 422, que no anno de 1381, um navio chamado *Esperança*, navio da Companhia de Dieppe, que fôra a Akara, e que dois mezes depois voltára. Ora não será o mesmo navio e a mesma viagem de 1591 transportada a dois seculos antes?

» donárão aquellas paragens depois de 1599. » *Villaut* acrescenta que os Portuguezes *en diverses rencontres faisaient des prisonniers* (1). É pois verosimil que se uma bateria existia com o nome de *bateria dos Francezes*, este nome fosse dado pelos mesmos Portuguezes em razão de nella terem trabalhado os prisioneiros desta nação. Entretanto qualquer que seja a origem desta denominação, ella não prova cousa alguma relativamente aos suppostos estabelecimentos francezes naquella costa no seculo xiv°. É mesmo contrario á boa critica admittir (ainda quando não fossem os factos authenticos que referimos) que uma tal denominação se tivesse conservado na opinião tradicional dos naturaes durante dois seculos, não tendo alias os descobridores portuguezes do seculo xv° encontrado alli vestigio algum daquelles povos terem tido communicação com os Europeos, nem ouvido pronunciar uma só palavra das lingoas europeas, finalmente não tendo encontrado o mais leve indicio de construcção militar.

Alèm de que, se *Dapper* tivesse a critica do celebre *Niebuhr* não daria por certo a menor attenção á supposta opinião dos negros da Guiné, cuja intelligencia não póde ser comparada á dos Arabes, que quando os questionão sobre a passagem dos Israelitas, respondem sempre affirmando que passárão pelo logar onde o viajante lhes faz a pergunta.

« S'il en fallait croire les relations des Arabes (diz

(1) Villaut, p. 436.

» Niebuhr) qui habitent à l'est du golfe, les enfants
» d'*Israël* auraient passé la mer Rouge toujours à l'en-
» droit précis où on leur en fait la demande ! »

Este sabio conclue : « Ainsi les traditions et les rap-
» ports contradictoires des Arabes *ne sont ici d'aucune*
» *valeur* (1). »

Nós sabemos por experiencia que os negros affirmão sempre nas suas respostas o que se quer que elles respondão. Se os Hollandezes perguntárão a alguns, por curiosidade, depois de apparecer a relação de Villaut (1667) : « Os Francezes vierão aqui, e fundárão esta for-
» taleza antes dos Portuguezes? » os negros de certo responderão logo affirmativamente, em quanto outros, conforme o modo das perguntas, affirmarião o contrario.

Diremos pois, e em nosso entender com melhor razão, a respeito de uma tal opinião dos negros daquelle ponto, o que o sabio *Niebuhr* diz dos Arabes : *que taes opiniões não tem neste caso valor algum*, tanto mais que, ainda quando esta existisse realmente no tempo de *Dapper*, isto é nos fins do seculo xvii°, esta opinião de um, ou mais negros não póde destruir os factos relatados pelos escriptores das nações da Europa civilisada, e contemporaneos desses mesmos factos, ou que alias os colhêrão em authenticos documentos.

O mesmo diremos quanto á descoberta da pedra em que se achavão os dois numeros gravados, e que *Dapper* pretende que indicavão *mil e trezentos*, não se tendo podido distinguir *os outros dois*.

---

(1) Niebuhr. *Description de l'Arabie*, p. 348 e 349.

Posto que os factos e os historiadores do seculo xv° bastão para tornar nullo este argumento, e supposta prova em favor das pretenções destes modernos escriptores, comtudo examinaremos paleograficamente qual deve ser a importancia desta descoberta na questão da supposta prioridade dos estabelecimentos dos Dieppezes na Mina.

Dapper não nos diz se aquellas duas lettras de que elle compoz *mil e trezentos*, estavão ou não gravadas em algarismos arabicos, se em lettras lapidares romanas; se as duas lettras erão da numeração arabica, gravadas na tal pedra por Francezes, como se pretende inculcar, neste caso a dita pedra era posterior ao anno de 1574, isto é no reinado de Henrique III, por que foi só nesta epoca que a numeração arabica se introduzio geralmente em França (1). Neste caso as duas lettras indicavão uma data posterior de quasi um seculo á fundação do castello de S. Jorge da Mina pelos Portuguezes, e não um seculo anterior á dita fundação, como pretendeo Villaut, e todos aquelles que o tem seguido.

Se as ditas lettras erão lapidares romanas, o que é mais provavel, de que maneira estavão ellas dispostas para indicarem *mil e trezentos*, quando alias não vemos meio regular na paleografia do xiv° seculo de fazer representar o numero *mil e trezentos* só por duas lettras romanas.

A' vista destas objecções o leitor julgará quanto são

---

(1) *Vid.* Dom de Vaines, *Diction. de diplom.*, art. Chiffres.

destituidas de bons fundamentos as allegações destes modernos autores, que nem uma só póde resistir a uma critica severa e imparcial.

Se este argumento das taes lettras não póde resistir a uma analyse, o que se segue é em nosso entender pueril.

Diz este A. : « On peut conjecturer, par un chiffre
» qui est sur la porte du magasin, que cet appartement
» a été bâti l'an 1484, sous Jean II, roi de Portugal.
» Or, comme les chiffres de ce nombre sont encore aussi
» entiers que s'ils avaient été gravés depuis neuf ou dix
» ans, on a raison de croire que les autres sont d'une
» grande antiquité !!! »

Por esta regra uma moeda moderna sendo encontrada com as legendas apagadas, e inculcando, pelos accidentes que mil vezes acontecem, uma supposta antiguidade aos olhos da gente superficial, será por ventura mais antiga do que outra dos reinados ou tempos anteriores que os accidentes respeitárão? Certamente não. Acaso não vemos todos os dias monumentos alias modernissimos mostrarem pelo seu estado de ruina maior antiguidade do que outros mais antigos mesmo de alguns seculos? E póde por ventura induzir-se deste acontecimento um argumento chronologico contrario á verdadeira data destes monumentos? Certamente não.

Sobre este importante facto da verdadeira epoca da fundação do castello de S. Jorge da Mina, estes escriptores modernos que citâmos, ou de proposito, ou por ignorancia, não se derão ao trabalho de consultar *Garcia de Rezende*, historiador portuguez do xv° seculo, não

só contemporaneo da epoca daquella fundação, mas, o que é mais, criado d'elRei D. João II, que a mandou edificar, escriptor que estava ao facto dos acontecimentos daquella epoca.

Este historiador diz pois (cap. 24) que elRei *mandára de Lisboa toda a pedra lavrada para se edificar a fortaleza*, e o grande historiador *Barros*, que não só tinha em seu poder documentos authenticos, mas que tinha fallado e conhecido alguns dos homens contemporaneos dos descobrimentos, e da fundação de S. Jorge da Mina, donde elle mesmo foi feitor, diz (Dec. 1, liv. III, cap. 1), fallando daquella fortaleza, o seguinte :

« Que elRei D. João II ordenou de mandar fazer huma » fortaleza *como primeira pedra da Igreja oriental* » que elle, em louvor e gloria de Deos, desejava edifi- » car, etc. »

Chamâmos a attenção do leitor sobre a importancia das palavras : *como primeira pedra da Igreja oriental*, as quaes provão que alli não houvera té então (isto é antes de 1482) templo algum christão.

Alèm disto os Portuguezes não encontrárão alli vestigio d'edificio algum, nem igreja, visto que Diogo d'Azambuja mandou armar um altar ao pé de uma grande arvore onde se celebrou *a primeira missa dita naquellas partes* (Barros, log. cit.).

Alèm deste facto, *Caramansa*, soberano negro da Mina, na sua resposta dada a Diogo d'Azambuja naquelle anno de 1482, mostrou que *ninguem* até então alli tinha tratado de formar estabelecimentos naquella costa.

Esta particularidade destroe tambem completamente

as asserções de Villaut, de Dapper, e dos que os copiárão, de que os habitantes 200 annos depois dizião que os Francezes se tinhão estabelecido no forte da Mina, e o tinhão edificado antes dos Portuguezes.

Pela mesma descripção dos trabalhos que Diogo d'Azambuja mandou fazer afim de construir a fortaleza, fazendo saltar rochedos, etc., se mostra que *Dapper* não lêra os historiadores acima citados, nem outro algum dos seculos xv° e xvi°, ácerca da fundação do castello de S. Jorge da Mina, prova em fim que este escriptor copiára isto de outros modernos, e mui provavelmente de Villaut.

Finalmente este ultimo, entre os argumentos que produz para roborar as suas asserções ácerca da supposta fundação do castello de S. Jorge da Mina pelos Francezes, aponta o seguinte : « Que no dito castello elle » vîra os Hollandezes servirem-se de uma igreja, *sur* » *laquelle on apercevait encore les armes de France à* » *peine effacées.* »

Nesta asserção mostrou este viajante que tambem não conhecia cousa alguma da hyraldica portugueza ; ou elle tomou as armas portuguezas, que naquella epoca ainda erão assentadas sobre a cruz floreteada da ordem d'Aviz, pelos lizes do escudo francez (1) ; ou, o que é mais provavel, é que vendo na capella votiva ao Infante

(1) A cruz d'Aviz continuou a conservar-se no escudo real até ao anno de 1488, como se vê nas Memorias dos reinados d'elRei D. Affonso V e D. João II por Alvaro Lopes, Mss. inedito. Biblioth. R. do Rio de Janeiro.

D. Henrique o escudo francez dos lizes de que este principe usava, e que existia na capella de S. Jorge da Mina, como se vê igualmente no seu tumulo na Batalha, déra por certo que o dito escudo provava a supposta prioridade da fabulosa fundação franceza do castello de S. Jorge da Mina!

Barros diz positivamente que na igreja, « em memo» ria dos trabalhos do Infante D. Henrique por *ser au-» tor deste descobrimento*, se diz uma missa quotidiana » por sua alma com proprio capellão a ella ordenado. » (Log. cit.)

Assim fica evidente que naquella igreja de S. Jorge da Mina havia uma capella erecta em memoria do Infante D. Henrique, na qual, conforme o estilo e pratica, se vião as insignias, e sobre tudo os escudos das armas de que usava aquelle principe, do mesmo modo que existem na capella do mosteiro da Batalha, onde elle jaz, na qual entre os seus escudos se vê um com as flores de liz das armas de França.

Alèm disto, se os maritimos de Dieppe tivessem construido entre os annos de 1383 a 1386, como diz o *sieur de La Croix*, a igreja do forte da Mina, a qual *on y voit encore*, diz elle (1688), como era possivel que os Portuguezes, quando fundárão o castello de S. Jorge no anno de 1482, alli não encontrassem a mesma igreja, que alias ainda alli se via dois seculos depois, isto é no tempo de *La Croix* e de *Dapper*?

De maneira que a supposta igreja, edificada pelos maritimos de Dieppe em 1383, tinha desapparecido em 1482, quando os Portuguezes fundárão a de S.

Jorge, e tornou a apparecer em 1688, na epoca de *La Croix*, etc. !!!

Desta confrontação de datas fica evidente que existe nestas relações de *Villaut*, de Dapper, e de La Croix um erro manifesto, para não dizermos falsidade, nas mesmas datas; que a lettra numeral 4 foi transformada e substituida em suas obras por um 3 para fazerem remontar ao seculo XIV° os acontecimentos e os factos passados no seculo XV°. Fica evidente que a igreja de que se trata é a mesma de S. Jorge fundada pelos Portuguezes, e não outra.

Finalmente, um sabio geografo francez, M. *Eyriès*, em um artigo biografico de *Dapper* publicado na *Biographie Universelle*, diz o seguinte: « *Dapper*, ayant » quelquefois mis peu de choix dans les matériaux qu'il » a recueillis, a induit en erreur les auteurs *qui se sont* » *fiés à son témoignage sans l'examiner d'après les* » *règles de la sage critique.* »

Apesar da publicação das obras que acabámos de refutar, um dos mais eruditos geografos dos nossos dias, *Karl Ritter*, diz na sua *Geografia comparada da Africa*, cuja traducção se publicou em Pariz em 1836, o seguinte:

Histoire des colonies et des découvertes des Portugais, des Français et des Anglais sur le Sénégal et la Gambie.

« Les Portugais les premiers s'établirent sur ces » côtes *inconnues jusqu'alors*; après eux les Français, » qui *s'emparèrent* de l'entrée du Sénégal, et enfin les » Anglais. »

A pag. 37, t. 2 :

« Lorsque les Anglais et les Français s'y établirent » dans les *siècles suivants*, ils trouvèrent sur le Sénégal, » et surtout sur la Gambie, une énorme population » *portugaise*, et rencontrèrent même des mots portugais » dans la langue des Bambouc, *preuve de leur ancienne » et vaste domination dans ces contrées.*

» Les Anglais commencèrent leur commerce sur le » Sénégal et la Gambie sous le règne d'Élisabeth, *les » Français sous Louis XIV*, en créant des sociétés » commerciales, etc. »

O sabio A. allemão tendo alias conhecido as obras de Villaut, de Labbat, e outros que refutámos, como se vê a pag. 39 do mesmo vol. da sua *Geografia comparada*, mostrou, no que acima transcrevêmos, que não admitte a supposta prioridade dos descobrimentos dos maritimos de Dieppe.

Fica pois demonstrado neste § que todas as obras francezas nas quaes se tem pretendido sustentar aquella supposta prioridade, só se publicárão depois do meado do seculo XVII°, e que as asserções que nellas se encontrão são contrarias aos factos, e tiverão sua principal origem na famosa relação de *Villaut*. Para fazermos ver ao leitor de um modo mais positivo a evidencia desta demonstração, indicaremos aqui a ordem chronologica daquellas publicações.

1667 — Obra de Villaut.
1669 }
1670 } — *Dita* d'Elbée.
1683 — *Dita* de Manesson-Mallet.

1688 — Obra du sieur de La Croix.
1693 — *Dita* de Masseville.
1708 — Corneille, no artigo *Malaguette* do seu *Dictionnaire géographique*, o qual copiou Villaut.
1728 — Obra do Pe Labbat.
1739 — Spectacle de la Nature, refutado por *Macpherson*.
1741 — La Martinière, no artigo *Malaguette*, copiou o do Diccionario de *Corneille;* alèm disso, este A. era natural de Dieppe.
1767 — Nouvelle histoire de l'Afrique française, par l'abbé Demanet.
1832 — Recherches sur les voyages et découvertes des navigateurs normands.
1833 — Histoire des anciennes villes maritimes.
1839 — Notice statistique des colonies françaises, publicadas em 1839, tom. III.

Tal foi a influencia das invenções que apparecêrão na relação de Villaut, as quaes se tornão tanto mais suspeitas quanto o mesmo viajante teve o cuidado de nos ocultar onde as tinha colhido.

Poderiamos mostrar pela citação de varias obras anteriores ao mesmo viajante, e publicadas no mesmo seculo, que nestas se não disputára a prioridade aos Portuguezes. Produziremos todavia os seguintes exemplos, ambos extrahidos de escriptores francezes.

Temporal, na sua collecção, para a publicação da qual obteve um privilegio de Henrique II datado de 7 de maio de 1554, longe de attribuir aos Normandos os descobrimentos d'Africa, diz formalmente que estes forão feitos pelo Infante D. Henrique.

« Le premier qui commença à découvrir la marine

» autour de l'Afrique fut le très-illustre dom Henri in-
» fant de Portugal (1). »

Davity publicou em Pariz em 1660 (isto é sete annos antes da publicação de *Villaut*) a sua *Description de l'Afrique*. Nesta obra, longe de se encontrar uma só palavra relativa aos suppostos descobrimentos dos maritimos de Dieppe nas costas occidentaes d'Africa, antes alli se confirmão os factos que mostrão que os Portuguezes forão os primeiros que passárão alèm do *cabo Bojador*, e que descobrírão a costa occidental d'Africa.

§ VII.

Mostra-se que assim como a supposta prioridade do descobrimento d'Africa occidental pelos Normandos só foi sustentada por alguns escriptores francezes do seculo XVII°, do mesmo modo os documentos publicos officiaes ultimamente citados na obra *Notices statistiques*, etc., só datão do meado do mesmo seculo.

Na obra alias mui importante ultimamente publicada em Pariz em 1839, intitulada *Notices Statistiques sur les colonies françaises*, vemos que o seu benemerito redactor, apesar de ter, como julgâmos, á sua disposição todos os archivos não só daquella repartição, mas tambem os de todas as villas, e cidades maritimas da França, bem como os das suas colonias d'Africa, apesar de dispôr destes depositos, não encontrâmos alli

(1) Em *Ramusio* (1, p. 176, e 96) se lê : *Henrico* Infante de Portugallo *inventore di far scoprire le marine a torno l'Africa*.

citado um só documento anterior ao anno de 1664, relativo á creação de companhias commerciaes d'Africa.

Taes companhias e contratos são portanto posteriores de mais de dois seculos aos nossos descobrimentos, e ás nossas companhias, e contratos para o commercio d'Africa.

Do mesmo modo o mais antigo tratado feito com os reis africanos que alli se vê citado, data só dos fins do seculo passado (1785), em quanto que os tratados que celebrámos com principes, ou chefes daquelles povos remontão ao xv° seculo, como se vê nas Decadas, e em outras obras.

Com effeito passaremos a mostrar que as companhias, e contratos feitos pelos Portuguezes para o commercio d'Africa occidental, datão do xv° seculo, e são portanto anteriores aos que todas as outras nações da Europa fizerão sobre este objecto.

Nesta demonstração seguiremos a ordem natural e chronologica dos testemunhos historicos contemporaneos.

Os mais antigo aresto que encontrâmos ácerca do estabelecimento de companhias portuguezas na costa d'Africa, é só posterior de 11 annos á famosa passagem do cabo Bojador por Gil Eannes. Em 1444 se estabeleceo em Lagos uma companhia para continuar os descobrimentos, e para fazer o commercio d'Africa, debaixo da direcção do Infante D. Henrique, e com as condições por elle ordenadas. *Azurara* indica este facto quanto ás pescarias no cap. 95 da *Chronica da conquista de Guiné*, mostrando que os habitantes dos portos

maritimos do Algarve hião pescar ás costas, e mares da Guiné, que para este effeito pedírão e obtiverão licença do Infante, e se concertárão com este principe de lhe pagar um certo direito. E forão, diz o chronista, até ao logar que chamão o *cabo dos Ruivos*, onde começárão sua pescaria que foi da maior « abundancia, e os nossos se» cavão o pescado com grande admiração dos Mouros » por verem o atrevimento dos Portuguezes. »

As relações de *Cadamosto* contendo todavia particularidades mais circumstanciadas sobre os primeiros estabelecimentos de feitorias portuguezas na costa d'Africa occidental muito alèm do ponto da *Angra dos Ruivos* de que acima tratámos, e noticias curiosas da creação de companhias commerciaes portuguezas para o trafico daquellas paragens, por esses respeitos passâmos a transcrevê-las.

Aquelle celebre viajante refere pois, no cap. X da relação das suas viagens, que o Infante D. Henrique fizera um contrato por tempo de 10 annos para o commercio d'Arguim, a saber:

« Que ninguem podesse entrar no porto d'*Ar*» *guim* para commerciar com os Arabes, salvo aquel» les que entrassem no contrato (companhia) cujo » contrato tem uma feitoria na dita ilha, e feitores » que comprão, e vendem áquelles Arabes que vêm á » marinha, dando-lhes diversas mercadorias, que são » panos tecidos, prata, alquizeis, que são uma especie » de tunicas, tapetes, sobre tudo trigo do qual estão » sempre famintos, e recebem em troco negros que os » ditos Alarves trazem da negraria, e oiro Tiber, de mo-

» do que este senhor Infante fez trabalhar (1445 ou 46)
» em uma fortaleza na dita ilha para conservar este
» commercio *para sempre*, e por esta razão todos os an-
» nos vai, e vem caravellas á ilha d'Arguim (1), que
» antes do contrato costumavão vir ao golfo d'Arguim
» caravellas armadas, umas vezes 4 e outras mais, e ca-
» hião sobre os moradores, e os fazião escravos, isto era
» entre o cabo Branco, e o Senegal. A guerra que os
» Portuguezes assim lhe fizerão foi por espaço de 14
» annos. »

Pelo que deixâmos transcripto de Azurara e de Cadamosto se prova que em 1444 começárão os Portuguezes a estabelecer companhias commerciaes para a costa occidental d'Africa; que estas nos annos seguintes tiverão já uma latitude immensa, visto que a de *Lagos* tinha as pescarias, e a de Arguim tinha a exploração do extenso commercio do interior d'Africa, o qual por meio das caravanas se fazia pelo porto d'Arguim; finalmente por outra passagem d'*Azurara*, no cap. 96, se mostra que depois do anno de 1448 as ditas companhias, a que então chamavão contratos, fazião o commercio exclusivo com todos os pontos da costa d'Africa que té então se achavão descobertos até Cabo Verde. Este chronista diz que « depois daquelle anno em diante, as cousas
» d'Africa não forão tratadas com tanto trabalho como
» as passadas, por que os feitos daquellas partes forão

---

(1) Arguim foi possuido pelos Portuguezes até ao anno de 1638, em que os Hollandezes se apoderárão deste ponto.

» antes tratados por contratos, e avenças de mercadoria
» do que por força d'armas. »

Isto mesmo confirma *Barros* (Decad. I. c. 15) dizendo que no anno de 1448 mandára o Infante a Diogo Gil assentar trato em *Meça*, e expedíra Antão Gonçalvez ao *Rio do Oiro* para o mesmo objecto. O mesmo historiador, que alias trabalhára sobre documentos authenticos, refere que no mesmo anno de 1448 elRei D. Affonso V arrendára o resgate (commercio) de Guiné a Fernão Gomes por 5 annos com obrigação que neste tempo havia de descobrir 500 legoas de costa. (Dec. I. liv. 2.) Nas cortes de Coimbra de 1473, se pedio que o contrato da Guiné fosse arrematado a lanços (1). Na descripção da viagem á ilha de S. Thomé por um piloto portuguez, publicada por *J. B. Ramusio*, se lê : « Toda
» esta costa (isto é a de Guiné) até ao reino do Manicongo
» he dividida em duas partes (anno de 1553), as quaes se
» arrendão todos os 4 ou 5 annos a quem mais offerece
» para poder contratar áquellas terras, e portos. Cha-
» mão-se aquelles que tomão aquelle contrato arrema-
» tadores, e salvo estes, e seus delegados, não póde
» mais ninguem avizinhar-se nem descer áquellas
» marinhas, nem por conseguinte vender nem com-
» prar. »

Este mesmo piloto, que alias era muito instruido até nos estudos classicos, confirma o que dizem Azurara, e

---

(1) *Vid.* as nossas Memorias para a Historia das Cortes, t. II, part. II, p. 39.

Cadamosto, dizendo cap. 8° : « Antigamente, ha já
» mais de 90 annos, quando esta costa *foi descoberta*, os
» mercadores entravão com os seus navios pela Ethyo-
» pia (1) dentro, sobindo rios grandissimos onde acha-
» vão infenitos povos com os quaes *contratavão;* po-
» rêm nos nossos tempos foi prohibido pelos reis de
» Portugal, que ninguem podesse fazer este commercio,
» senão os arrematantes do contrato, etc. »

Estes ainda duravão no tempo do governo dos Filippes, visto que nas cortes de Thomar de 1581, pedírão estas que cessassem os contratos de mercadorias para as conquistas, e que este commercio fosse livre (2), pagando-se o direito, e imposição que a este respeito se determinasse.

Ora ficando assim provada a anterioridade dos estabelecimentos commerciaes dos Portuguezes de mais de dois seculos aos do tempo de Luiz XIV, fica sendo pois indubitavel que os nossos titulos de prioridade são igualmente incontestaveis nesta parte.

Para illustrar ainda mais este ponto, accrescentaremos a seguinte interessante particularidade, a saber que pelos termos do contrato feito a Fernão Gomes, chamado *o da Mina*, este fôra autorisado a fazer collocar padrões com as armas de Portugal para mostrarem a epoca do descobrimento de cada ponto, e legalisarem a posse do

---

(1) O A., conforme a geografia systematica dos antigos, considera a parte d'Africa occidental, de que trata, como uma porção da Ethyopia.

(2) *Vid.* as nossas Mem. para Hist. das Cortes, t. II.

mesmo ponto. Estes padrões de posse consistírão até á fundação do castello da Mina em grandes cruzes de madeira com inscripções. ElRei D. João II porêm os mandou depois levantar de pedra com inscripções gravadas (1).

Consequentemente ao descobrimento seguio-se a posse, e a esta o estabelecimento de feitorias, e de contratos commerciaes. (Compare-se este §º com o §º IV desta memoria.)

Ficando assim demonstrados estes nossos direitos, passaremos a indicar outros fundamentos de prioridade, a saber dos tratados, feitos, e embaixadas mandadas aos soberanos do paiz, durante o seculo xvº, e xviº.

Barros, tratando do descobrimento do Senegal pelos Portuguezes, e do primeiro estabelecimento que alli fundárão, diz o seguinte :

« Nós geralmente lhe chamâmos Ç'anagá, do nome de » hum senhor da terra com quem os nossos, *no principio* » *do descobrimento delle, tiverão commercio* (2).» O mesmo historiador acrescenta mandára construir uma fortaleza neste rio em 1490 pelas seguintes razões, « e como » porta per que, com ajuda destes povos Jalophos que » elle esperava em Deos que por meio deste principe D. » João Bemoij se converterião á fé como se converteo o » reino do Congo, podia entrar no interior daquella grão

(1) *Vid.* Barros, Decad. I, liv. III, p. 152, e cap. 3, p. 171, edição de Lisboa de 1628.

(2) *Ibid.*, Decad. I, liv. III, cap. 8.

» terra, e chegar ao *Preste*, de quem elle tanto funda-
» mento fazia para as cousas da India. Tambem como per
» o castello d'*Arguim* resgate de Cantor (Gambia), Serra-
» Lioa, fortaleza da Mina, grande parte da terra da
» Guiné era sangrada do ouro que em si continha; com
» esta fortaleza do rio *Çanagá* do outro ouro que corria
» as duas feiras que dicemos (isto é a de *Tombuctu*, e
» Genna, ou Geni) (1), por estes fundamentos, etc., el-
» Rei mandou fazer a armada de 20 caravellas de que
» deo a capitania a Pero Vaz da Cunha. »

Barros (2) refere em outro logar, que depois do anno de 1491 os descobrimentos no interior continuárão, e que os principes do mesmo interior *enviárão presentes*, e embaixadas a elRei, donde procedeo tanta entrada naquella terra (isto é entre o Senegal, e o Gambia) que Portugal estabeleceo relações com os maiores principes della, intervindo nas suas contendas, e negocios, *como amigo*, conhecido, e estimado delles.

« Neste tempo mandou elRei de Portugal *Pedro d'E-
» vora*, e *Gonçalo Annes* a elRei de Tucurol (3), e assy
» ao rei de *Tungubutu*, e por muitas vezes a *Mandi-
» Mansa*, por via do rio Cantor, o qual era dos mais po-
» derosos daquella provincia mandinga, ao qual forão
» para tratar 8 Portuguezes, sendo os principaes *Rodri-*

(1) *Vid.* sobre estes nomes Walckenaer, *Recherches sur l'Afrique*, p. 31.

(2) Decad. I, liv. III, cap. 12.

(3) M. Walckenaer julga que é provavelmente o *Tocrour* dos Mss. arabes (loc. cit., p. 32).

» *go Rebello*, *Pedro Reinel* e *João Collaço*, os quaes le-
» várão presentes de cavallos, etc., como já dantes os
» Portuguezes tinhão com elle praticado, donde resultou
» tal amizade entre os nossos e aquelle rei, que *enviando*
» *eu* por razão do meu cargo de Feitor destas costas de
» Guiné e Indias o anno de 1534 hum Pero Fernandes
» em nome d'elRei ácerca do resgate (commercio) de
» Cantor, este principe ficou muito satisfeito, tanto mais
» que a seu avô, que tinha o mesmo nome, *fôra enviado*
» *outro mêssageiro d'outro rei D. João de Portugal.* »

A' vista destas passagens daquelle historiador contemporaneo, ficão bem evidentes as nossas relações com os principes do paiz, isto é com os mais poderosos potentados da Guiné (1), relações que comprehendião a *Casamansa* e seu territorio, como passâmos a mostrar no seguinte §º.

§ VIII.

Prova-se que o rio e territorio da Casamansa foi igualmente descoberto pelos Portuguezes, que delle tomárão posse ha perto de quatro seculos, e que o dito territorio fica comprehendido nas demarcações portuguezes.

Deixámos provado, no precedente §º, que o descobrimento e a posse dos pontos mais importantes da costa

---

(1) *Vid.* sobre a prioridade dos nossos descobrimentos na costas e interior d'Africa o que dizem *o Dr Leyden*, e *Murray* na sua Historia dos Descobrimentos e Viagens em Africa, a qual foi traduzida em francez em 1821. *Vid.* tom. III, cap. 6.

d'Africa pelos Portuguezes se extendia, nos fins do seculo xv°, alèm da costa da Mina, e mesmo alèm do golfo de Guiné. Deixámos provado que as companhias e contratos havião estabelecido relações commerciaes com todos os pontos descobertos, e que alèm disso tinhão o direito de explorarem todos os territorios que ficavão comprehendidos dentro da demarcação que lhes era concedida Agora mostraremos, 1° que o rio e territorio da *Casamansa* fôra igualmente descoberto pelos Portuguezes; 2° que delle tomárão posse, visto que ficava dentro da demarcação concedida nos dois ultimos contratos, e especialmente no privilegio concedido a Fernão Gomes.

Quanto ao descobrimento, *Azurara* refere, no cap. 66, a segunda viagem de Alvaro Fernandes ao Gambia, e depois refere igualmente que Gil Eannes explorára, 60 legoas alèm do cabo Verde, um rio largo onde entrára com as caravellas. « *Barros* (1) ... o rio Gambia » do resgate de Cantor, não tem tanta variação em nome; » por que quasi todo elle *te o resgate do ouro onde vão* » *os nossos navios*, que será da barra por razão das suas » voltas 180 legoas, e por linha direita 80. »

Continua a descripção, e acrescenta a seguinte particularidade : « ... Em rio tortuoso quebrão as aguas de » maneira que não vem com impeto *contra os nossos* » *navios quando sobem por elle*, e quasi meio caminho » ante que cheguem ao resgate, faz uma ilheta, a que os

(1) Decad. I, liv. III, cap. 8.

» nossos, pelos muitos elefantes que ali havia, lhe cha-
» mão dos Elefantes. »

Ora o *Casamansa* é um braço do Gambia, segundo alguns geografos, e fica situado a 40 legoas da sua embocadura, junto da *ilha dos Elefantes*, communica com o Gambia, e á esquerda com o rio de S. Domingos ou de Cacheu. Consequentemente o rio e territorio de *Casamansa* fica comprehendido nos descobrimentos de que trata Azurara; todavia citaremos uma prova ainda mais positiva ácerca do seu descobrimento no tempo do Infante. Esta prova é a seguinte relação de *Cadamosto*, cap. 6 (do descobrimento de alguns rios : do rio de *Casamansa*). « Por causa da doença dos nossos mari-
» nheiros (diz este viajante), partímos, como acima
» disse, do porto de *Mansa*, isto é do paiz do Sr Bati-
» mansa, e em poucos dias desembocámos do dito rio, e
» parecendo-nos a todos ter ainda mantimentos, e que
» seria cousa louvavel, pois tinhamos chegado aqui,
» correr mais avante por aquella costa, por que sendo
» tres os navios estavamos muito bem acompanhados;
» postos todos d'accordo um dia por horas de terça,
» com vento galerno nos fizemos á véla, e por que
» estavamos muito metidos pela boca do rio Gambia,
» e as terras da parte do sul-sudueste entravão muito
» pelo mar dentro, fazendo a modo de um cabo,
» fizemos-nos pelo poente para sahirmos bem ao mar.
» Mostrava esta terra ser toda baixa, e povoada de
» infenitas arvores verdes, bellissimas e muito gran-
» des, e depois de nos engolfarmos quanto nos pareceo
» bastante, descobrímos que aquillo não era cabo para

» se notar (1), por que alèm da dita ponta se via o ter-
» reno da costa todo ao longo della. »

Continua a descripção da viagem, e acrescenta: « E hindo huma caravella após a outra, e assim nave-
» gando dois dias por aquella costa sempre á vista de
» terra, descobrímos ao terceiro a foz de hum rio de ra-
» zoavel grandeza, o qual, segundo mostrava em a sua
» barra, era da largura de mais de meia milha; e hindo
» mais adiante sobre a tarde, tivemos vista de hum
» pequeno golfo, que quasi mostrava ser a modo de
» embocadura de rio, onde por ser tarde lançámos o
» ferro, e na manhaã seguinte fazendo-nos á véla, e en-
» golfando-nos algum tanto, descobrímos a boca de ou-
» tro grande rio .... aqui abordámos e surjímos, e
» tomando todos conselho, determinámos armar duas
» das nossas barcas, e mandâ-las com os nossos inter-
» pretes a terra saber noticias do paiz, o nome do rio, e
» quem era o S^r destas terras. As barcas partírão, e
» voltárão dizendo, que se chamava o rio de *Casa-*
» *mansa*, etc. »

A' vista desta interessante relação deste A. contemporaneo, que alias abreviámos, não póde haver a menor duvida sobre a prioridade do descobrimento, e exploração da *Casamansa* pelos Portuguezes. Ora mesmo entre as nações modernas, e mesmo nos nossos dias, o descobrimento de uma nova terra traz comsigo o direito

(1) Esta expressão mostra que elles, conforme as suas instrucções, marcavão só os pontos mais salientes nas cartas nauticas que levavão, como se diz em Azurara.

de posse. É por este principio que os maritimos de todas as nações lhes dão quasi sempre os nomes dos descobridores, e arvorão o estandarte da nação a que pertencem, como um testemunho de posse. Vejamos pois se os Portuguezes não tem um direito mais fundado á posse da *Casamansa* do que o que confere a simples exploração e descobrimento. No § VI mostrámos estes titulos legitimos de posse, os quaes comprehendião toda a costa occidental d'Africa desde o cabo Bojador até alèm do cabo da Boa-Esperança; agora diremos que os ditos titulos são igualmente applicaveis á *Casamansa*, que a decisão real d'elRei D. Affonso V da concessão do contrato e privilegio a Fernão Gomes o *da Mina*, mostra que a *Casamansa* fôra comprehendida nos territorios descobertos, e possuidos pela coroa de Portugal; finalmente, que os mesmos estabelecimentos, e feitorias de *Zanguichor*, que possuimos a 15 legoas acima da embocadura da *Casamansa*, e *Farim*, e *Geba*, estabelecimentos que nos não forão até agora disputados, mostrão em nosso entender o direito dos Portuguezes sanccionado por todos os titulos legitimos, como são os do descobrimento, posse indisputada durante muitos seculos, e permanencia de estabelecimentos commerciaes (1). Os direitos da nossa

---

(1) Les Portugais se sont établis sur la *Casamansa*. (*Vid*. Walckenaer, article *Afrique*, dans l'Encyclopédie des gens du monde.

L'abbé *Demanet*, na sua obra *Nouvelle Histoire d'Afrique*, t. I, p. 190, tratando da *Casamansa*, diz : « *On sait positivement que les » Portugais ont eu autrefois des établissements considérables sur cette » rivière, qu'ils ont fait un grand commerce dans le royaume du Cap*

prioridade nos descobrimentos serão ainda mais evidentemente provados no seguinte §°.

§ IX.

Prova-se pelo exame das cartas geograficas do XVI° seculo que as denominações de *Petit Dieppe*, e de *Sestro Paris*, só se encontrão pela primeira vez em uma carta Mss. de um cosmografo de Dieppe, posterior de perto de dois seculos ao descobrimento da costa Mina pelos Portuguezes.

Do exame chronologico e geografico das diversas cartas tanto manuscritas e ineditas, como gravadas, que os differentes cosmografos de varias nações desenhárão desde os fins do seculo XV°, até á ultima metade do seculo XVII°, resultão as provas incontestaveis, e sem replica: 1° Que em todas as cartas do XVI° seculo todos os nomes que se lêem na costa occidental d'Africa desde o cabo Bojador até alèm do cabo da Boa-Esperança são portuguezes, que forão dados áquelles pontos pelos descobridores desta nação, e se conservárão invariavel e *exclusivamente* nas ditas cartas; 2° que os mesmos nomes só começárão a desapparecer d'algumas cartas d'Africa dos fins do seculo XVII° á medida que os Hollandezes, os Fran-

---

» *qui est sur la rivière* de Cassamance, *à* 150 *lieues de son embou-*
» *chure*, et qu'ils se rendaient dans ce royaume par la même rivière,
» qui est donc navigable. »

O testemunho deste escriptor é pouco suspeito de parcialidade, visto que elle admittio a prioridade dos suppostos descobrimentos dos Dieppezes conforme as relações posteriores á obra de Villaut.

cezes, e Inglezes occupárão as nossas colonias naquella parte do globo em consequencia da nossa incorporação á monarchia hespanhola, 3° finalmente que as denominações de *Petit Dieppe* e de *Sestro Paris*, só se encontrão pela *primeira vez* em uma carta de 1631 de um piloto de Dieppe, e depois nas cartas francezas de *Sanson filho*, posteriores á viagem de *Villaut*.

Os limites desta Memoria não nos permittem a producção de todo o trabalho que sobre esta materia temos preparado; indicaremos apenas alguns exemplos que julgâmos serão assaz terminantes para convencer o leitor ácerca da evidencia das nossas asserções.

No celebre mappa-mundi de Ruysch que se encontra na edição de Ptolomeo, publicada em Roma em 1508, se vê marcado todo o continente d'Africa, segundo as navegações dos Portuguezes (1).

Nas duas bellas cartas d'Africa que se encontrão na edição de Ptolomeo de 1513, publicada em Strasburgo, todos os nomes da costa occidental daquelle continente *são portuguezes*, e são todos conformes com os que os nossos descobridores derão aos differentes pontos que descobrírão e reconhecêrão. Os elementos geograficos que servírão a estas bellas cartas, forão todos tirados de cartas nauticas portuguezas. Alli se diz:

« *Duæ particulares tabulæ ex chartis Portugalensium* » *sumptæ.* » No segundo prefacio se lê : « *Duæ parti-*

---

(1) M. Walckenaer, na sua obra *Recherches sur l'intérieur de l'Afrique*, p. 187.

Naquelle mappa se não encontra uma só denominação franceza.

» *culares tabulæ Aphricæ ex chartis Portugalensium*
» *sumptæ.* »

Sobre o territorio da *Casamansa* se lê *cabo de Santa Maria*, na margem esquerda do rio de *Santa Clara*, depois *Casamansa*, cabo Roxo, e rio de *S. Francisco*.

Na edição do Ptolomeo d'*Scott*, publicada em Strasburgo em 1520, se lêem os mesmos nomes portuguezes como nas precedentes, e a *Casamansa* com os nomes igualmente portuguezes acima citados.

Em uma bellissima carta portugueza em pergaminho (1) de grande dimensão, e que é anterior ao anno de 1543, se lêem 130 nomes portuguezes sobre a costa occidental d'Africa a partir do *cabo Bojador*, até ao *cabo da Barca*, ao sul da equinoccial. Na linha parallela á *Casamansa* se vê pintado um grande estandarte com as armas de Portugal. Na costa da Mina, se vê pintado o castello da Mina, flanqueado de seis torres. Em nenhuma parte, tanto da costa como do interior, se lê um só nome francez, nem se vêem pintadas as armas daquella nação.

Em outra carta portugueza d'Africa de um magnifico atlas em pergaminho, que se diz ter pertencido ao celebre Pedro Pithou, e que da bibliotheca do *château de Rosni* passou ultimamente para a Bibliotheca R. de Pariz, todos os nomes são portuguezes, e os mesmos que forão dados pelos descobridores. Esta carta é igualmente da primeira metade do seculo XVI°. A confrontação da nomen-

---

(1) Esta carta existe na Bibliotheca real de Pariz, no deposito das cartas e planos.

clatura geografica desta carta com a Chronica da conquista de Guiné por Azurara, com Cadamosto, e com Barros, prova a exactidão do que acima dizemos. A antiguidade e perfeição da dita carta mostra pois com toda evidencia que os elementos geograficos de que se servio seu autor forão, conforme as regras da cartografia, tirados de cartas anteriores. Ora sendo o cosmografo portuguez, autor deste atlas, dos principios daquelle seculo, claro fica que os elementos de que se servio forão os das cartas nauticas anteriores, isto é das do seculo XV° feitas pelos navegadores que descobrírão aquellas paragens, os quaes, conforme as instrucções do Infante D. Henrique, hião munidos de cartas nauticas onde marcavão os pontos a que aportavão, como nos diz *Azurara.*

Em outra carta portugueza d'Africa (Bibliotheca R. de Pariz) feita em Lisboa, por Domingos Sanches, em 1618, todos os nomes são portuguezes.

O mesmo em outra carta portugueza Mss. de Teixeira Albornoz, feita em 1667, que se acha no *Dépôt de la marine.*

Os cosmografos italianos, principalmente os venezianos e florentinos, os quaes erão então dos mais instruidos da Europa, buscavão por todos os meios estar ao alcance de todas as circumstancias, e particularidades relativas aos descobrimentos, tanto em razão do interesse scientifico que nisso tinhão, como pelo interesse commercial que podia resultar das relações com as terras novamente descobertas.

Nas cartas que elles publicárão no decurso do seculo XVI°, conservárão escrupulosamente as denominações

portuguezas primitivas, e acrescentárão as que outros dos nossos descobridores mais modernos dérão a outros pontos da costa d'Africa, onde abordárão depois da morte do Infante D. Henrique.

Produziremos apenas os seguintes exemplos.

Na carta de *Gastaldi*, publicada em Veneza em 1564, todos os nomes que se lêem na costa d'Africa occidental são portuguezes, e em geral os mesmos que se encontrão nas cartas acima citadas, e se lê de novo depois do C. Branco, *Ilha dos Coiros*. Em *Arguim* se vê pintado um pequeno forte. Na *Casamansa*, na margem direita, se indica um forte, ou feitoria, depois *rio das Palmas*, *C. Formoso*, etc.

A carta de Paulo *Forlani* Veronnese (1562), posto que menos minuciosa do que a precedente, menciona comtudo o paiz do *Budomel*. Em outra carta italiana do seculo XVII° (1), se vê perfeitamente marcada a *Casamansa* e pintado um pequeno castello no centro. Do mesmo modo, em outra carta veneziana do mesmo seculo que alias é enriquecida com muitas notas, se vêem todos os nomes portuguezes, e até se indicão os annos de alguns dos nossos descobrimentos. No Senegal, e Cabo Verde se lê por exemplo o seguinte :

N° 1. — *Scop. da Denys Fernando* 1446.
N° 2. — *Scop. l'an.* 1446 *dai Portug.* (2).

---

(1) Existe na Bibliotheca real de Pariz, *Dépôt des cartes et plans.*
(2) Existe na mesma Bibliotheca.

Os cosmografos venezianos levárão a fidelidade de transcripção dos nomes geograficos portuguezes a tal ponto, que em uma carta feita em 1689 por *Coronelli*, a qual tem o seguinte titulo : *Afrique selon les relations les plus nouvelles, par P. Coronelli, cosmographe de la république de Venise*, não só todos os nomes que se lêem na costa d'Africa occidental são portuguezes, e são os das nossas antigas cartas, mas tambem, o que é mais curioso, é que apesar de terem apparecido já as cartas de *Sanson*, onde *pela primeira vez* se vê impresso o nome de *Petit Dieppe*, o cosmografo veneziano o não admittio na sua carta que alias dedicára ao duque de Brissac, e apesar de ter sido mandado vir para França pelo cardeal d'Estrées.

Se do exame das cartas italianas passâmos a estudar os elementos geograficos das cartas hollandezas na parte da nomenclatura da costa d'Africa occidental, este exame nos apresenta os seguintes resultados.

Na magnifica carta hollandeza em pergaminho a colorido por João *Dircher*, feita em 1599 (1), todos os nomes são portuguezes em toda a extensão da costa d'Africa occidental alèm do *Cabo Bojador*. Na carta da Guiné que se encontra no *Grand Routier* de Linschot, edição de 1619, a nomenclatura é do mesmo modo portugueza. Na de *Hondius* publicada em 1623, os nomes das antigas cartas são alli conservados exclusivamente. Em outra carta mss. de 1631 (2), todos os nomes, que são alias mui

(1) Esta carta existe no *Dépôt général des cartes de la marine*.

(2) Na mesma collecção.

numerosos, que alli se lêem são portuguezes, e não se vê o de *Petit Dieppe*, antes tem o do *Rio dos Cestos*. Do mesmo modo, em outra de 1661 com titulo : *Africae Nova Descriptio*, e na de Guilherme *Blaeuw* de 1670, e nas outras de *Visscher*, e de *Pieter Goos* (1); mas nos fins do seculo XVII°, os nomes portuguezes começárão a desapparecer de algumas cartas hollandezas.

Até na carta de *Bertius* de 1640 se vêem conservados os nomes portuguezes que existião nas cartas italianas copiadas das portuguezas de que elle se servíra. Nesta se lê sobre a *Casamansa* a palavra *Guião*, palavra que entre os Portuguezes principalmente do seculo XV° significava *bandeira, estandarte*, como emblema de commando, e de dominio. Ora nas cartas da *Idade Media*, e ainda nas dos seculos XVI° e XVII, os cosmografos indicávão as possessões das differentes nações pelas bandeiras ou *guiões* das mesmas nações. É pois de presumir que *Bertius* copiára aquella palavra portugueza de uma carta antiga que indicava que sobre aquelle territorio tremolava o *guião* portuguez (2). *Bertius*, apesar de ser cosmografo de Luiz XIII, pertencia á escola hollandeza, e tinha nascido em Flandres, e ainda no seculo XVI°, tinha alèm disso vivido em intima amizade com *Justo Lipsio*, o qual era um dos sabios da-

---

(1) Na mesma collecção. Nesta carta se lê junto do rio Senegal, *Rio Portuguez*.

(2) Em uma carta de Hugo Allard dos fins do seculo XVII°, na qual se lêem muitos nomes portuguezes, se lê igualmente sobre a *Casamansa* a palavra *Guião*.

quella epoca mais instruido nas cousas portuguezas, de que temos provas nas suas cartas dirigidas a alguns dos nossos sabios ; é portanto de presumir que elle alludíra por aquella palavra ao dominio portuguez naquelle ponto.

Quanto ás cartas inglezas, poderiamos produzir alguns exemplos para provar que os nomes portuguezes se conservárão nellas como nas das outras nações da Europa. Para não excedermos porêm os limites desta memoria, citaremos apenas o seguinte:

Em uma carta mss. ingleza do seculo XVII, *A New Map of coast of Guinea from Cap Verd*, se lêem quasi todos os nomes portuguezes, e entre estes o de *Rio dos Cestos*, mas não o de *Petit Dieppe* (1).

Os exemplos que acabâmos de produzir mostrão que as denominações geograficas dos primeiros descobridores portuguezes forão não só admittidas, e conservadas mais de dois seculos nas cartas das principaes nações maritimas da Europa, como um titulo incontestavel dos nossos descobrimentos, mas igualmente que as ditas denominações forão do mesmo modo conservadas nas cartas dos Ptoloméos de Strasburgo, nas dos mesmos cosmografos francezes, e até nas cartas feitas pelos de Dieppe, como passâmos a mostrar.

Em a carta d'Africa do Atlas inedito feito por *João Rotz*, natural de *Dieppe*, e que este cosmografo desenhára primeiramente para o *rei de França*, como diz na dedicatoria, mas que offereceo depois a Henri-

---

(1) Esta carta existe no *Dépôt général des cartes de la marine*, onde a examinámos.

que VIII° de Inglaterra, atlas que é datado de 1542, e que é pintado em 18 grandes pelles de pergaminho, toda a nomenclatura hydro-geografica que se lê na costa d'Africa occidental *é portugueza*, e não faz menção entre elles de *Petit Dieppe*, ou *Sestro Paris* (1).

Em outro Atlas hydrogeografico desenhado em *Dieppe* em 1547, composto de 15 cartas, por *Nicolao Vallard* de *Dieppe*, o qual pertenceo ao principe de Talleyrand, toda a nomenclatura geografica *é portugueza*. O celebre geografo francez *Barbié du Bocage* diz que estes Atlas fôrão feitos sobre as cartas portuguezas ou copiados destas (2), e acrescenta que tanto este Atlas, como o do outro cosmografo de Dieppe *Rotz*, e a carta franceza que pertenceo a *lord Oxford*, e que existe no Museo Britanico (3), provão que a *Nova Hollanda* fôra descoberta pelos Portuguezes, opinião igualmente adoptada por *Dalrymple*, *Pinkerton*, *de La Rochette*, *Coquebert*, e outros.

Em um tratado francez de cosmografia o que tem por titulo : *Les premières heures de Jacques de Vaulx, pilote pour le roy en la marine*, 1533, se encontrão

---

(1) Este precioso Atlas existe no *Museo Britanico*. 20—E—IX. Devemos estas noticias ao nosso consocio o Sr *Washington* da Sociedade R. geografica de Londres, e a douta generosidade de Mr *Holmes* do *Museo Britanico*.

(2) *Vid.* a noticia dada por este geografo no *Moniteur universel* de 1807, pag 761.

(3) Desta carta temos igualmente varias noticias interessantes na carta de Mr *Holmes* do Museo Britanico de 16 de novembro deste anno, e que nos forão transmittidas pelo Sr *Washington*.

cinco cartas primorosamente illuminadas, e nellas descrita a costa d'Africa com nomes portuguezes. Em todas ellas a nomenclatura hydro-geografica é portugueza. O cosmografo, para mostrar a differença dos meridianos de cada lugar segundo as longitudes, não empregou outros nomes senão os portuguezes, e os mesmos dados pelos nossos descobridores. Este interessante tratado é seguido d'um *Mappamundi*, e na parte d'Africa deste todos os nomes são igualmente portuguezes. Em nenhuma destas cartas se lêem os nomes de *Petit Dieppe*, nem de *Petit Paris* (1).

No Atlas inedito de *Guillaume le Testu*, piloto francez, dedicado ao almirante *Coligny* em 1555 (2), a nomenclatura é portugueza, posto que estropiada. A folhas 18, na carta da costa d'Africa ricamente illuminada se vê no interior pintado o estandarte real portuguez, e a esphéra armilar d'elRei D. Manoel. Sobre o territorio do Cabo de Palmas se vê pintado outro estandarte portuguez. Depois se vê pintado o *castello de S. Jorge da Mina*, flanqueado de 7 bastiões, e um enorme estandarte real portuguez no meio. Nesta interessante carta todos os nomes são portuguezes. Os nomes de *Petit Dieppe* e de *Petit Paris* não apparecem nestas cartas.

Em a carta d'Africa que vem gravada na cosmografia de *Belle-Forest*, Pariz, 1575, se lêem todos os nomes

(1) Esta obra existe na Bibliotheca real de Pariz. Casa dos MM. Supplem. francez, nº 1945.

(2) Este Atlas existe no *Dépôt de la guerre*, onde o examinámos.

portuguezes, sobre a *Casamansa* se vê pintado um pequeno castello. Não se lêem porêm alli os nomes de *Petit Dieppe* e de *Petit Paris*. A pag. 1930, se diz : *Castel de Mine, place bâtie par les Portugais et tant renommée.*

Thevet, *Cosmographe du roi*, na sua obra publicada em Pariz no mesmo anno de 1575, diz igualmente que os Portuguezes edificárão a Mina.

Na carta inedita em pergaminho, datada de 17 de julho de 1601, e feita *em Dieppe* por Guillaume Levasseur, todos os nomes são portuguezes, e só tem alguns traduzidos em francez (1). Não se lê tampouco nesta carta nem *Petit Dieppe*, nem *Petit Paris*, antes se vê tremolar a bandeira portugueza em S. Jorge da Mina. Em letra vermelha se lê *R. dos Sestos*, e nem uma palavra do *Petit Dieppe*.

Em outra carta d'Africa em pergaminho magnificamente illuminada, feita no Havre de Grace, por *Pierre de Vaulx, pilote géographe pour le roy l'an* 1613, todos os nomes, alias numerosissimos, são portuguezes, e só alguns se afrancezárão. Não se lêem tampouco nesta carta os nomes de *Petit Dieppe*, nem de *Petit Paris* (2). Tem pintado o forte da Mina.

Em outra carta mss. em pergaminho feita em 1625 por *Dupont* de *Dieppe*, todos os nomes são igualmente portuguezes, marca o *Rio dos Cestos*, e não se lê na

---

(1) Esta carta existe no *Dépôt des cartes de la marine*, onde a examinámos.

(2) Existe no mesmo deposito.

dita carta nem *Petit Dieppe*, nem *Petit Paris* (1).

Finalmente, em outra carta d'Africa em pergaminho feita em Dieppe, por *Jean Guerard*, em 1631, se encontrão *pela primeira vez* os nomes de *Petit Dieppe* e de *Rufisque* (2), posto que a nomenclatura seja toda portugueza, ou os nomes traduzidos e estropiados (3).

Ora, como acabâmos de ver, se em todas as cartas d'Africa de todas as nações da Europa, sem exceptuar mesmo as feitas pelos Francezes durante todo o decurso do XVI° seculo, os elementos que servírão para a nomenclatura geografica dellas forão os das cartas dos Portuguezes do XV° seculo, e se nas dos mesmos cosmografos de Dieppe, como são as de *Rotz* de 1542, de *Vallard* de 1547, de Guilherme *Levasseur* de 1601, e de *Dupont*, feita em 1625, se não encontra marcado o *Petit Dieppe*, e se este nome só apparece pela *primeira vez* na carta de Guérard de 1631, fica bem evidente que a dita denominação só foi dada ao ponto junto ao *Rio dos Cestos* depois do estabelecimento da companhia dos maritimos de Dieppe e de Roão, fundada em 1626, isto é um anno depois da carta de *Dupont*; tanto mais que a dita companhia desenvolveo grande actividade, e obteve grandes pro-

(1) Esta carta existe no *Dépôt des cartes de la marine*, onde a examinámos.

(2) *Rufisque* n'est qu'une corruption de *Rio Fresco*, nom que les Portugais donnèrent à cet endroit. (La Harpe, Histoire générale des Voyages, t. II, p. 50.)

(3) Esta carta existe no *Dépôt général des cartes de la marine*.

veitos desde aquelle anno até 1664, e administrava as suas feitorias d'Africa por directores da sua escolha, e provia aos meios de defeza, sem intervenção alguma do governo (1). A' vista de taes faculdades, e das provas que resultão do exame das cartas geograficas, fica evidente, em nosso entender, que entre os annos de 1626 e 1631 os Dieppezes dérão pela primeira vez os ditos nomes indicados na carta de Guérard, os quaes alias apparecem depois nas cartas de *Sanson* de 1669 e em outras francezas posteriores. Logo fica demonstrado que tal denominação não remonta ao seculo XIVº, como pretendeo Villaut, e outros que o seguírão, nem entre os cosmografos de Dieppe, do Havre, e outros que citámos havia tradição formal das suppostas viagens, e descobrimentos dos Normandos no seculo XIVº, alias não deixarião de fazer menção constante daquelles nomes francezes nas suas cartas.

Se ao importante facto da omissão daquelles nomes nas cartas citadas até á de *Guérard* em 1631, e ás provas que tirámos deste exame, juntarmos o que diz *Barros* (Decad. I, liv. III, c. 12) a respeito de Mohamet-Ben-Man-Zugal, neto do *Mussa*, rei do Songo, senhor de uma das mais populosas cidades da provincia de Mandiga, a qual jaz no parallelo do cabo de Palmas, isto é a 4,26ᵐ N., fica ainda mais comprovada a nossa asserção. O historiador portuguez diz que o dito rei respondêra á embaixada que elRei D. João II lhe man-

(1) *Vid.* Notices statistiques sur les colonies françaises, t. III, p. 144.

dou : « *Quasi como espantado de tal novidade* (segundo
» vimos em as cartas destas mensagens que temos em
» nosso poder), o qual declarou que nenhum dos muitos
» reis de que elle descendia, *ouvio recado nem men-*
» *sageiro d'elRei christão*, etc. »

Ora, ficando o *Petit Dieppe* situado na parallela de
5 N., seria possivel não haver naquellas terras tradição
alguma relativa a principes christãos antes do tempo
d'elRei D. João II de Portugal?

Os reis poderosos, de que Mohamet tinha noticia, erão
os quatro seguintes, do *Alimaem*, de *Baldac*, do rei
do *Cairo*, e do de *Tucurol*.

Por este facto se prova da maneira mais positiva
que nenhum credito se deve dar ás suppostas tra-
dições relativas á anterioridade das communicações dos
Francezes nestas paragens ás nossas, e que pretendião
ter existido entre os povos daquellas paragens de que
falla Villaut 185 annos *depois* daquelle facto, e *Dapper*
mais de dois seculos posterior ao dito facto (1)!

§ X.

Continua-se a mesma materia.

Deixando pois demonstrada a epoca em que os nomes
de *Petit Dieppe*, e de *Rufisque*, se introduzírão nas car-
tas do seculo XVII°, continuaremos neste §° a citar ainda
outros monumentos geograficos authenticos, e alguns

---

(1) *Vid.* p. 54 desta Memoria, e comparem-se as passagens citadas.

delles ineditos, os quaes reforção as provas incontestaveis da prioridade dos nossos descobrimentos, e afim tambem de dar uma noticia mais ampla deste interessante assumpto.

Na preciosa carta inedita feita pelo celebre piloto *João de la Cosa* em 1500, a costa occidental d'Africa contèm mais nomes do que na de *Arrowsmith, e todos são portuguezes*. Entre o *Cabo de Palmas* e o *Cabo das Tres Pontas* se vê pintado um grande edificio com um grande estandarte quadrado que representa a bandeira portugueza. No fundo do golfo de Guiné, immediatamente ao norte da linha, junto do *Cabo Formoso*, se vê um navio com uma flamula, e ao lado deste pintadas tres ilhas que, segundo a opinião do nosso sabio amigo, e collega, o S[r] barão *Walckenaer* (1), são provavelmente *Fernando-Pó*, *Ilha do Principe*, e ilha de *S. Thomé*. Mais longe, e immediatamente ao sul da linha, existe um grupo de 6 ilhas, e junto deste um navio com a bandeira portugueza, e a seguinte nota:

Islas nel mare Oceanum Austral.

Todas as bandeiras que se vêem junto destas ilhas em os navios, são portuguezas.

No Mappamundi hespanhol feito por *Diogo Ribeiro* em 1529 (2), que se conserva original e inedito na

---

(1) Devemos as noticias desta interessante parte da carta de *João de la Cosa* ao seu sabio, e benemerito possuidor o S[r] barão Walckenaer, na carta que nos escreveo em 9 de novembro deste anno.

(2) Diogo Ribeiro era cosmografo do imperador Carlos V[o], desde 1523. Humboldt, *Examen critique de l'Histoire de la Géo-*

bibliotheca de *Weimar*, vemos de uma copia que possue M. *Walckenaer* que toda a costa occidental d'Africa está cheia de nomes, que estes são portuguezes, e mesmo no interior a partir do *Cabo Mesurado*, lêmos os seguintes : *Mesurado, La Mina de Portogal*, etc.

Vemos do mesmo modo em um *Mappamundi*, com o titulo *Nova et integra universi orbis descriptio*, publicado na edição de *Pomponio Mela* com os commentarios de *Vadianus*, impresso em *Pariz* em 1540, toda a nomenclatura portugueza nos diversos pontos marcados na costa occidental d'Africa. Naquella carta, e na dita costa se lê : *Cabo Bojador, Rio do Ouro, Bahia de S. Cypriano, C. d'Arca, C. Verde, R. Grande, Serra Leoa, C. do Monte*, etc.

É pois evidente que tanto para esta carta, como para as anteriores servírão d'elementos as cartas portuguezas antigas. Não se lêem porem nestas cartas tampouco os nomes de *Petit Dieppe*, nem de *Sestro Paris*, apezar de se achar junta á parte que foi impressa em Pariz no dito anno de 1540.

Acrescentaremos a estas provas mais uma nomenclatura geografica que encontrâmos n'uma relação de um capitão de *Dieppe*, e por isso tanto mais importante para o nosso caso, a qual foi publicada pelo celebre *Ramusio* (tom. III da sua coll. 1556) no §° *Del Viaggio che si fa nella costa de la Guinea* (da viagem que se faz na costa da Guiné). Esta relação é do tempo de Fran-

---

graphie du nouveau continent, ediç. em-8°, t. III, p. 184, passim. Navarrete, t. III, p. 306.

cisco I°, e portanto anterior a 1547. A dita nomenclatura, como o leitor vai vêr, é não só portugueza, mas o que é mais importante, é, que o autor da viagem, *apesar de ser maritimo de Dieppe*, descrevendo todos os nomes portuguezes dos portos, não descreve, nem falla no *Petit Dieppe*, nem em *Sestro Pariz*, nem em *Rufisque*, nem na supposta prioridade dos descobrimentos dos Normandos naquella costa, mencionando alias pelo que respeita á America, e outras partes, as nações que descobrírão aquelles paizes. Os nomes que alli se encontrão são os seguintes : de *Cabo Verde* ao *Gambia* (Gambra) marca a distancia. Deste a *C. Roxo*, deste ao *R. Grande*, deste á *Serra Leoa*, e desta ao *R. dos Cestos*, e ao *C. de Palmas*, deste ao *C. das Tres Pontas*, *R. do Gado*, deste ao *C. Formoso*, deste ao *R. Real*, deste a *Fernando-Pó*, deste ao *C. de Lopo Gonçalvez*, deste ao *Manicongo*, situado a 6 de lat. austral, etc.

As provas indubitaveis da prioridade dos nossos descobrimentos augmentão a proporção que se examinão os documentos antigos, e anteriores a Villaut; e mais se fortificão pelo exame dos monumentos geograficos dos mesmos *Dieppezes*.

Se pois no tempo em que viveo aquelle viajante de *Dieppe*, o qual era alias instruido, existissem mesmo simples tradições dos suppostos descobrimentos dos seus compatriotas effectuados na Africa occidental, elle não deixaria por certo de as mencionar, bem como os nomes postos pelos seus mesmos compatriotas a alguns pontos daquella costa. Aquelle viajante antes se queixa de que nós impedissemos os Francezes de hirem commerciar á

Guiné, ao Brasil, e á Taprobana, e as razões que allega limitão-se ás seguintes, a saber: que *logo que os Portuguezes navegão ao longo de uma costa della se apossão, e a considerão como sua. Posto que este povo* (o Portuguez) *seja o mais pequeno de todo o globo! este não lhe parece assaz extenso para satisfazer a sua cubiça. Parece* (exclama elle) *que os Portuguezes bebêrão do pó do coração do rei Alexandre para mostrarem uma tão desmedida ambição*, etc.

Deixando pelo que acabamos de transcrever provado por mais outro documento normando que no tempo de Francisco I° não havia tradição entre os Dieppezes dos seus suppostos descobrimentos no XIV° seculo na costa occidental d'Africa, deixando provado que este mesmo viajante mencionou os pontos maritimos da dita costa pelos nomes portuguezes que realmente tinhão, e que attestavão a nossa prioridade pelos motivos que acima ficão referidos, passaremos agora a citar outros monumentos geograficos de grande importancia.

Em duas cartas d'Africa do precioso Atlas inedito, feito pelo cosmografo portuguez *João Freire* em 1546 (1), se vê toda a costa d'Africa coberta de infinitos nomes

---

(1) Este interessante monumento geografico existe na preciosa, e selecta livraria do Sr barão *Taylor*, que com douta franqueza nos deu conhecimento delle. Compõe-se de 7 cartas em pergaminho, illuminadas; a execução caligraphica é perfeitamente executada. Na 7ª folha se lê o nome do cosmografo, e a data que citâmos acima.

Sobre a *Terra-Nova* tem o estandarte real portuguez pintado, e todos os nomes dos portos, enseadas, e rios são portuguezes.

portuguezes. Como um signal indicativo do dominio maritimo no Oceano, se vêem pintados varios navios em diversos pontos, principalmente da costa d'Africa, com a cruz da ordem de Christo pintada nas velas. Na costa occidental d'Africa se vêem pintadas as bandeiras reaes portuguezas junto a *Arguim*, apanhando todo aquelle territorio, vendo-se depois outra sobre o *Senegal* e *Cabo Verde*. Na segunda carta d'Africa se vê outra vez a bandeira real portugueza no *Cabo Verde*, e a haste se extende sobre o *Senegal*. No *Rio Grande* se vê um estandarte encarnado com duas pontas, a 1ª de ouro, e a 2ª d'azul, tendo cada um uma meia lua pintada no centro. No interior se vê pintada uma cordilheira de montanhas, e um *leão rompente* na extremidade destas, isto é na *Serra Leôa*. Junto do *Rio do Lago* e da *Aldea das Almadias*, se vê pintada outra bandeira portugueza (1).

Em outra grande carta em pergaminho feita em Sevilha em 1550, por *Diogo Gutierres*, cosmografo hespanhol (2), todos os nomes que se lêem na costa occidental d'Africa desde o *Bojador* até ao *Cabo de Palmas*, onde se termina a carta, são tirados de cartas portuguezas anteriores.

Na grande carta inedita feita pelo cosmografo portuguez *André Homem* em 1559, toda a nomenclatura é

---

(1) *Vid.* a nomenclatura *hydro-geografica* no Appendix.

(2) Esta carta existe no *Dépôt général des cartes de la marine*, onde a examinámos, e é a mais antiga carta inedita que se acha naquella repartição, segundo nos affirmou o benemerito conservador, e se vê do catalogo.

portugueza, e se vêem as armas reaes portuguezas, pintadas sobre a Guiné (1).

Em outra carta d'Africa do Atlas do cosmografo portuguez *Lazaro Luiz*, que se conserva original e inedito na bibliotheca da Academia real das Sciencias de Lisboa, o qual foi feito em 1563, se vê por detrás da costa que corre des d'o *Casamansa* até ao *Rio das Pontas*, uma grande serra que se extende, e no alto da qual está um *leão rompente* sustentando na mão direita, que tem levantada, *as quinas de Portugal*, e por cima do leão ha umas lettras grandes que dizem *Africa*, e nesta porção da costa comprehende-se a *Serra Leôa*. O nosso consocio o S^r^ J. J. da Costa de Macedo, que teve a bondade de nos enviar esta nota ácerca da carta d'Africa deste Atlas, acrescenta, que lhe não parece que as *quinas portuguezas* sejão relativas á porção da costa que está contigua á Serra, mas que a Serra indica parte das montanhas do interior d'Africa, e as lettras que dizem: « *Africa*, postas por cima do leão, designão *o dominio portuguez* em todo aquelle paiz. »

Outras cartas d'Africa de outro Atlas *inedito*, feito em *Messina* em 1567, por *Joan Martines* (2), primorosamente illuminado, e os nomes escriptos na maior per-

(1) Esta carta illuminada, a qual tem 7 pés de largo, existe no *Dépôt géographique et topographique du ministère des affaires étrangères*, onde a examinámos. Tem a seguinte inscripção: « *Andreas Homem, cosmographus lusitanus, me faciebat Antuerpiæ an.* 1557. »

(2) Este precioso Atlas compõe se de 6 cartas, e pertenceo á celebre bibliotheca de Heber, donde passou pera a de M. *Ternaux-Compans*.

feição, se vê toda a nomenclatura portugueza apezar do cosmografo ser Hespanhol. Vê-se igualmente entre o *Rio de S. Bento*, e o *Rio dos Camarões*, pintado um grande castello com o *estandarte real portuguez*. Tem outras bandeiras portuguezas ao sul, e na parte oriental. Mais abaixo do golfo de Guiné se vêem dois grandes navios com a *bandeira portugueza* no tope do mastro grande, navegando na direcção do cabo da Boa-Esperança.

Na carta da *Asia* se vêem pintados os estandartes portuguezes em *Calecut*, e em *Cambaya*, e no Oceano Indico se vêem pintados dois navios portuguezes tendo não só a bandeira azul portugueza com as *cinco quinas* nos mastros, mas tambem pintada nas velas a cruz da ordem de Christo, um delles navegando entre as Maldivas, e *Socotora*, hindo na direcção do *cabo da Boa-Esperança*, e o outro na direcção de um estreito no qual se lê *passo* entre uma grande ilha na qual se lê em italiano : « Qui nela *Java majori*, *li donni si abruxano* » *vivi dipoi morto il suo marito*, » e na outra ilha se lê *Java menor*. No *mar* do *Sul* o cosmografo pintou igualmente dois navios portuguezes, um navegando na direcção do Sul, e o outro na de Leste. Do mesmo modo se vê outro navio portuguez pintado na parallela do *Rio da Prata*, navegando na direcção do *estreito de Magalhães*.

É evidente que o cosmografo quiz mostrar pela pintura dos navios portuguezes navegando em todas as direcções no Atlantico, no golfo de Guiné, no mar Indico, no mar do Sul, e na direcção dos dois cabos que terminão a Africa, e a America, é evidente, dizemos, que quiz

mostrar que os Portuguezes erão ainda naquella epoca a nação dominadora naquelles mares, do mesmo modo que ao largo do golfo do Mexico, e do archipelago das Antilhas, se vêem dois navios hespanhoes, e posto que já naquella epoca os navios mercantes de outras nações navegavão naquelles mares, comtudo o cosmografo não representou nem um só, em razão daquellas viagens serem pela maior parte clandestinas, e de nenhum modo da natureza das dos Portuguezes e Hespanhoes, unicas nações que então dominavão naquelles extensos mares, e vastas regiões (1).

É pois por estas particularidades que as cartas geograficas antigas são da maior importancia, não só como monumentos geograficos, mas ainda mais como monumentos historicos de irrecusavel authenticidade.

Vemos tanto no *Mappamundi* do *Theatrum orbis Terrarum* do sabio *Ortelio*, cognominado o *Ptolomeo moderno*, como na carta d'Africa da primeira edição daquella preciosa obra publicada em 1570, que elle adoptára a nomenclatura hydro-geografica portugueza. Na carta da costa occidental d'Africa do famoso Atlas do cosmografo portuguez *Fernão Vaz Dourado*, feito em 1571, da qual temos á vista uma copia tirada com admiravel nitidez, e fidelidade, no Archivo real da Torre do Tombo, não só se encontra a maior parte da nomenclatura portugueza das cartas precedentes, mas ainda,

---

(1) Compare-se esta particularidade com o que referímos acima quando tratámos da carta de João Freire, feita em 1546, na qual o cosmografo pintou igualmente os navios portuguezes.

alèm dos nomes que se lêem nas dos cosmografos anteriores, se vêem outros igualmente portuguezes, que nas mesmas se não encontrão. Entre o *Senegal* e o *Gambia*, se vê pintado o escudo das armas reaes portuguezas. No interior da *Guiné* se vê pintado outro escudo das mesmas armas de maior dimensão do que o precedente, e por baixo se lê : *Æliopiæ interior;* e entre o *Rio Formoso*, e o *Rio de S. Bento*, se vê um grande estandarte com a cruz da ordem de Christo em uma haste. Do mesmo modo se vê pintado outro estandarte com a cruz da mesma ordem no *Rio S. Francisco*.

Em quanto pois este nosso cosmografo se occupava em dotar a sua patria com um tão interessante monumento geografico, as edições do *Theatrum orbis* d'*Ortelio* se multiplicavão na Europa (1), e nas cartas d'Africa dellas a nomenclatura hydro-geografica portugueza, e em nenhuma destas se vê marcado o *Petit Dieppe*.

Se o sabio que acabámos de citar admittio a nomenclatura geografica portugueza na costa d'Africa occidental, como a unica conforme com os factos authenticos do descobrimento verdadeiro e real daquella parte daquella região; se elle admittio, e citou como authentica a autoridade de *Barros*, outro sabio geografo dotado tambem de profundos conhecimentos, não se desviou tampouco do caminho da verdade.

Com effeito *Livio Sanuto*, que lêra e estudára as obras dos historiadores, e dos viajantes; que compulsára

(1) *Vid.* edições de 1573, 1575, 1578, 1587, e em francez 1592, 1595.

os diarios dos navegantes, afim de poder desenhar as cartas com maior exactidão do que todas as que té então se conhecião, e de quem *Purchas* diz que fôra o A. que descrevêra a Africa com maior exactidão; este geografo pois, nas cartas d'Africa que elle mesmo desenhou, e que acompanhão a sua obra, que se imprimio em 1588, conservou toda a nomenclatura hydro-geografica portugueza, e alèm disso juntou a alguns destes nomes a historia delles. Citaremos apenas os exemplos seguintes, os quaes augmentão ainda mais o grande numero de provas em nosso favor, e servem de novos argumentos para refutar as pretenções de *Villaut* e dos que o seguírão.

Diz pois que o *Cabo Bojador* fôra assim chamado pelos Portuguezes que forão os primeiros que o descobrírão (1); que o commando do castello d'Arguim se dêra a *Soeiro Mendes* em 1441. Fallando da costa da *Malaguetta* e da *Guiné* (2), diz que as differentes caravanas de Negros vinhão commerciar com os Portuguezes; e acrescenta que a costa da *Malaguetta* fôra assim chamada pelos Portuguezes pela abundancia desta especiaria, e não pelos Normandos, como *Villaut* inventou 79 annos depois de Sanuto. Tratando da *Mina*, diz que fôra *descoberta* por *João de Santarem* em 1471, e que o castello fôra alli construido por elRei de Portugal, e acrescenta que alli só hião os feitores d'elRei de Portugal.

(1) *Vid.* fol. 77.
(2) *Ibid.* fol. 87.

Forão os mesmos elementos da nomenclatura hydrogeografica portugueza, que servírão a *Hondius* para a carta d'Africa da edição de *Mercator*, publicada em 1609. Nesta carta se vê na *Casamansa* um castello, e na costa de *Guiné* não só a nomenclatura é portugueza, mas alèm disso se lê nesta lingoa longe da costa a seguinte nota:

« *Aqui está outra côrte de Jalofos.* »

Estas cartas são feitas com tal miudeza e exactidão, que o simples exame dellas mostra que forão feitas depois de maduro estudo, e profundo conhecimento das cousas daquella parte d'Africa bebidas em fontes e relações portuguezas como as mais exactas e veridicas. Até na ilha de *S. Thomé* se indicão as propriedades e os nomes de alguns senhores d'engenhos d'açucar!

Encontrâmos os mesmos elementos portuguezes na carta de outra edição de *Mercator*, publicada em *Amsterdam* em 1632, e no *Mappamundi* de Hondius de uma edição d'*Ortelio*, publicada em *Amsterdam* em 1641, no qual, do mesmo modo que nas precedentes, se não lê o nome de *Petit Dieppe*, apezar de ser dedicada aos *doctissimis viris DD. David Sanclauro*, *Antonio Willon*, e *Martino Matheseos*, professores da Academia de Pariz.

A' vista pois desta deducção fundada nos documentos da mais incontestavel autoridade, documentos que se achão, alèm da sua propria authenticidade, em harmonia com as relações, historias, e chronicas, igualmente authenticas, e contemporaneas; á vista da evidencia de taes provas da prioridade dos descobrimentos dos Portu-

guezes naquella parte do globo, nem o espirito mais rebelde á verdade poderá recusar a importancia decisiva dellas.

XI.

Mostra-se que as historias de França, e as mesmas chronicas normandas dos seculos XIV° e XV°, não fazem menção alguma dos suppostos descobrimentos dos Normandos na costa d'Africa occidental.

No § III° mostrámos que as cartas anteriores aos nossos descobrimentos alèm do *Cabo Bojador*, isto é a dos dois irmãos *Pizigani*, de 1367 (1), a do Atlas catalão da Bibliotheca real de Pariz, ao qual assignão os geografos francezes a data de 1375 (2), não continhão indicados nomes alguns geograficos europeos alèm do dito Cabo Bojador. Na primeira destas cartas se lê o seguinte na linha que corresponde ao *Cabo Bojador :* « *Caput finis Africæ et terræ occidentalis.* »

Na segunda não se lê alèm do Cabo Bojador nem um só nome sobre a costa, antes se vê a seguinte nota que o desenhador colocou um pouco mais abaixo do cabo para dar logar ás grandes barracas que pintou no deserto. A nota diz pois : *Cabo Finisterre. É aqui que co-*

---

(1) *Vide* sobre esta carta a brochura intitulada : *De l'Ancienneté de la Mappemonde des frères Pizigani, exécutée en* 1367. *Deux lettres de M. Pezzana*, conservateur de la Bibliothèque de *Parme.* Gênes, 1808.

(2) Sobre as discussões que se agitárão ultimamente ácerca da data desta carta, *vid.* o Jornal Inglez *Athenæum* de 18 d'Abril, 16 de Maio, 6 e 20 de Junho de 1840.

meça a Africa que se termina em Alexandria e Babylonia. Esta parte daqui e comprehende toda a costa de Barbaria na direcção d'Alexandria, e para o meiodia em direcção da Ethiopia e do Egypto.

E não diz uma palavra da costa occidental.

Deixámos pois assim demonstrado que antes das nossas navegações e descobrimentos se não encontrão marcados nomes alguns na costa occidental d'Africa que corre alèm do Cabo Bojador, e nos precedentes §os IX° e X° levámos em nosso entender á maior evidencia, pelo exame das cartas dos xv° e xvi° seculos, que só desde então aquella costa fôra marcada nas cartas geograficas, e coberta de nomes portuguezes os quaes servírão d'elementos á cartographia de todas as nações da Europa. Mostrámos finalmente que o nome de *Petit Dieppe* só se encontra pela primeira vez em uma carta de um cosmografo daquella cidade datada de 1631.

Alèm destas provas irrecusaveis da prioridade dos nossos descobrimentos naquella parte do globo, juntámos outras de igual importancia, a saber os testemunhos de AA. contemporaneos; agora diremos, que em quanto por parte de Portugal existem estes titulos incontestaveis, pelo contrario pela dos Normandos, assim as Historias de França contemporaneas, bem como as chronicas de Normandia, não dizem uma só palavra sobre os suppostos descobrimentos dos Dieppezes do xiv° seculo. Os mesmos escriptores normandos o confessão como mostrámos já nesta memoria.

Com effeito o celebre Froissart não diz uma palavra, nem tampouco as *grandes chronicas de França* con-

servadas em S. Deniz (1), posto que alli se trate mui d'espaço dos acontecimentos occorridos durante o reinado de Carlos V de França , nem uma palavra se diz ácerca de taes, e tão importantes factos, isto é dos suppostos descobrimentos na Guiné pelos Dieppezes.

O mesmo acontece ás chronicas normandas antigas em gothico impressas em Pariz por *Jeham Saint Dinis*, e n'outra publicada em Roão por *Richard Macé*, a qual M. *Brunet* (2) julga ser uma nova edição da de 1483, nem uma só palavra se diz ácerca dos taes suppostos descobrimentos; antes pelo contrario, no capº. 208 de uma destas chronicas impressa em Roão em caracteres gothicos por *Pierre Regnauld*, alias sem data do anno d'impressão, lemos o seguinte:

« Au temps de ce bon roy Charles le Sage, fut le » royaume de France en *grande adversité* à cause des » Anglois et Navarrois qui étoient en grande puissance » sur les champs comme en plusieurs bonnes villes, ci- » tez et chateaux, *et faisoient forte guerre en Norman-* » *die.* »

A esta passagem, que alias nos mostra a impossibilidade em que se achavão naquella epoca os Normandos, na presença daquellas guerras, de tentarem, e muito menos de levarem a effeito descobrimentos em paizes tão remotos, acrescentaremos outra extrahida do autor da *His-*

---

(1) Grandes chroniques de France, selon qu'elles sont conservées à Saint-Denis.

(2) Vid. *Manuel du Libraire et de l'Amateur.* — *Nouvelles Recherches*, etc.

toire de la Marine (1), o qual, tratando do mesmo reinado de Carlos o Sabio, diz « *que a guerra durára continuadamente com os Inglezes,* » o que obrigára este principe a conservar armadas as suas escuadras, e termina : « *Mais » comme il n'était pas en état de soutenir la marine » à cause de l'épuisement où se trouvait le royaume, » il fit alliance avec Henri, roi de Castille, qui lui » prêta des vaisseaux.* »

Se em as chronicas que citámos acima se não encontra uma só palavra ácerca daquelles suppostos descobrimentos, tampouco se faz menção destes na obra intitulada « *Histoire et chronique de Normandie, revue et augmentée outre les précédentes impressions,* » impressa em Roão em 1610.

Esta chronica, apezar d'acrescentada e de ter sido publicada em uma epoca mais recente, e já depois dos Dieppezes terem frequentado em viagens clandestinas as costas d'Africa occidental na parte que comprehende o Gambia, e mesmo alguns portos situados no golfo de Guiné, não diz uma só palavra dos suppostos descobrimentos delles no xiv° seculo quando trata do reinado de Carlos V, tempo em que alguns modernos escriptores francezes dizem que elles se effectuárão.

Esta omissão adquire maior importancia pela data de 1610, e que esta se combina com a omissão do nome de *Petit Dieppe* nas cartas dos cosmografos de *Dieppe*

---

(1) *Vid.* Boismeslé, *Histoire générale de la marine.* Paris, 1754, t. II, p. 335 e seguintes.

João *Rotz* de 1542, Guillaume *Levasseur* de 1601, e de *Dupont* de 1625. (Vide §º IXº, pag. 85 a 87.)

No fim destas chronicas vem uma *descripção da Normandia* extrahida da chronica *inedita* composta por *Jean Nagerel*, impressa a dita descripção igualmente em Roão no mesmo anno de 1610.

Esta relação, apezar de ser mui circumstanciada, e do A. tratar da denominação de *Neustria* desde a destruição de Troya ate á vinda de Rollo (Raoul o Dinamarquez) com os seus Normandos, e de trazer algumas memorias chronologicas, nestas se não faz menção das viagens dos Dieppezes.

Ora se em 1610 houvessem tradições das suppostas viagens e descobrimentos dos mercadores de Dieppe, e de Roão, destas se teria feito alguma memoria na minuciosa e circumstanciada relação da entrada publica em Roão de Carlos IXº em 12 d'agosto de 1563, e das festas que então se fizerão naquella cidade, nas quaes as autoridades e magistrados de Roão fizerão representar em alegorias nas columnatas, nos arcos de triunfo, tudo quanto a imaginação, e a mythologia lhes suggerira; alli não vemos mencionada nenhuma relativa á supposta tradição que se diz existir agora entre os Normandos dos suppostos descobrimentos da Guiné, nem vemos a menor allusão áquellas fabulosas navegações nos discursos feitos pelas ditas autoridades, nem nos do parlamento.

Em quanto pois as chronicas de França do xivº seculo e as antigas chronicas de Normandia passão em silencio aquelles suppostos descobrimentos, um chronista

portuguez dotado d'immensa erudição, contemporaneo dos descobrimentos dos Portuguezes, que tinha fallado com os descobridores, finalmente *Azurara*, na sua *Chronica da conquista de Guiné*, diz no capitulo 30, fallando da viagem de Deniz Dias, e do descobrimento de *Cabo Verde* : « Filharon daquelles quatro, os quaes forom os » primeiros que em sua propria terra forom filhados por » Xpaãos (Christãos), *nem ha hi cronica nem estorya* » *em que se conte o contrario.* »

Em quanto o illustre infante D. Henrique dizia ao papa Nicoláo V, « *que não tinha noticia, que nunca,* » *pelo menos que se houvesse conservado na memoria dos* » *homens que houvera costume de navegar o mar Ocea-* » *no para as regiões meridionaes, e orientaes, sendo o* » *mesmo mar* (acrescentava elle) *desconhecido a nós oc-* » *cidentaes que não tinhamos nenhuma noticia certa* » *daquellas regiões*, etc. (1). »

Basta ser mediocremente instruido para saber que a côrte de Roma era certamente a mais bem instruida de todas ácerca do que se passava em toda a christandade; se alli pois constasse que os Dieppezes, e outros subditos de França, não só tinhão descoberto aquellas regiões africanas, mas que alèm disso alli havião fundado estabelecimentos nos quaes os ditos Normandos devião *precisamente* ter introduzido o culto, e religião catholica, a chancelaria romana não sanccionaria o que dizia o Infante, não daria todo o peso da sua autoridade a um facto contrario á verdade. Mas não, em Roma não

---

(1) *Vid.* pag. 26 desta Memoria, § IV°.

havia conhecimento de taes descobrimentos, nem de taes feitorias dos Dieppezes do xiv° seculo; do mesmo modo que o não havia em parte alguma, sem exceptuar mesmo a França, como nos é attestado pelas suas chronicas e historias contemporaneas, e pelas da Normandia, que acabámos de citar. E por outro lado seria absurdo monstruoso suppôr que o Infante, alias tão instruido nas sciencias, e na historia, como nos attestão os AA. e documentos contemporaneos, e a universal opinião dos estrangeiros do seu tempo, e que alèm disso tinha relações até em pontos remotos da Irlanda; seria absurdo, repetimos, suppôr que este principe ignorasse taes factos, quando *Villaut* (1), e os que o seguírão, nos dizem, que o commercio e relações dos maritimos da Normandia com aquella parte da Africa *continuárão até* 1410, isto é até 2 *annos antes* daquelle illustre principe mandar fazer as primeiras navegações dos descobrimentos!

§ XII.

Ponderão-se algumas razões que mostrão a inverosimilhança de poderem os maritimos de Dieppe attravessar o Atlantico no xiv° seculo, e hirem directamente á parallela de 5 gráos Norte da equinoxial.

Mostrámos no §° precedente que as chronicas de França do xiv° seculo, e as antigas chronicas normandas guardárão silencio sobre os suppostos descobrimentos dos

---

(1) *Vid.* pag. 52 desta Memoria, § VI°.

Dieppezes naquelle seculo; mostrámos que tanto nas ditas chronicas, como na obra de *Boismeslé*, se nos refere, que no reinado de Carlos V, cognominado o Sabio, as guerras continuárão, e que este rei se não achára em estado de conservar a sua marinha armada; agora acrescentaremos: 1° que não é presumivel que em tal epoca, e quando o soberano era obrigado a pedir navios ao rei de Castella, que os seus proprios subditos podessem dispôr tranquillamente, como no remanso da paz, dos seus navios, e equipar expedições regulares para attravessarem o Atlantico, afim de descobrirem a Guiné, e alli fundarem estabelecimentos; 2° que o estado da marinha naquella epoca não permettia taes expedições, segundo a confissão d'um escriptor normando (1) que vamos textoalmente produzir.

« Dans cette époque, les successeurs de Philippe-Au» guste furent obligés d'acheter ou de louer des navires » aux républiques de Gênes, de Venise, et de Pise, *pour » subvenir à l'insuffisance des bâtiments qui apparte» naient à leurs sujets*. L'état n'avait pas de marine mi» litaire, les rois ne commencèrent qu'au XIVe siècle à » posséder quelques galères, nefs, ou caraques, qu'ils » achetaient aux républiques italiennes. »

Oiçamos ainda o que diz este A., alias o maior defensor da existencia dos descobrimentos dos Dieppezes.

« C'est bien sous les funestes règnes de Philippe de » Valois et de Jean, son fils, que l'on peut dire qu'il » n'était plus question de commerce. Les sanglants dé-

---

(1) *Vid.* Estancelin, *Recherches*, pag. 70.

» mêlés des marins anglais des *Cinq Ports* avec ceux de
» la côte de France, auxquels succédèrent les désastres
» de la bataille de *l'Écluse* [1340] (1), *où le plus*
» *grand nombre de navires normands furent pris ou*
» *coulés;* l'acharnement de la guerre continentale *et*
» *maritime* avec l'Angleterre; les suites des batailles
» de *Crécy* (1347) et de *Poitiers* (1356); la guerre de la
» *Jacquerie*, la guerre civile allumée et entretenue *en*
» *Normandie* par Charles le Mauvais : telles sont les
» causes dont nous inférons que la stagnation du com-
» merce de Dieppe dut être complète pendant plus de
» trente ans (2). »

Villaut, sobre o credito do qual já temos dito bastante, pretendeo, para dar uma apparencia maior de verdade á sua relação, que « *comme la France commençait à respi-*
» *rer sous Charles V des guerres et malheurs qu'elle avait*
» *soufferts sous le roy Jean, son père* (3), » que fôra então que os maritimos de Dieppe emprehendêrão as taes suppostas viagens de descobrimento. Todos os escriptores que adoptárão aquelle supposto facto, repetírão esta mesma asserção de Villaut, sem mudarem sequer uma palavra. Mas pelas passagens que acima transcrevemos se vê qual era o estado da França, e sobretudo da Normandia, no XIV° seculo e no tempo de Carlos V, e que no reinado deste soberano, aquelle estado, principalmente

(1) Os escriptores francezes dizem que esta frota se compunha de 120 velas a bordo da qual se achavão 40,000 homens.

(2) Vid. *Recherches sur les voyages des navigateurs normands*, pag. 117.

(3) Villaut, pag. 409.

na parte relativa á marinha, não melhorára, e que as mesmas chronicas normandas antigas provão que os males continuárão, e que os Inglezes fazião *forte guerre en Normandie*.

Ora não é possivel presumir que immediatamente depois dos desastres navaes da batalha de *l'Écluse*, na presença da guerra civil, e da guerra com os Inglezes que se achavão senhores da navegação no canal da Mancha, onde Dieppe se acha situado, quando Carlos V pedia navios a elRei de Castella; como era possivel, dizemos, que os Dieppezes emprehendessem então não só uma viagem de descobrimento atravez do Oceano Atlantico até á Guiné, mas que de mais a mais alli enviassem regularmente expedições todos os annos, como diz *Villaut*, e aquelles que o seguírão?

Taes expedições, e taes viagens só se emprehendem, e executão em tempos pacificos, e alèm disso, um povo maritimo não restabelece em oito annos a sua marinha depois d'aniquilada.

As grandes navegações, e descobrimentos dos Portuguezes não começárão senão muito tempo depois da grande victoria d'Aljubarrota, e depois da tomada de Ceuta, quando Portugal estava forte e em paz, quando a sua marinha, longe de ter sido destruida nos reinados precedentes como a da França, antes fôra progressivamente augmentada.

Por outra parte, ainda quando tudo quanto temos observado nesta memoria, não levasse á maior evidencia que os ditos descobrimentos dos Dieppezes do XIV° seculo não podem ser admittidos como factos reaes, e ver-

dadeiros a seguinte circumstancia os faria duvidosos, e sospeitos.

Os AA. modernos que sustentão aquelle supposto facto, parecem indicar que as expedições dos Dieppezes se dirigírão logo á Guiné (1), mas taes navegações, e sobretudo a fundação dos estabelecimentos em Africa, devião ter tido principio da parte mais conhecida dos Europeos para a mais desconhecida; elles devião pois ter começado, do mesmo modo que começárão os dos Portuguezes, isto é pelo Cabo Bojador, e seguirem gradualmente para o sul, e isto por expedições successivas, tanto mais que os Portuguezes, apezar da proximidade daquelle continente, e das antigas, e não interrompidas relações que tinhão com os povos da parte septemtrional d'elle, apezar do adiantamento que já então tinhão dos conhecimentos nauticos, apezar disso forão-lhes necessarios 12 annos d'esforços, e de tentativas feitas pelo infante D. Henrique para conseguir que os seus maritimos passassem alèm do Cabo Bojador.

Ora se fôra pelo interesse commercial, como os ditos AA. dizem, que elles fizerão aquellas navegações, e descobrimentos, estes devião começar por frequentar o *Rio do Ouro*, ponto o mais proximo, e por onde podião commerciar com o interior; devião seguir de lá a *Arguim*, e frequentar aquelle porto para dalli seguirem para o Gambia, e para a Guiné. Mas o mesmo P. Labat (Relations d'Afrique) diz : « En 1678 les Français s'y

(1) *Vid.* nas addições.

» établirent *pour la première fois*, et le fort portugais » fut miné, etc. »

Por outra parte o estado da cartografia do XIV° seculo (*Vide* as cartas citadas no §° precedente) mostra, repetimo-lo, que taes viagens são insustentaveis, e os mesmos geografos francezes mais illustres são as melhores autoridades que invocâmos neste ponto para refutação das suppostas navegações dos Dieppezes no XIV° seculo.

M. Walckenaer (1) diz : « Les premiers géographes du » quatorzième siècle, *qui ne connaissaient que la petite*

---

(1) M. Walckenaer, *Histoire générale des voyages*, t. II, p. 241, observa o seguinte que nos parece concludente, tanto mais que estas reflexões são feitas por um dos mais illustres, e mais profundos geografos não só de França, mas dos nossos dias :

« La preuve qu'apporte le P. Labat d'une assertion qui enlèverait » aux Portugais la gloire d'avoir franchi les premiers le *Cap Bojador*, » le *Cap Vert*, et d'être les premiers parvenus au Sénégal, c'est que » les Dieppois avaient associé les marchands de Rouen dans leur » commerce aux côtes d'Afrique par un acte du mois de septembre » de 1365. *Comme on ne dit pas de quelles côtes d'Afrique il s'agit* » *dans cet acte, il n'est pas douteux, si toutefois il a existé, qu'on y* » *désignait les côtes d'Afrique baignées par la Méditerranée*, qui » jamais n'ont cessé d'être connues de toutes les nations de l'Europe, » et d'être visitées par des vaisseaux français. » (*Vid.* p. 14, § 11° desta Memoria.)

O mesmo sabio diz em outro logar (p. 242) : «....Nous devons » déclarer à nos lecteurs *que les prétentions des Dieppois aux décou-* » *vertes des côtes occidentales d'Afrique, et leur voyage le long de* » *ces côtes jusqu'à Serra-Leone antérieurement aux Portugais, ne* » *soutiennent pas le plus léger examen*, et quoique l'abbé Prévost et » un grand nombre d'écrivains aient adopté le récit du P. Labat,

» *portion des côtes d'Afrique qui s'étend à l'ouest jus-*
» *qu'au* Cap Bojador, *avaient coutume de terminer à*
» *cette latitude ce grand continent* par une ligne qui
» formait le cadre de leur carte, ainsi qu'on peut le voir
» par la carte collée sur bois qui est à la Bibliothèque
» du Roi. Mais comme l'ouvrage d'*Édrisi* et les relations
» des Arabes avaient donné connaissance à ces géogra-
» phes de *Timbouctou,* de *Melli,* du pays de *Guinée,* de
» plusieurs contrées du *Soudan*, et du grand fleuve qui
» le traverse, ils entassaient tous ces détails sur leurs
» cartes, immédiatement au delà de l'*Atlas* et à la hau-
» teur du *Cap Bojador,* afin de *ne pas descendre plus*
» *bas vers le sud* que le point connu sur la côte, et de
» se renfermer dans le cadre tracé d'avance (1). »

Esta interessante passagem deste sabio geografo corrobora da maneira mais evidente as nossas asserções, tanto mais que elle acrescenta em outra parte:

« *Les Portugais, qui ouvrirent aux nations de l'Eu-*

» ce n'est pas moins *une grossière imposture*, *à laquelle* nous n'au-
» rions pas même accordé l'honneur d'une réfutation, si beaucoup
» d'hommes respectables, entraînés par un faux zèle pour la gloire
» de leur patrie, n'avaient cru devoir la reproduire, et ne l'avaient
» accréditée par leurs suffrages; et si même elle n'avait été mise,
» en quelque sorte, au rang des vérités reconnues, etc. »

(1) *Vid.* Walckenaer, *Recherches sur l'histoire de l'Afrique*, pag. 187. Paris, 1821.

O mesmo sabio diz, pag. 194 da obra citada: « Lorsque les
» Portugais eurent découvert le Sénégal et la Gambie (e portanto a
» Casamansa), ils ne doutèrent pas que les embouchures de ces
» deux fleuves ne fussent celles du *Niger*, etc. »

» *rope la carrière des découvertes*, furent aussi les pre-
» miers qui se procurèrent d'une manière directe des
» notions sur *Timbouctou*, etc. »

Com effeito, nas cartas que existem, e já citámos, dos fins do XIV° seculo, a parte da costa occidental d'Africa termina no *Cabo Bojador*, ou junto delle; mas apenas os Portuguezes no seculo XV° descobrem a costa ao sul daquelle cabo, e impõem nomes a differentes localidades por elles primeiramente visitadas, vê-se immediatamente prolongar-se a dita costa, aperfeiçoar-se a parte hydro-geografica das cartas posteriores como no famoso *Planispherio* de *Fra-Mauro*, carta que, na opinião do sabio cardial *Zurla*, foi feita no meado do dito seculo XV°, isto é em 1459, lendo-se já alli os nomes portuguezes : 7 *Montes* (7 monti), *Cabo Verde*, e C. Roxo (C. Rosso) (1). Alèm disto um chronista portuguez do mesmo seculo XV°, alias bem informado dos acontecimentos do seu tempo (2), diz quanto á navegação no oceano naquella epoca o seguinte :

« *E por que em todo o mar oceano não ha navios*
» *latinos senão as caravellas de Portugal, e do Al-*
» *garve*, » passagem que nos indica que, quando elRey D. João II° mandou a armada para fazer construir a fortaleza, e cidade de S. Jorge da Mina, o oceano Atlantico só era sulcado pelas caravellas portuguezas,

---

(1) *Vid.* Zurla : *Sulle Antiche Mappe idro-geographiche lavorate in Venezia Commentario*. Venezia, 1818.

(2) Garcia de Resende, Chron. d'elRey D. João II°, cap. 24.

e não pelas de outras nações, pelo menos no alto mar.

Se confrontamos esta passagem com um capitulo das cortes d'Evora (1481-1482), fica evidente em nosso entender que os maritimos da Normandia não hião então, mesmo clandestinamente, á Guiné naquelle seculo, aliás elles terião sido mencionados na representação feita nas ditas cortes a elRey D. João II°, ácerca dos estrangeiros; mas na dita representação só se falla nos Florentinos, e Genovezes *que andavão* em Lisboa e *que podião descobrir* (dizem ellas) *os vossos segredos da Mina, e Ilhas* (1), e nem uma só palavra se diz dos Normandos.

A' vista do que acabâmos de expor neste §° fica do mesmo modo demonstrado: 1° Que no reinado de Carlos V de França a situação interna e externa da Normandia não permittia que taes empresas e navegações fossem intentadas, e ainda menos levadas a effeito regularmente como pretendeo Villaut, e aquelles que o seguírão, e portanto que a asserção daquelle viajante está em manifesta contradicção com os factos verdadeiros e authenticos relatados nas historias de França comtemporaneas, isto é do XIV° seculo, e com as mesmas chronicas antigas da Normandia. 2° Que as cartas geograficas do XIV° seculo posteriores áquellas suppostas navegações, e descobrimentos não descrevem ponto algum da costa d'Africa occidental ao sul do Cabo

---

(1) *Vid.* as nossas *Memorias para a Historia e Theoria das Cortes*, parte II, pag. 219.

Bojador, o que não aconteceria se taes descobrimentos tivessem existido. 3º Que a dita costa, alèm daquelle cabo, só começou a ser conhecida depois dos descobrimentos dos Portuguezes no xvº seculo. 4º Que ainda nos fins do dito seculo os Normandos alli não hião mesmo clandestinamente, como as duas passagens da chronica d'elRey D. João IIº, e a representação dos povos nas cortes d'Evora nos indicão.

§ XIII.

Mostra-se que assim como os Portuguezes fornecêrão á Europa, em razão dos seus descobrimentos, o conhecimento positivo da costa d'Africa occidental alèm do *Cabo Bojador*, e a nomenclatura *hydro-geografica*, assim fornecêrão tambem ás outras nações e aos mesmos Normandos, ainda no xviº seculo, pilotos portuguezes para os conduzirem áquellas remotas regiões.

O sabio A. da *Histoire des villes maritimes de France* (1) diz mui exactamente o seguinte:

« On sait même qu'il était d'usage que sur tous les » vaisseaux *dieppois* qui partaient pour un voyage de » long cours on prît à bord soit un *Espagnol,* soit un » *Portugais, pour servir d'interprète ou de facteur.* »

Ficando assim evidente tambem que, se os Dieppezes necessitavão d'interpretes portuguezes, para emprehenderem aquellas longas viagens, é por que só elles sabião o caminho, e tiverão primeiro communicação com os habitantes daquellas remotas regiões, sabendo alèm

(1) Histoire des anciennes villes maritimes de France, par M. Vitet, t. II, p. 63. Paris, 1833.

disso a lingoa daquelles povos, e que aconteceria o contrario se os Normandos alli se tivessem estabelecido antes dos Portuguezes, e Hespanhoes.

Este facto é mais uma prova da prioridade dos nossos descobrimentos. É por estes respeitos que *Fernando de Magalhães* dizia ás tripolações dos seus navios na famosa viagem do estreito a que deu o seu nome, o seguinte, que *Maximiliano Transilvano* nos refere na sua Relação da viagem ás ilhas Molucas, datada de 5 d'outubro de 1522 (1):

« Pues como despues de tan largas é *inauditas* nave-
» gaciones hechas por los Portugueses... (2).

« É que acatasen como los Portugueses (no cada año,
» mas cada dia, yendo y viniendo á las partes orien-
» tales solamente por causa de sus tratos y mercado-
» rías, sin otro negocio de mayor importancia) pasaban
» cuasi 20° (graos) *adelante del trópico de capricornio*
» *hácia aquella parte del polo antártico.* »

Foi certamente por esta grande experiencia daquelles navegações que na celebre armada de Magalhães hião por capitães da náo Trindade *Duarte Barboza*, da náo Conceição *João Serrão*, da náo Victoria, *Luis Affonso de Goes*, e por pilotos *João Rodrigues de Mafra* da náo St. Antonio e *Estevão Gomes* em a náo Trindade, e *João Lopes de Carvalho* da náo Conceição e *Vasco Gallego* da náo Victoria, e da náo Santiago João Serrão, todos Portuguezes, e entre criados e ma-

---

(1) Docum. apud Navarrete, t. IV, p. 249, § VI.

(2) Expressões de *Transilvano*.

rinheiros 33 indeviduos desta nação (1). De maneira que os pilotos desta memoravel expedição erão todos Portuguezes, á excepção d'André de S. Martin da náo St. Antonio, na qual hia tambem como piloto *João Rodrigues de Mafra*, que era Portuguez.

Acrescentaremos aqui o que diz o Abbade *Paulmier* de *Gonneville*, conego de *Lisieux* (2), na memoria que publicou em França em 1663, tratando da primeira viagem feita ás Indias Orientaes, pelos Francezes, ácerca da nossa prioridade :

« La flotte portugaise du généreux *Vasques de Gama*, » s'étant heureusement ouvert le chemin des *Indes* » *Orientales*, et les rois de Portugal ayant soigneuse- » ment fait poursuivre cette pointe, *Lisbonne* se vit en » peu de temps remplie de richesses de l'Orient, *dont* » *l'éclat donna dans les yeux de quelques marchands* » *français qui trafiquaient au port de cette capitale*, » de sorte qu'ils formèrent le dessein de *marcher sur les* » *pas des Portugais* (3), et d'envoyer un navire vers » ces Indes fameuses. Ce vaisseau fut équipé à *Hon-*

(1) *Vid.* Relações nos documentos apud Navarrete, t. IV, de pag. 12 a 21.

(2) Mémoires touchant l'établissement d'une mission chrétienne dans le troisième monde, autrement appelé la terre australe, méridionale, antarctique et inconnue.

(3) Veremos adiante provado que dos reinos estrangeiros mandavão espiões, os quaes se allistavão no serviço das escuadras portuguezas afim de colherem as noticias positivas das nossas navegações, e descobrimentos, e dos portos onde abordavão as nossas expedições, e dos proveitos que os Portuguezes tiravão das suas relações com os povos d'Africa, e do Oriente.

» *fleur*, ville maritime du bailliage de Rouen, et du » diocèse de *Lisieux*: la conduite en fut donnée au *sieur* » *de Gonneville*, lequel leva les ancres au mois de juin » de l'année 1503. »

Vemos pois da relação publicada por este escriptor, 1º que a dita viagem só se effeituára 17 annos depois da viagem de Bartholomeu Dias, e 5 depois da de Vasco da Gama; 2º que a mesma viagem se effeituára depois das informações colhidas em Lisboa pelos mercadores francezes que alli residião, e se o diario nautico desta viagem se não tivesse perdido era mais que provavel que no mesmo se fizesse menção de terem dirigido a derrota por cartas nauticas portuguezas, e de terem talvez abordo pilotos portuguezes, ou algum dos nossos experimentados maritimos naquella carreira, como aconteceo a *Parmentier*, maritimo de *Dieppe*, que fez uma viagem a *Sumatra* em 1529 (1).

Abordo do navio intitulado *o Sacre* ia embarcado um *Portuguez*, o qual foi o unico que mandárão a terra em uma das ilhas alèm da de S. Lourenço, para se entender com os habitantes (2). Os Francezes fallárão aos habitantes da ilha de Madagascar (S. Lourenço) em *portuguez* (3), prova evidente que os maritimos de Dieppe

(1) *Vid.* Journal du voyage de Jean Parmentier, de Dieppe à l'île de Sumatra, en l'année 1529, publicada por M. *Estancelin*, na sua obra *Recherches sur les voyages et découvertes des navigateurs normands*. Paris, 1832.

(2) O A. do diario serve-se do termo *apprivoiser*, amansar, domar.

(3) *Ibid.*, pag. 271.

sabião que só na lingoa *portugueza* podião ser entendidos naquellas regiões. As observações das latitudes erão feitas a bordo tanto do navio de *Parmentier* como do que hia em sua conserva conforme as *observações* feitas pelos Portuguezes (1). *Parmentier* consultava as cartas nauticas *portuguezas* que levava a seu bordo (2).

A circumstancia que este viajante refere de não ter visto nunca as *trombas maritimas* a que elle chama *puchos*, nome que os marinheiros portuguezes naturalmente derão ás ditas trombas pela acção de *puxar*, ou de sorver a agua do mar, mostra que *Parmentier* navegava pela primeira vez alèm da equinoxial onde este fenomeno é mui frequente (3). Esta particularidade basta tambem para destruir em boa critica a conjectura do editor deste diario nautico, a saber que é mui provavel que *Parmentier*, que alias nascera, segundo o dito editor, em 1480, teria hido á costa de Malabar pouco tempo depois de *Vasco da Gama.*

Se as particularidades que acima referímos não bastassem para provar que esta expedição dos Dieppezes

---

(1) « ...Fut prinse la hauteur, et se trouva 19 degrés justes *selon la déclinaison des Portugais.* » (*Vid.* obra cit., p. 273.)

(2) *Vid.* obra citada, pag. 286. Alli se vê pelo contexto mesmo do diario (25 de septembro 1529) que elle levava uma carta nautica portugueza : « *Néanmoins j'ai vu depuis une carte de Portugal où ces* » *îles* sous la ligne sont nommées de *Maldiva.* »

(3) « ...Ceux qui ont vu des *puchos* disent qu'ils se forment au- » trement, et que la pointe est en haut et le large demeure en la » mer, et que la pointe est crochue et se tient en suspens, et » attirant l'eau. » (*Ibid.*, pag. 275.)

era conduzida principalmente pela experiencia daquelles mares, regiões e povos que tinha dellas o Portuguez que hia abordo do *Sacre*, a que o Diario refere da discussão que o dito Portuguez tivera com o capitão para lhe provar que as ilhas que avistárão erão as *Maldivas*, bastaria para o provar. O mesmo Portuguez sabia a lingoa *Malaia* (1), e posto que *João Masson*, que tambem hia nesta expedição, a fallava, isso não prova outra cousa senão que as grandes expedições, e descobrimentos dos Portuguezes tinhão excitado a ambição commercial de outros povos da Europa, que muitos estrangeiros se embarcavão em os nossos navios, e que não era para admirar que *João Masson* em 1529, isto é 32 annos depois das nossas expedições da India de Vasco da Gama, soubesse alguma cousa da lingoa Malaia, tanto mais que a podia ter até aprendido com o Portuguez do *Sacre*.

Com effeito quando em 1529 *Parmentier* de Dieppe effeituou esta viagem, tinhão já hido á India sem interrupção de um só anno 34 armadas portuguezas (2), ao todo 293 navios do governo. As relações dos Portuguezes com os povos asiaticos erão já então extensissimas e conhecidas, e admiradas de toda a Europa, e sobre

---

(1) « On fit venir *Chabandar*, et le Portugais du *Sacre* lui dit ce » qui avait été ordonné, dont il fut content; il ne voulut que » M. Jean demeurât, mais que je demeurasse avec *le Portugais* pour » otage, etc. »

(*Vid.* Diario de Parmentier na obra citada, p. 301, e 302.)

(2) *Vid.* a nossa noticia dos Mss. da Bibliotheca R. de Paris. Lisboa, 1827, *Journal des voyages des Portugais*, etc.

a importancia dellas escrevião os negociantes estrangeiros aos seus compatriotas, como nos é attestado por documentos contemporaneos (1). Portanto as viagens de Gonneville e de *Parmentier* forão emprehendidas em resultado da experiencia, e dos conhecimentos transmittidos, e communicados em razão dos descobrimentos, e navegações dos Portuguezes.

Com effeito é um facto indubitavel pelo que deixâmos provado nos precedentes §§os que assim como os Portuguezes forão os primeiros que fizerão conhecer á Europa moderna no seculo xvº a *costa occidental* d'Africa alèm dos *Cabos Bojador*, e de *Boa Esperança*, e que as suas cartas hydrogeograficas servírão de elementos ás de todas as nações desde o seculo xvº, como vimos nos §º IX e X, do mesmo modo os roteiros portuguezes forão, e são ainda hoje considerados como os melhores da costa d'Africa (2), e de outros mares.

Com effeito alèm dos AA. e documentos que ficão citados, e que provão todos estes factos do modo mais evidente, e incontestavel; um autor genovez do xvº seculo, e por tanto contemporaneo dos nossos descobrimentos, refere a seguinte particularidade, a qual vem augmentar ainda mais o numero das provas da nossa incontestavel prioridade.

---

(1) *Vid.* a nossa obra intitulada: *Recherches historiques, critiques et bibliographiques sur Améric Vespuce et ses voyages*. Paris, 1840.

(2) *Seixas*, no Theatro nautico, 1688, quando falla dos Roteiros, diz que os da costa d'Africa feitos pelos Portuguezes são os melhores, e cita a Hydrografia de Manoel de Figueiredo, e o Roteiro de Valentim de Sá.

Antonio Gallo, historiador genovez (1), em um tratado a que deu o titulo *De navigatione Columbi per inaccessum antea oceanum commentariolus*, composto provavelmente nos ultimos annos do dito seculo (1498-1499) (2) diz que a existencia do mundo a que chamão India (isto é o novo continente) não tinha sido revelada a *Christovão Colombo* pelas suas proprias meditações, mas que esta revelação lhe tinha sido communicada por seu irmão *Bartholomeu Colombo*, « o » qual concebêra o projecto da possibilidade de se » effectuar uma navegação na direcção d'oeste, em » razão de marcar *os descobrimentos portuguezes effec-* » *tuados alèm de S. Jorge da Mina* sobre os *Map-* » *pasmundi que desenhava em Lisboa para ganhar a* » *sua vida.* »

Isto é, *Bartholomeu Colombo* acrescentava nos seus Mappas os novos descobrimentos feitos pelos Portuguezes ao sul da Africa, e no oriente depois de 1482 epoca da fundação de S. Jorge da Mina.

O sabio mais encyclopedico do nosso seculo (3) julga, fundando-se nos documentos que nos restão relativos ao descobrimento do novo continente, que fôra durante a residencia de *Christovão Colombo* em Portugal desde o anno de 1470 a 1484 que este grande homem aper-

---

(1) Vid. *Muratori*, Rerum italicarum scriptores, tom. XXIII, p. 302..

(2) Este A. escreveo : *de Rebus Genuensium.*

(3) Humboldt, *Examen critique de l'histoire du nouveau continent*, tom. I, p. 92, e 96.

feiçoára os seus estudos, consultando os homens sabios do paiz.

Os Portuguezes forão pois não só *os primeiros* descobridores daquellas paragens da costa occidental d'Africa, mas tambem os mestres das outras nações, como diz um sabio geografo francez (1), paragens ás quaes as outras nações maritimas da Europa só abordárão muito tempo depois dos *Portuguezes*, guiados por pilotos *portuguezes* (2), e pelas relações e informações dos *Portuguezes*, factos estes que serão ainda mais evidentemente demonstrados pelos seguintes §os.

§ XIV.

Mostra-se que depois da fundação da fortaleza e cidade de S. Jorge da Mina pelos Portuguezes, os maritimos das outras nações não navegárão para aquellas paragens mesmo nos ultimos annos do xvo seculo.

Garcia de *Resende*, autor contemporeaneo, diz (3) que « elRey D. João II, por ninguem ousar dir a aquellas

---

(1) O Sr barão Walckenaer.

(2) André *Bernaldez*, Memorias mss. de los reys catholicos, A. que conheceo Colombo, e que teve com elle relações, diz, cap. 118, fallando dos motivos que deu a corte de Lisboa para não aceitar a sua offerta, que *Colombo*:

« Savendo que el Rey de Portugal desejase mucho *descubrir* e se le » fue a convidar, e reconta de el que ho desistimaron, no le foe » dado credito por que el Rey de Portugal tenia muy altos y bien » famados marineros. »

(3) Chron. d'elRey D. João II, cap. 24, e 149.

» partes (isto é a Guiné), fez crer a todos que da Mina
» nam podiam tornar navios redondos por causa das
» grandes correntes. E pera isso toda a pedra, cal, telha,
» madeira, pregadura, ferramentas, mantimentos,
» mandou tudo em hurcas velhas, pera lá se desfaze-
» rem, e dizerem que por causa das grandes correntes
» nam poderam tornar, e assim se fez com muito segre-
» do, e grandes juramentos, e o *ouverão todos por*
» *tam certo, que em vida d'elRey sempre pareceo que*
» *navios redondos nam podião vir de la*, e com isto
» *teve sempre a Mina bem guardada* (1). »

E em outra parte acrescenta, « *por que em nenhuma*
» *parte da Christandade os ha, senão as caravelas de*
» *Portugal, e do Algarve, e os galeões de Roma que*
» *nam são para navegar tam longe* (2). »

Na epoca em que este historiador escreveo este facto, Portugal era, de todos os paizes, aquelle em que havia mais conhecimentos das sciencias nauticas, e mui particularmente da navegação no Atlantico alèm das costas da Europa. Se pois se comparão estas passagens com o que expozemos em outras partes desta memoria, particularmente nos §os IX, X, e XIII, e estes com as cartas do nosso Atlas, resultará a demonstração seguinte, a saber que nenhum documento contemporaneo, isto é do seculo xv°,

---

(1) Em o cap. 176, *Resende* repete : *E sendo tam cioso da Mina*, e *guardandoa tanto*, etc. Passim, cap. 187.

(2) *Ibid.*, cap. 149, da discussão que houve entre elRey D. João II, e o piloto Pedro d'*Alemquer*, *muito grande piloto da Guiné*, *e que bem tinha descoberto.*

prova que outra alguma nação navegasse para aquellas paragens durante o mesmo seculo, á excepção da Portugueza. A seguinte passagem do mesmo historiador confirma ainda mais em nosso entender este facto. Refere pois o mesmo A. que elRey D. João II mandára construir pequenas caravelas com grandes bombardas para atirarem ao lume d'agua : « *Elle* foi o primeiro que isto » inventou..... E por serem mui ligeiras, e pequenas » que as naos grossas lhe não podiam fazer nojo com » seus tiros, *foram tam temidas no mar as caravelas* » *de Portugal muito tempo que nenhuns navios, por* » *grandes que fossem, as ousavão esperar,* até que » se soube a maneira em que trazião os ditos tiros, e se » trouxerão *depois,* como agora trazem geralmente em » todas as partes, *o que dantes não era* (1). »

Parece pois á vista destas passagens que, se os navios das outras nações, e os dos Francezes navegassem então para aquellas paragens, este historiador que estava ao facto da construcção naval dos diversos paizes da Europa, e que menciona os galeões romanos, teria de certo citado os das outras nações que os tivessem em estado de hir á *Mina* e voltar de lá (2).

Alèm disto elRei tinha agentes secretos estrangeiros, e nacionaes em todos os reinos da Europa, que o avi-

---

(1) Resende, Chron. d'elRey D. João II, cap. 180.

(2) Resende estava perfeitamente informado das cousas de França, como se vê no cap. 163, quando trata da embaixada mandada á Corte de Roma em 1492, e no cap. 168 quando falla dos negocios de França em 1493.

savão de tudo quanto se tentava relativamente a armamentos navaes, e tentativas de viagens clandestinas á costa occidental d'Africa, e em virtude dos avisos que estes lhe fazião procedia pelo modo que diremos em outro logar (1).

Com effeito o rei que tinha tomado aquellas precauções, era o mesmo principe que suggerio a *Colombo* o projecto que este grande homem tencionou pôr em pratica em 1498, a saber de derigir a sua navegação ao sul até alêm da equinoccial, e dalli proseguir a sua navegação na direcção do occidente até encontrar terra, afim de verificar « *se elRei D. João de Portugal se tinha enganado, quando este soberano lhe tinha affirmado que ao sul existia uma Terra-Firme* (2). » Um soberano tal não podia tomar aquella percaução de mandar destruir as Urcas nos mares da Guiné, se não estivesse certo que um tal estratagema seria acreditado na Europa por todas as nações em razão do nenhum conhecimento que estas tinhão daquellas navegações, ainda mesmo quando se divulgasse a noticia como se divulgou da prosperidade, e riqueza dos nossos estabelecimentos.

O governo portuguez estava pois certo que o estratagema seria proficuo aos seus interesses, e á sua politica, porque nenhuma nação maritima da Europa sa-

---

(1) *Vid.* o mesmo historiador.

(2) *Vid.* a nossa obra intitulada *Recherches sur Améric Vespuce*, pag. 240.

bia então o caminho daquellas costas, e daquelles mares, porque nenhum navegante ousaria ir então ás paragens nas quaes os Portuguezes dizião terem perdido seus navios em razão das correntes, pois seria absurdo suppor que se as outras nações maritimas conhecessem então aquellas paragens, um rei tão respeitado dos soberanos seus contemporaneos, houvesse de recorrer a um estratagema que, sem essa ignorancia dellas, seria alèm de inutil, irrisorio.

Como quer que seja, a historia contemporanea, os documentos, e a critica mostrão, que só no XVI° seculo, muito depois dos Portuguezes, é que os maritimos das outras nações alli forão *furtivamente*, até que formárão estabelecimentos, e feitorias depois do meado do dito seculo, como o leitor verá no §° XVI°.

E na verdade o progresso dos nossos estabelecimentos na costa occidental d'Africa não se occultou, nem podia ocultar das outras nações da Europa. Entre muitos motivos que para isso concorrêrão, apontaremos os seguintes. 1° O da residencia de muitos estrangeiros em Portugal que espionavão os nossos passos, que se introduzião em as nossas frotas, e que tratavão de descobrir os planos do governo. 2° Em consequencia das mesmas communicações feitas pelos soberanos portuguezes a principes e sabios estrangeiros, como vêmos mais de um exemplo dado por elRei D. Affonso V°, o qual communicava aos sabios Italianos o progresso das nossas navegações, e descobrimentos, de que temos a certeza pelas communicações que Estevão de *Treviso* transmettia em nome deste rei ao famoso Fr. *Mauro*, cosmo-

grafo veneziano (1). Pela offerta feita pelo mesmo soberano a elRei de *Napoles* (1453) do famoso manuscripto da chronica da *Conquista de Guiné* por *Azurara ;* pela correspondencia sustentada anteriormente ao anno de 1474 com o celebre astronomo florentino *Toscanelli* (2) ; pelas remessas, feitas por elRei D. João II°, das primeiras amostras da *pimenta* vinda do reino de *Benin* em 1486, para *Flandres* e para outras partes da Europa (3). 3° Pela deserção de alguns pilotos, e marinheiros experimentados. Todos estes motivos, aos quaes acrescia o mais importante de todos, a fama das riquezas que importavamos daquelles paizes, concorrêrão a dispertar a ambição commercial dos maritimos das outras nações.

Mas se as nações da Europa tinhão noticia larga dos nossos descobrimentos, com tudo nenhum historiador, ou documento algum contemporaneo, indica que os maritimos dellas navegassem para aquellas paragens não só no tempo d'elRei D. Affonso V° (4), o que não admitte contestação, mas o que é mais, nem mesmo no reinado de D. João II°, como se mostra pelas passagens acima

---

(1) Vide *Zurla*, Dissertazione dei viaggi de *Cada-Mosto*, pag. 22, passim. Docum. apud Navarrete, tom. II, pag. 1, n° 1.

(2) *Vide* a nossa obra : *Recherches*, etc., *sur Améric Vespuce et ses voyages*, pag. 240.

(3) Vide *Resende*, cap. 64.

(4) *Toscanelli*, na carta escripta em 25 de junho de 1474 ao conego portuguez *Fernão Martins*, diz :

« Que o caminho para o paiz que produz as especiarias pelo oeste

transcriptas. *E com isto* (diz Resende) *teve sempre a Mina bem guardada*, e portanto sabemos que até aos fins do anno de 1495 em que o mesmo rei morreo, nenhum navio estrangeiro lá abordára. Ainda mesmo no tempo em que o historiador João de *Barros* compoz as suas *Decadas*, vêmos tambem que nenhuma nação hia alli disputarnos a nossa posse, tal é o sentido claro, e genuino das seguintes passagens daquelle grande historiador, fallando da *Guiné*:

« E mais he propriedade tão pacifica, mansa, e obe-
» diente, que sem termos *huma mão em o murrão*
» *aceso sobre a escorva da bombarda, e a lança na*
» *outra*, nos dá ouro, marfim, cera, courama, açucar,
» malagueta, e daria mais cousas, se tanto quizeramos
» della descobrir como descobrimos além dos povos Ja-
» pões.... (1) »

Acrescentando em outra parte fallando do tempo d'elRei D. João II:

«Assim elRey commettendo por muitas vezes esta grão

» era mais perto e mais curto *do que o que vós fazeis á Guiné.* »

Não diz pois o que fazem em geral para a *Guiné*, mas sim o que *vós Portuguezes* fazeis.

Toscanelli nasceo em 1397 : foi autor do celebre *Gnomon*, feito em 1468.

Este mesmo sabio escrevia a *Colombo*:

« Não me admiro de ver-vos manifestar um tão grande valor,
» valor alias manifestado por toda a nação *portugueza*, na qual
» sempre houverão homens que se distinguírão em todas as em
» presas. »

(1) Decad. I, liv. III, cap. 12.

» balsa de Guiné, *que até hoje se não leixou pene-*
» *trar* (1). »

E ainda mais concludentemente na seguinte passagem:

« Na qual *posse* (da Guiné) como prudente barão e
» animoso principe, por não leixar duvidas a seus suc-
» cessores *com os principes da Christandade*, logo se
» determinou com elRey don Fernando de Castella,
» assignando termos, etc. (2) »

Direito, e posse que foi plenamente reconhecida por todos os soberanos da Europa (3), e mui positivamente pelos reis de França (4), como já dissemos em outro logar.

As passagens que acabamos de transcrever de um historiador nascido ainda no xvº seculo servem igualmente para refutar as conjecturas de um escriptor francez que em uma obra por elle *composta*, e *publicada* 400 *annos depois dos nossos descobrimentos*, diz o seguinte: « Pode presumir-se!! que os Francezes voltárão á Guiné
» em 1470. »

Acrescenta porêm:

« *Mais à cet égard nous n'avons pas de témoignage*
» *à produire* que les Normands recommencèrent dès
» 1470 leurs expéditions à la côte de Guinée. »

E a proposito deste supposto facto que *elle presume* ter existido, e á cerca do qual confessa *não poder pro-*

---

(1) Decad. I, liv. III, cap. 12.

(2) *Vide* §º IV, p. 27, 28, 29, e 30.

(3) *Ibid.*

(4) Compare-se com o que dissemos a pag. 27 e 28.

duzir documento ou testemunho algum, chama-nos *orgulhosos usurpadores* por nos termos estabelecido na costa da Mina, e primeiro do que as outras nações, quando o dito A. é o mesmo que confessa *que não ha testemunho algum* que prove que os Normandos alli fossem, ou tivessem estabelecimentos em **1470** !!!

Nenhum documento ou testemunho d'historiador do xv° seculo nos mostra que os maritimos de outras nações tivessem hido á Guiné na ultima metade do dito seculo depois do descobrimento dos Portuguezes.

Apezar de todas as investigações que fizemos, não encontrámos uma só prova de se ter realisado por parte das outras nações as tentativas que fizerão depois dos Portuguezes terem descoberto aquelles paizes, como o leitor verá com maior evidencia em o seguinte §.

§ XV.

Das tentativas feitas por outras nações durante a ultima metade do seculo xv° para hirem traficar á Guiné, depois do descobrimento da costa occidental d'Africa alèm do Bojador pelos Portuguezes.

A mais antiga noticia que se encontra ácerca de uma tentativa *formal* feita por uma nação estrangeira relativamente á navegação e commercio da Guiné, é a que refere *Zuniga* (**1**), emprehendida no anno de **1475**, isto

(1) Vide *Zuniga*, Annales de Sevilla, pag. 375. Posto que este annalista seja posterior de mais de dois seculos aos acontecimentos, comtudo examinou documentos, e chronicas contemporaneas que

é *mais de meio seculo posterior* á passagem do Cabo Bojador por Gil Eannes, e 42 *annos depois de terem sido trazidos a Portugal* os primeiros negros de Guiné, como diz mui bem *Balboa*, escriptor hespanhol, do modo seguinte (1), fallando da Africa occidental: « Los primeros negros que en nuestra España se vieron » y sirvieron como captivos fueron llevados el año de » 1443 *por un Deniz Fernandes*, escudero *del rey* » *don Juan de Portugal* (2). »

Se acreditarmos o que diz *Zuniga*, posto que não produza documento algum que prove que a dita tentativa do anno de 1475 fosse levada a effeito, as determinações da corte de Castella forão tomadas em consequencia da guerra entre as duas coroas. Aquelle A. confessa que elRei de Castella mandára em 15 d'agosto do dito anno armar navios para impedirem o nosso commercio com a Guiné, e para hirem direitamente áquellas partes, e acrescenta que effectivamente para alli partirão grande numero de caravelas posto que não

---

cita; mas apezar de ter consultado as relações, e historias contemporaneas, artificiosamente omittio o que diz *Bernaldez*, *Memorias de los reyes catholicos*, relativamente á prioridade do descobrimento da *Mina* pelos Portuguezes, cap. 6, citando-o alias em muitas partes da obra!

(1) Balboa, *Miscelanea antártica*, cap. 9, manuscripto da bibliotheca de M. Ternaux. Balboa é anterior de quasi um seculo a *Zuniga*.

(2) Este facto referido pelo escriptor castelhano está em harmonia com o que refere *Azurara* no cap. 31 da *Chronica da conquista de Guiné*.

corrobore esta asserção com a citação, ou texto de documento algum contemporaneo, isto é do dito anno de 1475.

A segunda noticia que temos de outra tentativa semilhante feita no mesmo seculo foi igualmente castelhana, como era natural em razão da vizinhança, e rivalidade.

Consiste esta em uma carta de seguro dada pelos reis catholicos aos maritimos de *Palos* para commerciarem livremente por mar, e *terra*, com as mercadorias que levassem ou trouxessem da *Mina do Ouro*. Este documento é datado de Sevilha em 4 de março de 1478 (1).

É portanto *posterior* de 9 annos ao nosso descobrimento do Resgate da *Mina* (2), e de perto de meio seculo ao descobrimento da Guiné pelos Portuguezes.

Esta concessão foi feita igualmente pelos reis catholicos como um verdadeiro acto de aggressão contra Portugal, em consequencia da guerra que então existia entre os dois paizes, a qual se terminou pelo tratado celebrado no anno seguinte, a 24 de setembro de 1479, em virtude do qual os reis de Hespanha reconhecêrão que o commercio, e navegação da Guiné, e da *Mina do Ouro*, e do reino de Fez pertencia *exclusivamente* a Portugal (3).

---

(1) Navarrete, Coll., tom. II, pag. 386, nº III.

(2) *Barros*, Decad. I, liv. II, diz : « Neste tempo o negocio da » Guiné andava já mui corrente entre os nossos, e os moradores » daquellas partes, e huns com os outros se communicavão, etc. »

(3) Vide *Zurita*, Annaes d'Aragão, P. II, liv. XX, cap. 34.

A terceira tentativa de que encontrâmos testemunho historico contemporaneo foi feita no anno de 1481, isto é 10 annos *depois* do descobrimento feito pelos Portuguezes do *Resgate* do Ouro da *Mina*, e de 41 annos posterior ao descobrimento do Senegal pelos mesmos Portuguezes.

Eis aqui como a dita tentativa é referida por um veridico A. contemporaneo, por *Garcia de Resende* (1):

« Daqui de Montemor mandou elRey por embaixa-
» dores a elRey dom Duarte de Inglaterra, *Ruy de*
» *Souza*, pessoa principal, e de muito bom saber, e o
» Dr *João d'Elvas*, e *Fernão de Pina* por secretario,
» afim de confirmarem os tratados antigos entre Portu-
» gal, e Inglaterra (2), e *tambem* (acrescenta elle) *para*
» *mostrar ho titolo que elRey tinha no senhorio de*
» *Guiné* pera que depois de visto *elRey dInglaterra*
» *deffendesse* que em todos os *seus regnos que ninguem*
» *armasse*, *nem podesse armar á Guiné*, *e assi man-*
» *dasse desfazer huma armada* que pera lá fazia per
» mandado do duque de *Medina-Cidonia*, hum *João*
» *Tintam* e hum *Guilherme Fabiam*, Ingrezes, com a
» qual embaixada elRey dIngraterra mostrou receber
» grande contentamento..... e em tudo fez inteiramente

---

(1) Chron. d'elRei D. João II°, cap. 33.

(2) A renovação dos ditos tratados se acha em *Rymer*, *Fœder*, etc., tom. XII, pag. 145, datada de 8 de fevereiro de 1482, e a confirmação da liga celebrada entre as duas coroas a 13 de novembro do dito anno (*ibid.*).

» ho que pelos os embaixadores lhe foy requerido;
» de que elles trouxerão authenticas escrituras das
» deligencias que com pubricos pregões se lá fize-
» rão, etc. »

Este interessante facto referido por um historiador contemporaneo, que assistia até ao despacho dos negocios mais secretos d'estado, em razão da confiança que elRei D. João II° tinha nelle, mostra que esta tentativa fôra emprehendida á custa de um poderoso vassallo de uma potencia lemitrofe, e rival, e mostra que não tivera effeito, antes o monarcha britanico prohibíra a seus vassallos armarem navios para se dirigirem áquellas paragens; prova em fim que Duarte IV° reconhecêra a validade dos titulos de que os embaixadores portuguezes se prevalecêrão para fazer evidente ao gabinete inglez o nosso direito. Com effeito os mesmos titulos forão por muitos tempos respeitados não só pelo governo inglez, mas até pelos subditos d'aquella potencia, visto que a primeira expedição ingleza, feita clandestinamente á *Guiné*, data só do anno de 1551, como diremos adiante.

Não podemos deixar passar aqui em silencio a seguinte particularidade, a qual nos offerece mais uma prova que um dos modernos AA. francezes se fundára não só em relações posteriores de mais de dous seculos aos nossos descobrimentos, mas tambem em conjecturas inadmissiveis.

Hacluyt transcreveo integralmente o capitulo de *Garcia de Resende* que acima trasladámos; aquelle A. inglez transcreveo sem acrescentar uma só palavra,

nem a menor observação (1), mas o autor de uma obra publicada ha poucos annos em Pariz, citando este facto segundo o mesmo *Hacluyt*, acrescenta, que os embaixadores portuguezes representárão a Duarte IV° o *direito que o papa lhe tinha concedido sobre aquelle paiz* (a Guiné).

Nem em *Resende*, nem no texto de *Hacluyt* se lêem estas palavras, ou se acha indicado que o titulo que el-Rei de Portugal fizera valer perante Duarte IV° para mostrar o direito de Portugal á posse exclusiva da Guiné fosse a bulla pontificia, como este escriptor modernissimo acrescenta para estabelecer a sua conjectura de que Luiz XI°, que então reinava em França, se não atreveria pela mesma razão a desconhecer o poder da santa Sé, e que por este motivo os Normandos deixarião de frequentar a Guiné! Mas o A. normando esqueceo-se que Luiz XI° não era soberano a submetter-se facilmente em ponto semelhante sem que tivesse feito perante a curia de Roma forte opposição, se os seus subditos tivessem os mesmos direitos áquellas conquistas d'Africa que tinhão os Portuguezes; o dito autor esqueceo-se que o mesmo rei de França, em negocio menos importante para o seu reino e interesses de seus subditos, isto é no da legitimação do matrimonio d'elRei D. Affonso V° de Portugal com a princeza D. Joanna, filha d'Henrique IV° de Castella, mandára de proposito uma missão á curia de Roma para se oppor á dita legitimação. O direito de

(1) Vide *Hacluyt*, The English voyages, etc., tom. II, parte II, pag. 2, edição de 1599.

Portugal era tão evidente aos olhos de Luiz XI°, como o foi aos de Francisco I°, que mandou castigar os que armassem navios para hirem á Guiné (1).

Antes da concessão das bullas de confirmação de que tratámos no §° IV tinha precedido a estas o descobrimento, e a conquista. Quando o papa Nicolão V° expedio a primeira bulla no anno de 1450, havião decorrido já 17 annos que *Gil Eannes* tinha passado alèm do Cabo Bojador, e 10 que *Diniz Fernandes* havia descoberto o Senegal (2), e 6 que se havia estabelecido a companhia de Lagos para continuar os descobrimentos, e fazer o commercio d'Africa.

Estes titulos alias bem legitimos, e que serião reconhecidos hoje mesmo pelo direito das gentes, forão de certo allegados pelos embaixadores de Portugal, perante Duarte IV°, como os fizera valer perante os reis de Castella, como mostraremos em outra parte; e tanto el Rei D. João II° se prevalecia tambem destes direitos que no anno de 1485, quando tomou o titulo de *senhor de Guiné*, mandou cunhar a moeda de ouro a que se chamou *espadim*, tendo de uma parte o escudo real, e da outra uma mão com uma espada com a ponta para cima, e no circulo a legenda : « *Dñ protector vitæ meæ quod tibi* » *dabo.* » Resende acrescenta : « E estes espadins mandou fazer deste nome por devoção, *e lembrança da con-*

---

(1) *Vid.* p. 30, §° IV, Documentos do Archivo real da Torre do Tombo.

(2) Vide *Azurara*, Chron. da conquista de Guiné, cap. 30 e 31.

quista da Africa, que sempre com a espada na mão se fez, e prosegue(1). Forão tambem sem duvida os titulos legitimos que acabamos de citar acima que os embaixadores portuguezes fizérão valer para impedirem toda a especie de armamento de navios feito, ou que no futuro se tentasse fazer, nos dominios de Duarte IV°, com a intenção de se derigirem á Guiné; tanto mais que vêmos no anno seguinte de 1486 o mesmo rei D. João II°, nas cartas que entregára a Affonso de *Paiva*, e a Pedro da *Covilham* para o *Preste-João*, dar conta nas mesmas cartas áquelle soberano *de tudo que pela costa de Guiné tinha descoberto* (2); com muito maior razão os seus embaixadores em Inglaterra, e nas outras cortes, se prevalecêrão daquelles direitos expondo-os miuda, e circumstanciadamente, comprovando-os com os factos, e com os documentos authenticos.

A quarta tentativa feita em reino estranho teve logar em 1488, intentada desgraçadamente por um Portuguez.

O conde de *Penamacor*, que se refugiára em reino estranho, tomando o nome supposto de *Pedro Nunez*, tratou em Flandres, e em Inglaterra de alistar gente, e convidar pessoas e armadores daquelles dois paizes para hirem á *Guiné*. Mas elRei D. João II° expedio áquelle reino João Alvares *Rangel* com instrucções, e cartas para elRei d'Inglaterra, nas quaes lhe dava conta da deslealdade do dito conde, pedindo-lhe que para exem-

---

(1) *Resende*, Chron. de D. João II°, cap. 56.

(2) *Ibid.*, cap. 60.

plo *dos reis*, e mais delle : « Que por bem de suas allian-
» ças, e amizades ho quizesse mandar prender e êntre-
» gar-lho. ElRei d'Inglaterra mandou prender o dito
» conde no castello de *Londres*, e ficou sem effeito
» aquella tentativa (1). »

Assim pois pelo exame que acabámos de fazer dos documentos, e dos testemunhos historicos do seculo xv° se mostra : 1° Que as mesmas tentativas feitas nos fins do dito seculo pelos estrangeiros para hirem á *Guiné* não forão levadas a effeito; 2° Que as emprehendidas pelo mesmo governo hespanhol, mencionadas por *Zuniga*, e as indicadas por *Navarrete*, não se prova por documentos, nem por testemunhos contemporaneos, que alli tivessem chegado; 3° Que ainda quando as mesmas expedições tivessem hido á *Guiné*, tal hida sendo posterior, como mostrámos, de muitos annos ao descobrimento, e conquista dos Portuguezes, não diminuia em cousa alguma a gloria da *prioridade* do descobrimento portuguez, nem os nossos incontestaveis direitos. Tanto mais que os mesmos historiadores hespanhoes contemporaneos reconhecêrão, e confirmárão a *prioridade* do nosso descobrimento, principalmente o celebre, e veridico *Andres Bernaldez* (2).

---

(1) Vid. *Resende*, Chron. de D. João II°, cap. 73. Compare-se esta passagem com o que acima dissemos relativamente a *Hacluyt*.

(2) O Mss. de que extrahimos este capitulo pertenceo a um dos conventos de Hespanha; pertenceo igualmente á livraria dos marquezes de *Mortara*. M. Ternaux-Compans o adquirio ultimamente em Madrid. *Bernaldes* é um dos chronistas hespanhoes do xv° seculo

A preciosa obra deste autor achando-se ainda inedita, julgâmos opportuno transcrever textoalmente o que elle diz como mais uma prova irrecusavel da nossa *prioridade*, e como refutação das asserções de certos AA. modernos hespanhoes, que mui de proposito o não citárão nesta parte. No cap. VI° das suas Memorias que elle intitula da forma seguinte : *De la Mina de Oro que descubrieron los Portugueses*, diz :

« En el año de 1471 descubrieron la flota del dicho » rey don Alonso (Affonso V°) *la Mina del Oro* que hoy » los reyes de Portugal poseen en la costa del mar Océano, » así á la parte del mediodia pasadas las costas de los » negros Gelofos é sus confines é mucho mas adelante » tanto al norte, poco menos se le esconde en la redondez » de la tierra ; donde al tiempo que *la hallaron en los » primeros viajes* la mayor parte de los navegantes ado- » lecian y se morian sin remedio, y despues prosiguiendo » sus viajes se perdieron en el camino y se ensenaron é » desearon de morirse ; de la cual *Mina de Oro* muy

---

dos mais estimados. *Navarrete*, no tomo I°, pag. LXVIII, lhe faz grande elogio pela veracidade com que escreveo o que vio, e o de que teve verdadeira relação, etc.

O sabio A. da Historia de *Fernando* e d'*Izabel*, M. Prescott, o qual compulsou, e examinou com luminosa critica todos os AA. daquelle reinado, e os manuscriptos contemporaneos, diz no tomo II°, pag. 112 : « *The Portuguese were the first to enter on the brilliant » path of nautical discovery*, etc. » O mesmo A. diz, fallando da autoridade da chronica de *Bernaldez*, que a sua importancia historica é plenamente reconhecida pelos criticos castelhanos. (*Ibid*, p. 109.)

» grande riqueza *e honra ha procedido á los reyes de*
» *Portugal*, é de cada dia procede mucho provecho á
» todo su reino. »

Assim pois se o direito de *prioridade de descobrimento*, e conquista dos Portuguezes na costa d'Africa occidental não fosse evidentissimo, este não teria sido reconhecido não só por este veridico historiador contemporaneo, mas tampouco o governo hespanhol não o teria reconhecido do modo mais solemne, e *Zurita* (1) não diria : « Concertóse que este trato, y navegacion
» de la Guinea, de la *Mina del Oro*, quedase con Por-
» tugal, y que el rey, y la reina, no enviasem allá
» sus navíos, ni consintiesen que de sus puertos fuesen
» sin licencia del rey de Portugal, pues que se habia
» hallado por bulas apostólicas *y por derecho que les*
» *pertenecia*. »

Se pois o nosso direito de *prioridade* e de conquista não fosse então bem evidente, o governo hespanhol o não teria sanccionado, visto que os reis d'Hespanha tinhão a pretenção de terem direitos ao que elles chamavão o reino d'Africa, e que *Las Casas*, que escreveo mais de um seculo depois dos nossos descobrimentos, allegava como fundamento da opinião dos que dizião que a Africa fôra noutro tempo unida á Hespanha, e della fizera parte antes da abertura do estreito de Gi-

---

(1) *Vid.* Zurita, *Annaes d'Aragão*, liv. XX, cap. 34, pag. 307, edição de 1610. Este autor nasceo em 1512; mas, apezar de não ser contemporaneo dos descobrimentos, trabalhou sobre documentos authenticos, e muitos delles coevos aos acontecimentos.

braltar. *Las Casas* diz mesmo : *Por que tudo quanto agora se chama Africa se chamava , e era Hespanha.* A razão disto tirava elle da obra do celebre cardeal Pedro d'*Ailly* (Petrus *Aliacus*) no seu tratado *de Imagine Mundi*, cap. 31 (1).

Ora Pedro d'*Ailly*, apezar de ser o sabio francez mais erudito do seu tempo, apenas conhecia da Africa o que os antigos conhecião; pois elle diz da parte do Occidente que a *distancia desta para* « esta parte do principio » da India para a parte do Oriente não é *grande latitude*, » por que a experiencia mostra que aquelle mar se po- » dia navegar *em mui poucos dias* se o vento fosse » favoravel. »

Por esta passagem se prova que o famoso *Petrus Aliacus* não conhecia a prolongação d'Africa, e não tinha idea alguma do golfo de Guiné.

O cardeal nasceo perto de Abbeville, segundo alguns biografos, em 1350, e morreo em 1420 ou 1425; foi pois no seu tempo que se diz terem tido logar os suppostos descobrimentos dos Normandos na Guiné; entretanto como elle morreo 13 annos antes da passagem do Cabo Bojador pelos Portuguezes, apenas conhecia a Africa como a conhecião os geografos da Europa na Idade Media, apezar de ser cognominado : *L'aigle des docteurs de France* (2).

---

(1) *Las Casas*, Historia de las Indias, tomo 1°, cap. 11, pag. 73 e 74, Mss. da Bibliotheca de M. Ternaux Compans.

(2) Compare-se o que dizemos acima com o que fica escripto a pag. 103 e 104, §° XI.

Repetimos pois á vista do que deixámos demonstrado, que ainda mesmo que alguns navios hespanhoes tivessem hido á *Guiné* nos fins do seculo xv°, em despeito dos tratados, e das ordens passadas em 28 de maio de 1493 ao almirante *Colombo* (1), taes viagens não diminuem a nossa gloria, nem *a prioridade* dos nossos descobrimentos confirmada pelos documentos historicos, pelos factos, e pelo direito publico contemporaneo fundado nos tratados.

§ XVI.

Quando tiverão logar as primeiras viagens feitas á Guiné pelos Francezes, e Inglezes, segundo os testemunhos historicos authenticos.

Antes da segunda metade do xvi° seculo não se encontra documento algum que prove que os Francezes, e Inglezes tivessem visitado as paragens da costa occidental d'Africa alèm do *Cabo Branco*.

A seguinte chronologia das expedições destas duas nações dirigidas áquellas partes provará este facto conforme as regras de uma severa critica.

1551. — Primeira viagem dos Inglezes á *Guiné*. Expedição de Thomas *Windham*. Nesta primeira expedição ingleza tomou parte, e foi o principal promotor della um *Portuguez*, mui experimentado maritimo, e que tinha feito varias viagens a Guiné, e ao Brasil; chamado *Antonio Annes Penteado*. Pelos diplômas

(1) *Vid.* Doc., n° xlii, apud Navarrete, tomo II°.

publicados por *Hacluyt* se mostra que os Inglezes seguírão a este respeito os conselhos, e instrucções de alguns Portuguezes que residião em Londres (1). A corte de Lisboa, e principalmente o Infante D Luiz escreveo a *Penteado* exortando-o a que voltasse para Portugal, convite a que elle se recusára. Alèm disto uma das caravellas da expedição era portugueza, e foi comprada a um Portuguez que residia em *Newport*, no paiz de Galles.

Vê-se pois pelo que deixámos referido desta authentica relação que todos os elementos que promovêrão a primeira viagem dos Inglezes á Guiné erão *portuguezes*, finalmente que a dita primeira viagem é posterior de mais de um seculo aos nossos descobrimentos na costa occidental d'Africa alèm do *Bojador*. Entre as particularidades curiosas que se encontrão nesta relação, e que offerecem novas provas da *prioridade* do nosso descobrimento, é a seguinte:

O rei de *Benin* fallou em *portuguez* aos Inglezes, *lingoa que elle tinha aprendido desde a sua infancia* (2).

1553. — Segunda viagem de *Windham* á *Guiné* (3).

1554. — Viagem de João *Lok* á *Guiné*. Este viajante refere que todo o espaço de costa que decorre desde o Cabo Branco até 7 legoas alèm do *Rio do Ouro* era então frequentado pelos Portuguezes, e Hespanhoes que

---

(1) Vid. *Hacluyt*, tomo II°, pag. 114 e 122.

(2) Compare-se esta passagem com o que dissemos no §° V, a pag. 36 e 37.

(3) *Vid.* esta relação na collecção de *Eden*.

fazião naquellas paragens as suas pescarias no mez de novembro.

Nesta viagem, na qual os Inglezes reconhecêrão o *Rio dos Cestos*, nem uma palavra se encontra do *Petit Dieppe*.

1555. — Viagem de Guilherme *Towrson* á costa de Guiné (1).

1556. — Segunda viagem do mesmo maritimo, o qual encontrou junto ao *Cabo Branco* muitas caravellas portuguezas.

Perto do *Rio dos Cestos* encontrárão tres navios francezes. Os Inglezes informárão-se dos Francezes se acaso tinhão encontrado os Portuguezes. Os commandantes francezes proposérão aos Inglezes de os acompanharem para attacarem os Portuguezes, e hirem juntamente á *Mina*. Navegárão juntos depois do accordo feito. Nesta epoca os Francezes sabião tampouco o nome da costa e do commercio que alli se fazia, *que foi dos Negros* que elles soubérão que alli havia *ouro* (2), e ficárão surprehendidos quando no dia 14 de janeiro se achárão á vista do forte de *S. Jorge da Mina*.

Estas particularidades augmentão as provas que temos produzido em differentes partes desta Memoria não só de que não havia mesmo tradição entre os Francezes dos suppostos estabelecimentos normandos na Guiné no XIV°, e ainda no XV° seculo, mas tambem que a fabula da

(1) Vid. *Hacluyt*, tomo II°, pag. 23.

(2) Vid. *Walckenaer*, Histoire générale des voyages, tomo I°, cap. 6, pag. 472.

construcção do forte da *Mina* pelos mesmos só foi inventada no xvii° seculo (1).

1558. — Volta o mesmo capitão inglez á costa da *Mina*, e attaca um navio francez. Em *Cormentin* encontrou grande numero de Negros que fallávão portuguez (2).

1562. — Expedição de *William Rutter*; o navio *Mignon* que fazia parte desta expedição foi destroçado por um combate dado pelos Portuguezes (3).

1563. — Viagem de *Baker* á *Mina*. Ao Oeste do Cabo das *Tres-Pontas* os Negros lhe fallárão em *bom portuguez*.

1566. — Viagem de *Fenner* a *Cabo Verde*. Pela relação desta se vê que os Portuguezes tinhão principalmente nas ilhas de *Cabo Verde* forças navaes estacionadas para obstarem ás tentativas dos Francezes, e Inglezes. Nesta epoca os Inglezes viajávão a bordo das frotas portuguezas para se instruirem das cousas das mesmas colonias (4).

Foi só no anno de 1587 quando o almirante *Drake* nos capturou um grande navio da India que em Inglaterra se conheceo o methodo da construcção portugueza,

---

(1) Compare-se esta prova com o que exposemos no §° VI, pag. 53 e seguintes, e §os IX e X.

(2) *Walckenaer*, obra citada, tomo II°, pag. 11.

(3) *Ibid.*

(4) Vid. *Walckenaer*, Histoire générale des voyages, tomo II°, cap. 10, pag. 66 e seguintes.

e as grandes riquezas que tiravamos das Indias Orientaes (1).

Por esta resenha chronologica fica pois mostrada a epoca em que pela primeira vez os Inglezes abordárão á *Guiné*, e que só alli se faz menção de terem encontrado navios francezes em 1556, isto é *um seculo depois* de terem os Portuguezes descoberto toda a costa d'Africa até ao *Rio Grande*. Pelas mesmas relações se prova tambem que se os Francezes tivessem *regularmente* frequentado nos annos anteriores a costa de *Guiné*, não lhes seria necessario saberem dos Negros que alli se commerciava em ouro, e não ficarião surprehendidos de se acharem á vista do forte de S. Jorge da *Mina*. Entretanto é inegavel á vista de um documento produzido por *Ramusio*, e por nós já citado (2), que os Francezes no tempo de Francisco I°, isto é antes de 1547, hião já á parte da costa d'Africa que nós tinhamos descoberto um seculo antes, assim como é tambem inegavel, que a França conhecendo o nosso direito prohibíra a seus subditos o armamento de navios para hirem á Guiné e ás nossas possessões. O documento authentico que nos offerece esta prova datado de 20 de novembro de 1532, mostra que uma expedição clandestina preparada naquelle anno em os portos da *Normandia* não tivera effeito, visto que os navios francezes que devião hir á *Guiné* forão

(1) *Ibid.* O leitor que desejar melhor instruir-se nas particularidades das viagens que acima mencionámos deverá consultar as collecções citadas.

(2) *Vide* pag. 93, 94 e 95, §° X.

embargados nos portos em consequencia das ordens do almirante de França expedidas a M. *De Mallière*, vice-almirante de França, *pelo proposito* que tinhão de *navegar em o trato da mercadoria nas partes da Malaguetta*, *Guiné*, ou *Brasil*.

Este armamento tinha custado, segundo a declaração dos interessados, mais de 20,000 escudos. Elles representárão que tinhão preparado aquella expedição porque tinhão licença d'*elRei de Portugal para hirem áquelles paizes*. Os armadores reconhecêrão, que não podião hir commerciar áquellas paragens *sem licença d'elRei de Portugal* (1).

Este documento, ao mesmo tempo que nos offerece a prova mais concludente, e positiva de que a França, e seus proprios subditos reconhecião o nosso direito de soberania, conquista, e posse legitima daquelles paizes, nos appresenta igualmente a mais antiga noticia das tentativas feitas pelos Francezes para hirem áquellas paragens. Antes pois desta epoca não apparece documento nem testemunho historico que mostre que os Francezes tivessem hido áquella parte da costa occidental d'Africa.

Assim pois o primeiro armamento feito nos portos de França com destino á costa da *Malaguetta* e da *Guiné* é posterior aos descobrimentos dos Portuguezes alèm do Cabo Bojador de 99 annos, e de 72 ao da costa da *Malaguetta* pelos mesmos Portuguezes.

---

(1) Documento original no Archivo real da *Torre do Tombo*, de que temos copia authentica.

Mas entre estas tentativas, e as viagens clandestinas feitas pelos Francezes ás nossas possessões d'Africa, e a epoca em que os subditos desta nação formárão estabelecimentos naquellas paragens, decorreo um longo intervalo de annos (1). Os primeiros estabelecimentos desta nação na Africa occidental de que ha documentos authenticos datão só do XVII° seculo.

Tudo pois quanto certos AA. tem dito nestes ultimos tempos de que os estabelecimentos francezes na costa d'Africa remontavão a uma epoca anterior não passa de meras conjecturas, desmentidas pelos factos, e pelos documentos, e testemunhos historicos, como se vê demonstrado sem replica nesta Memoria. Se os acontecimentos, e factos historicos só merecem credito quando são provados por documentos, ou por testemunhos de historiadores contemporaneos dignos de fé, muito maior é a obrigação e dever do escriptor de provar do modo mais authentico os duvidosos, e incertos.

Os escriptores modernos que desde *Villaut* até hoje tem sustentado um facto supposto sem produzirem prova alguma tinhão a obrigação indispensavel de provarem o mesmo facto por documentos, e testemunhos historicos do XIV° seculo, isto é por documentos contemporaneos. Não terminaremos este §° sem produzirmos mais uma prova importantissima que mostra que antes dos nossos descobrimentos alèm do *Cabo Bojador,* não havia entre

---

(1) Vid. *Walckenaer*, Histoire générale des voyages, tomo II°, pag. 243, passim.; *Leyden*, *Murray*, e a traducção franceza desta obra, tomo IV°, pag. 4.

os Normandos noticia, nem mesmo tradição das suppostas viagens destes maritimos alèm do dito *Cabo Bojador*, do mesmo modo que mostrámos no §° XI que as suas mesmas chronicas do xv° seculo nenhuma noticia derão de taes descobrimentos.

A justiça que assiste Portugal é tão grande, e tão evidente, que *são as mesmas relações dos Normandos* do principio do xv° seculo que augmentão o numero de provas, que a tornão incontestavel.

As unicas daquelle seculo são as que se encontrão na obra intitulada *Histoire de la premiere descouverte et conqueste des Canaries faite dès l'an* 1402 (1) *par messire Jean de Bethencourt*, *escrite du temps mesme par F. Pierre Boutier*, *et Jean le Verrier, prestre domestique du dit sieur de Bethencourt*, *et mise en lumiere par M. Galien de Bethencourt*, *conseiller du roy en la cour de parlement de Rouen*.

Esta relação foi impressa em Pariz em 1630, acompanhada de uma dedicatoria, de prefacio, e de um tratado da navegação e das viagens de descobrimento e conquistas modernas, principalmente dos Francezes, por *Bergeron*.

Esta relação é da maior importancia pelas novas provas que fornece á nossa demonstração, reforçando ainda mais o que temos dito na presente Memoria.

As razões em que nos fundamos para julgar a dita

---

(1) As nossas expedições ás *Canarias* tinhão começado já anteriormente ao anno de 1336 (*vid.* §° III, pag. 15), isto é mais de meio seculo antes da expedição de Bethencourt.

relação da maior importancia para o objecto que nos propozemos provar, são as seguintes :

1ª O ter sido escripta por dois capellães que acompanhárão Bethencourt ás Canarias em 1402, e portanto por duas testemunhas oculares, e por dois indeviduos dos mais instruidos entre todos os da expedição.

2ª Por que referindo elles as particularidades que mostrão qual era o estado dos conhecimentos e noticias que Bethencourt tinha da Africa occidental, sendo alias *Normando* e *contemporaneo* da epoca em que *Villaut* e os que o tem seguido inventárão os suppostos descobrimentos dos Dieppezes ou Normandos na *Guinea;* por que as noticias, dizemos, e os conhecimentos que tinha Bethencourt áquelle respeito provão sem replica a *prioridade* dos nossos descobrimentos.

3ª Por ter sido publicada por um descendente do dito João de Bethencourt e em uma epoca posterior aos estabelecimentos da companhia dos mercadores de Dieppe e de Roão em 1626.

4ª Finalmente por que a dita relação tem sido geralmente admittida como authentica pelos escriptores francezes.

No capitulo 53, pag. 95, que tem por titulo : *Comment M. de Bethencourt a visité toutes ces isles* (as Canarias), *et de leur bonté et facilité à les conquérir avec les autres pays de l'Afrique,* referem os ditos capellães o seguinte que transcreveremos textualmente, que *Bethencourt* dissera que :

« Si aucun noble prince du royaume de France, ou » *d'ailleurs*, voulait entreprendre aucune grande con-

» queste *par deçà*, qui serait une chose bien faisable et
» bien raisonnable, le pourrait faire à peu de frais;
» *car Portugal*, et Espagne, et Aragon, les fourniraient
» pour *leur argent de toutes vitailles et de navires plus*
» *que nul autre pays, et aussi de pilotes qui savent les*
» *ports et les contrées.* »

Esta passagem é importantissima pelas seguintes razões : 1ª Por que são os proprios Normandos contemporaneos dos suppostos descobrimentos e navegações dos seus compatriotas, que se dizião ter sido effectuadas no fim do seculo xiv°, que confessão que se algum nobre principe de *França*, ou de qualquer outro reino quizer emprehender alguma conquista naquellas partes do imperio de Marrocos, e de outros pontos da Africa occidental lhe será facil porque *Portugal* lhe poderá fornecer por dinheiro (note-se) vivres, e *navios* como nenhum outro paiz, e o que mais é, até *pilotos experimentados no conhecimento dos portos e dos mesmos paizes.*

2ª Porque esta mesma passagem prova que na mesma epoca que os modernos escriptores depois de *Villaut* fixárão as suppostas navegações dos Dieppezes á Guiné, *Bethencourt*, e os seus capellães julgavão praticaveis aquellas navegações, e conquistas uma vez que *Portugal* prestasse o seu auxilio, e o que é ainda mais importante, o auxilio dos *seus navios e pilotos* que erão os mais experimentados daquellas paragens, o que elles não dirião se acaso as ditas suppostas navegações, e descobrimentos dos Dieppezes tivessem tido logar desde 1364 a 1410, como diz *Villaut* e os escriptores modernissimos que o seguírão.

3ª Finalmente por que a dita passagem confirma sem replica tudo quanto temos dito nesta obra, particularmente no §º II, pag. 112, ácerca da incontestavel anterioridade das nossas relações com os Mouros ás que depois tiverão os Normandos, e no §º XII da impossibilidade em que se achavão os Normandos de emprehenderem taes expedições navaes nos fins do seculo xivº.

Alèm disto a mesma passagem prova que a importancia da nossa marinha nos primeiros annos do seculo xvº, era *reconhecida pelos Normandos daquella epoca*, do mesmo modo que reconhecião que os conhecimentos que tinhão os nossos maritimos da costa occidental d'Africa até ao Bojador (30 annos antes de *Gil Eannes* passar alèm do mesmo cabo), erão superiores aos dos maritimos seus compatriotas, e aos das outras nações.

Accrescentaremos ainda algumas particularidades interessantes que se encontrão nesta relação, e que illustrão ainda mais o ponto principal deste nosso escripto, isto é a incontestavel *prioridade* dos nossos descobrimentos africanos alèm do Bojador.

Alguns escriptores modernos, sem terem examinado esta relação com a critica e imparcialidade com que os assumptos historicos devem ser tratados, derão grande importancia ao que elles chamão exploração da costa occidental d'Africa por João de *Bethencourt* e por seus companheiros, já se vê, com o fim de estabelecer a *sua prioridade* sobre os Portuguezes na carreira dos descobrimentos. Examinemos pois se estas pretenções tem melhor fundamento, do que as que já ficão refutadas.

A primeira viagem dos companheiros de *Bethencourt* ao continente africano vem relatada no cap. 23. Alli se mostra que elles forão só á costa de Marrocos : « *Ils* » *s'allerent noyer en la coste de Barbarie près de* » *Maroc* (p. 42). »

Ora se acabamos de vêr que os Normandos de Bethencourt não passárão da costa de Marrocos , o que se lê a pag. 97, cap. 53 , mostra que as relações que elles tinhão da costa occidental d'Africa , não passavão da parte da dita costa situada *aquem* do Cabo *Bojador*, o que ainda melhor se demostra pelo cap. 54 , no qual dizem os autores da relação : « Or est l'intention de » M. de Bethencourt de visiter la contrée de la terre » ferme de *Cap Cantim*, qui est mi-voyage d'icy *et* » *d'Espagne jusqu'au Cap de Bugeder*, qui fait la pointe » de la terre ferme au droit de nous, et s'étend de » l'autre bande jusqu'au *fleuve de l'Or*. »

Por este capitulo se mostra tambem que alli se não indica que *Bethencourt* tivesse *executado* este mesmo projecto de visitar os logares situados mesmo *aquem* do cabo , pelo contrario elle se queixa de não obter auxilio d'elRei de França : « *Et si le dit seigneur de Bethencourt* » *eût trouvé quelque confort au royaume de France*, *il* » *ne faut point douter* (note-se) *que de présent*, ou » bientôt *après*, *il ne fût venu à son attente*, et *spécia-* » *lement des isles Canariennes*. »

Por outra parte se os Normandos tivessem algum conhecimento *pratico* da parte da costa occidental d'A-frica , situada nas extremidades do imperio de Marrocos e da costa que corre entre o Cabo Bojador e o *Rio do*

Ouro dos Portuguezes, os capellães de Bethencourt não dirião o seguinte que elle tinha tenção de fazer a exploração daquellas paragens : « *Pour voir s'il pourra trouver* » *aucun bon port et lieu qui se peut fortifier et estre te-* » *nable quand temps et lieu sera, pour avoir l'entrée* » *du pays* et le mettre en treu (1) *s'il chet à point* (2). »

Logo fica evidente á vista desta passagem que os Normandos não tínhão o menor conhecimento pratico dos portos situados aquem do Bojador, paragens que todavia elles reconhecião, como vimos acima, serem perfeitamente conhecidas pelos pilotos portuguezes em 1402. Ora a experiencia nautica não se adquire em poucos annos; se os Normandos reconhecião então que os Portuguezes erão superiores no conhecimento daquellas paragens, e daquelles paizes á maior parte das outras nações maritimas, reconhecião igualmente como reconhecêrão que a sua experiencia daquelles portos, costas e paizes era superior á dos Normandos e Francezes nos fins do seculo XIV°, tempo no qual Villaut, Labat e os escriptores que os seguírão pretendêrão que os maritimos de Dieppe havião fundado estabelecimentos na *Guiné*.

A inexperiencia dos Normandos e falta de conhecimento daquellas paragens ainda mais se manifesta pela seguinte confissão :

« Et pour que le dit de Bethencourt *a* grand voulenté » de sçavoir le veritable estat et gouvernement du pays

---

(1) Subjeição e tributo, segundo *Bergeron*.

(2) *Ibid.*, pag. 99.

» des *Sarrasins* (1) et des ports de mer *que l'on leur dit* » estre bons, du costé de la terre ferme qui marche » douze lieues près de nous *au droit du Cap de Bugeder.*»

E para saber todas estas cousas Bethencourt recorre não aos livros francezes ou italianos, mas sim *aux extraits d'un livre que fit un frère mendiant espagnol* (2), que tinha viajado em todos os reinos christãos, e pagãos, e sarracenos deste lado. Vejamos agora quaes erão os paizes descriptos no famoso livro do religioso.

Visitou *Marrocos*, de lá veio a *Azamor*, e a *Saphi*, d'alli a *Mogador*, e depois a *Gasulle* (3), e dalli a um porto que elle chama Samateve, e daqui ao *Cabo Não* onde se embarcou a bordo de uma barca, e correo (note-se) *toute la coste des Mores qui se nomme les Plagues Areneuses jusqu'au Cap de Byaodor qui marche douze lieues près de nous, et est un grand royaume qui s'appelle la Guinoye* (Guiné), e depois de chegarem ao Cabo Bojador forão vêr, e reconhecer as ilhas da parte de cá, áquem (*de par deçà*).

Consequentemente tudo quanto se deprehende do sentido obvio da relação do livro de que se servio Bethencourt prova que o mesmo famoso religioso viajante não conheceo nada da costa alèm do Bojador descoberta depois pelos Portuguezes, e que os seus conhecimentos geograficos erão os mesmos que tinhão todos os povos

---

(1) Vide cap. 55, pag. 100.

(2) *Ibid.*

(3) Vide *Gesulla* na carta de *Chenier* na sua obra. Recherches historiques sur les Maures et Histoire de l'empire de Maroc.

christãos nos fins da idade media ácerca da Africa pelas viagens e relações das caravanas. Mas a passagem mais importante desta relação é a que se refere á *Guinoye* (á Guiné), visto que a dita passagem prova que elle não só *alli não fôra*, mas o que é mais importante é que prova que não conhecia a verdadeira *Guiné* dos Portuguezes, pois collocava este paiz junto, ou perto do *Cabo Bojador* (*près de nous*) (1). Este erro em que estavão as nações christãas no XIV° seculo e no principio do XV° ácerca da posição ou da situação da verdadeira *Guiné* descoberta *só pelos Portuguezes* depois de 1433, produzio a espantosa confusão que depois do descobrimento dos Portuguezes fizerão alguns escriptores das nações estrangeiras; erro, e confusão que produzírão as pretenções dos escriptores hespanhoes, genovezes, e normandos dos tempos posteriores ao nosso descobrimento, como mostraremos mais claramente no seguinte §°.

A dita passagem reforça tambem as provas de que os Normandos não tinhão hido á verdadeira *Guiné* antes dos Portuguezes, alias os capellães de Bethencourt terião feito disso menção, e estarião mais adiantados no conhecimento da posição geografica da Guiné, de que o religioso hespanhol de cuja obra elles se servião.

---

(1) Vide p. 102 da mesma relação. Note-se que os Normandos se achavão então nas Canarias, e julgavão que a *Guiné* era situada *près de noùs*, mui perto delles no outro lado no continente mesmo áquem do Bojador. Na carta catalan de 1375 se vê *Ginya* ao sul das montanhas que representão os montes da Lua.

Os extractos ou antes citações da obra do dito viajante provão igualmente que o *Rio do Ouro* de que alli se faz menção, bem como o rio deste nome ao qual se dirigia o Catalão Jacques *Ferrer* (1), não era o mesmo *Rio do Ouro* descoberto primeiramente pelos Portuguezes na costa occidental d'Africa ao sul do Bojador; pelo menos não ha certeza de que fosse o mesmo, como mostraremos em outra parte.

Não nos demoraremos mais em analysar esta relação, tendo dito bastante para convencer o critico mais minucioso, e severo de que os Normandos, e outros navegadores francezes só forão á verdadeira *Guiné* perto de *seculo* e *meio* depois da hida de Bethencourt ás Canarias e dos seus companheiros á famosa *Gynoie* situada a 12 legoas da ilha de Forteventura! só alli foraõ um seculo depois do descobrimento dos Portuguezes, como acabamos de mostrar neste §º.

§ XVII.

Mostra-se qual era a *Guiné* de que tinhão noticia os povos da Europa nos XIVº e XVº seculos, antes do descobrimento *real* desta parte d'Africa pelos Portuguezes. Dos erros em que cahírão os escriptores italianos, hespanhoes e depois delles os francezes ácerca da posição geografica deste paiz, e da confusão que fizerão depois do dito descobrimento pelos Portuguezes, os quaes derão origem ás infundadas, e injustas pretenções de nos disputarem a *prioridade* incontestavel do descobrimento da *verdadeira Guiné*.

No §º XI mostrámos que os cosmografos dos fins do XIVº seculo terminavão a costa occidental d'Africa

nas suas cartas no *Cabo Bojador*, no §º XIII mostrámos igualmente que os ditos cosmografos, apezar de terem noticia pela obra d'*Edrisi*, e pelas relações dos Arabes de varios paizes do interior, e entre estes do paiz de *Guiné*, collocavão esta nas suas cartas junto ao *Atlas*, e na altura do *Cabo Bojador*, afim de não descerem mais ao sul, alèm do ponto conhecido sobre a costa (1). Agora diremos que os povos da Europa começárão só no XIVº seculo, em razão das suas relações com a Africa *septemtrional*, e com o imperio de Marrocos, a terem noticias pelos Mouros do commercio que os traficantes do dito imperio fazião por via das caravanas com um paiz muito rico, situado no interior d'Africa, chamado *Geny*, *Ginya*, *Gineva*, ou *Gynoia*, o qual produzia muito ouro, e que era habitado por negros.

Taes erão as unicas noticias que as nações da Europa tinhão daquelle paiz antes do descobrimento delle, noticias indirectas, e inteiramente vagas; taes erão em fim as noticias que tinhaõ da *Guiné* os Normandos no principio do seculo XV antes do descobrimento daquelle paiz pelos Portuguezes.

As seguintes passagens da relação autentica dos capellães de *Bethencourt* mostraráõ do modo mais evidente que a *Guiné* onde forão os Normandos não é a verdadeira Guiné, não é o paiz deste nome *só* e *exclusivamente* descoberto pelos Portuguezes no xvº seculo;

---

(1) Vide pag. 114 e 115. Vide as tres primeiras cartas do nosso Atlas, de 1367, 1375, e de 1384 a 1400. Plancha nº 1º.

as ditas passagens mostrarão que a parte da costa d'Africa occidental que elles tomárão pela *Guiné*, era a de Marrocos e do começo do deserto fronteiro ás Canarias, e áquem do Cabo Bojador, cujas costas e portos erão frequentados desde tempos mui remotos por outros povos maritimos da Europa e pelos Portuguezes.

No capitolo 57, p. 105 e 106 da relação dos capellães de Bethencourt, dizem estes : « Et mesmement se partit » la saison avant monsieur de Bethencourt, et vint par » de ça un basteau avec quinze compagnons dedans » d'une des isles nommée Erbanie (Forteventura) et » s'en alla au cap de Bugeder, *qui siet au royaume de* » *la Guinoye à 12 lieues près de nous !* » Isto é da ilha de Forteventura onde elles se achavão.

Ora esta passagem não deixa a menor duvida da situação geografica da *Guiné* dos Normandos, a qual segundo elles ficava *áquem* do Cabo Bojador, e a 12 legoas de *Forteventura*, uma das Canarias. Mas a outra passagem da pag. 133, cap. 71, quando tratão da ilha de *Lancerote*, prova ainda mais a convicção em que estavão de que a *Guiné* lhes ficava defronte.

« *Et de l'autre costé* (da dita ilha) *devers la Guinoye,* » *qui est terre ferme des Sarrasins.* »

A mesma erradissima idea da posição geografica da Guinea tinha elRei de Castella, como se vê do que escrevêra ao papa, e se mostra pela seguinte passagem desta relação contemporanea.

Tratando os mencionados AA. da hida de *Bethencourt* a Roma durante o pontificado d'Innocencio VII

em 1406, e do que escrevêra elRei de Castella ao pontifice, dizem pag. 197, cap. 89, que o papa dissera a *Bethencourt :* « Le roy d'Espaigne icy me rescrit que » vous avez conquis certaines isles (as Canarias), lesquel- » les sont de présent à foi de J. C. et les avez fait tous » baptiser ; pourquoi je vous veux tenir mon enfant et » enfant de l'Eglise, et serez cause et commencement » qu'il y aura d'autres enfants, qui conquerreront après » plus grand chose (1) ; car aussi que j'entens, le pays de » terre ferme n'est pas loing d'y la, les pays de *Guynée* » *et de Barbarie ne sont pas à plus de douze lieues* (2), » *encore me rescript le roy d'Espaigne que vous avez* » *esté dans ledit pays de Guynée* (3) *bien dix lieues*, et » que vous avez tué et amené des *Sarrasins*. »

A' vista destas passagens de uma relação contemporanea escripta por testemunhas oculares, por *Jean Le*

---

(1) Esta só passagem bastava em boa critica para provar que tudo quanto disse *Villaut* é fabuloso, pois se desde 1364 a 1410, isto é no tempo de *Bethencourt*, os Normandos tivessem hido todos os annos á verdadeira *Guiné*, isto é ao *Petit-Dieppe* fundado entre 1626 e 1631, mais de 200 annos depois, nem o papa diria isto em 1406, nem os capellães de *Bethencourt* deixarião de fazer disso menção.

(2) Note-se pelas expressões que a *Guinea*, e a *Barbaria* se considerão pelo menos lemitrophes.

(3) *Bethencourt*, como mostrámos acima, não passou além do *Cabo Bojador*, e vê-se tambem por esta passagem que o rei d'Hespanha tomava os Sarracenos das praias arenosas, ou antes os do imperio de Marrocos, pelos habitantes da *Guiné*.

Verrier, que como elle declara fallando de Bethencourt, « *qui l'avoit mené et ramené des isles Canaries*, *et* » *escrivit son testament ;* » á vista destas passagens, dizemos, não resta a menor duvida de qual era a *Guiné* a que forão os Hespanhoes, e Normandos no xiv° e principios do xv° seculos antes da passagem do *Cabo Bojador* por Gil Eannes, e do descobrimento da *verdadeira Guiné* pelos Portuguezes, facto que ainda melhor se demonstra pelas provas que as cartas do nosso Atlas anteriores aos nossos descobrimentos attestão sem replica pela perfeita harmonia em que estão com os textos dos autores contemporaneos, e com os factos.

Por esta convicção em que estavão os Castellanos no xiv° e no começo do xv° seculo de que, frequentando a parte da costa occidental d'Africa fronteira ás Canarias, hião á *Guiné*, da mesma maneira, e pela mesma convicção que tinhão os Genovezes, e outros povos maritimos principalmente do Mediterraneo, que se derigião áquellas costas áquem do *Bojador*, de que hindo alli aportavão á *Guiné*; por esta errada convicção, dizemos, é que, logo que os Portuguezes descobrírão a verdadeira *Guiné*, os Castellanos sobre todos pretendêrão arrogar-se, pela identidade da denominação, a *prioridade* do descobrimento e até das relações commerciaes, e disputar a gloria, e os proveitos aos Portuguezes, sem se importarem com o espantoso erro de posição geografica de mais de 18 graos de latitude, que separa a verdadeira *Guiné* da parte da costa africana áquem do Bojador, a que elles davão este nome.

Foi fundado sobre este erro espantoso que elRei D. João II° de Castella nas cartas que escreveo a elRei D. Affonso V de Portugal, datadas de *Toledo* em 25 de maio de 1452, e de *Valladolid* de 10 d'abril de 1454 (1), acerca das incursões que os nossos maritimos fazião nas Canarias, e de ter o infante D. Henrique querido tomar posse das ditas ilhas ; foi fundado neste erro , dizemos, que o dito rei na ultima destas cartas diz o seguinte : « Otrosi , rey muy caro é muy amado sobrino, vos noti- » ficamos que viniendo ciertas caravelas de ciertos » nuestros súbditos é naturales vecinos de las nuestras » ciudades de Sevilla y Cádiz con sus mercadorías de la » tierra que *llaman Guinea* que es de nuestra conquis- » ta (2), é llegando cerca de la nuestra ciudad de Cádiz á » una legua estando en nuestro señorío é jurisdicion , » recudieron contra ellos *Pallencio* vuestro capitan , » etc., o qual tomára uma das caravellas.

Ao que fica demonstrado acrescentaremos que combinando esta passagem da carta d'elRei de Castella com as incursões que fazia *Pallenço* nas Canarias, do qual trata *Azurara* , e com a carta ao papa de que acima fallámos , e combinando-a em fim com outros documentos historicos , se mostra que a Guinea de que se trata é

---

(1) Estas cartas se achão copiadas por *Las Casas* na sua preciosa *Historia de las Indias* inedita, tom. 1, de pag. 123 a 133.

(2) Isto era conforme com as pretenções que tinhão os reis de Castella de serem senhores do que elles chamárão *regno d'Africa* , direito que elles derivavão dos *Godos*.

a que elles situavão áquem do Bojador. Este erro geografico estava de tal modo generalizado que *Azurara* que tinha concluido de escrever a sua *Chronica da conquista de Guiné*, no anno anterior ao da carta d'elRei de Castella, diz, quando trata da chegada de *Denis Dias* á *terra dos Negros*, isto é ao *Senegal* (1):

« E como quer que nós ja nomeassemos algumas » vezes em esta estorya *Guinee por a outra terra* em » que os primeiros forom, *screvemollo assy em commum*, » mas nom por que a terra seja toda huma, *ca grande de-» ferença teem umas terras das outras e muy afastadas » som.* »

Chamâmos a attenção do leitor acerca da importancia da expressão d'Azurara *screvemollo assy em commum*, por que ella mostra sem replica, confrontando-a com as passagens extrahidas da relação dos capellães de Bethencourt, que a parte da costa d'Africa occidental áquem do *Bojador*, a que antes do descobrimento portuguez chamavão *Guiné*, a que hião os diversos maritimos da Europa, não era a *verdadeira Guiné* descoberta só pelos Portuguezes. A esta ultima não havia, em o tempo do descobrimento, noticia alguma que outra alguma nação europea alli tivesse hido anteriormente aos Portuguezes.

O que ainda mais se confirma pela seguinte passagem do mesmo chronista contemporaneo, quando trata do descobrimento do *Senegal*, que então tomavão

(1) Vid. Azurara, cap. XXXI, pag. 158.

pelo *Nilo*, e do paiz alèm do *Gambia* então pelos Portuguezes descoberto, na qual diz o seguinte :

« Todos os segredos e maravilhas trouve o engenho
» do nosso principe (o infante D. Henrique) ante os
» olhos dos naturaes do nosso regno. Ca posto que
» todallas cousas de que falley das maravilhas do Nillo
» per seus olhos nom podessem ser vistas, o que fora
» impossivel, *grande cousa foe chegarem ally os seus*
» *navyos onde numca he achado per scriptura que outro*
» *algum navyo destas partes chegasse*, o *que he bem*
» *d'affirmar* segundo as cousas que no começo deste livro
» tenho dictas acerca da passagem do Cabo Bojador, e
» *ainda pelo espanto que os naturaes daquella terra*
» *ouverom quando viram os primeiros navyos, que se*
» *hiam a elles pensando que era peixe ou outra alguma*
» *semilhante cousa natural do mar* (1). »

Ora, ficando assim, pela analyse dos documentos contemporaneos, provado o erro e confusão geografica em que estavão os povos maritimos da Europa acerca da verdadeira posição da Guiné antes da incontestavel *prioridade* de descobrimento desta pelos Portuguezes, claro fica tambem que as expressões d'elRei de Castella, que se lêem em a carta a elRei D. Affonso V, não destroem a *prioridade* dos descobrimentos dos Portuguezes, antes a confirmão, como foi depois explicitamente declarado nos artigos do Tratado de 1480.

---

(1) Vide Azurara, *Chron. da Conq. de Guiné*, cap. LXIII, p. 301. Compare-se esta importante passagem com as que transcrevemos a p. 20 e seguintes, §º III, e a pag. 108, §º XI.

Disgraçadamente porèm a falta de critica e de conhecimentos profundos em materias geograficas por uma parte, e pela outra um amor proprio nacional mal entendido de certos autores hespanhoes, italianos, e francezes, fizerão propagar esta confusão até aos nossos dias, renovando sempre que podem suas pretenções de supposta prioridade de descobrimento da costa d'Africa occidental alèm do Bojador, illudidos por esta confusão, e por este grandissimo erro geografico.

Pelo que respeita aos AA. hespanhoes vêmos um escriptor desta nação, em uma obra recentemente publicada, illudido ainda por esta fatal confusão geografica, tirar das palavras da carta d'elRei de Castella de 1454 que acima citámos, a consequencia de que a *Guiné* fora descoberta primeiramente pelos vassallos da coroa d'Hespanha !!

Mas á vista do que deixamos demonstrado já se vê qual é o valor que se deve dar a esta asserção do A. hespanhol, que converteo a seu sabor as palavras da carta : *de uma terra que chamam Guiné que é de nossa conquista*, as quaes erão fundadas nas pretenções dos reis de Castella ao famoso direito ao que elles chamavão reino d'Africa, e na errada confusão que se fazia de que a *Guiné* ficava fronteira ás Canarias e era dependencia dellas; que tomou, dizemos, as ditas expressões por uma prova de prioridade de descobrimento !!!

Tem sido pois em consequencia de uma tal confusão, e de um tal erro geografico, que principalmente desde *Villaut* até hoje se nos tem disputado a prioridade do

descobrimento da parte da costa d'Africa occidental alèm do Bojador, e particularmente da *Guiné*, sendo digno de justo reparo que os escriptores que tem continuado a sustentar tão infundadas pretenções lhes não tenha saltado aos olhos que a denominada *Guiné* dos Normandos não era a verdadeira *Guiné* descoberta pelos Portuguezes.

Não terminaremos este §° sem indicarmos ao leitor uma particularidade interessante, particularidade que augmenta ainda mais as provas de que antes de *Villaut*, isto é antes dos fins do xvii° seculo, não só não havia tradição das suppostas viagens dos Normandos á verdadeira *Guiné*, mas tambem que a confusão de que tratamos, só se introduzio nas obras de *Villaut*, e nas posteriores publicações, cujos AA. sem exame nem critica se confiárão cegamente na relação daquelle viajante.

Em nenhum viajante normando ou francez anterior a *Villaut*, isto é antes de 1667, se encontra a pretenção de terem descoberto a *Guiné* antes dos Portuguezes, antes em todos se encontra mencionada a prioridade do nosso descobrimento, como o leitor verá nas Addições a esta Memoria.

O que se lê na mesma obra de *Bergeron* intitulada : *Traité des navigations*, publicada em 1630, a pag. 34 e 35, é decisivo sobre este assumpto. Este A. deveria ter alli fallado dos soppostos descobrimentos dos Normandos, se de taes descobrimentos houvesse mesmo simples tradição, mas *Bergeron* pelo contrario diz, p. 36, que forão os Portuguezes que descobrírão *toda a costa de Guiné*.

Ora as relações de *Bethencourt* forão publicadas em 1630, e nestas lêrão *Villaut* e outros autores de memorias normandas as passagens que se referem á hida dos Normandos á chamada *Guiné* áquem do Bojador, passagens que acima produzimos; e por outra parte combinando-as com a existencia da feitoria do *Petit-Dieppe* fundada depois da companhia de 1626, cuja denominação se espalhava já nas cartas francezas desde a de *Guerard* de 1631, cahírão no gravissimo erro de confundir a posição geografica da Guiné das Relações de Bethencourt, com a denominação do *Petit-Dieppe* marcado em muitas cartas posteriores á de *Guerard* (1) e situado na verdadeira Guiné descoberta pelos Portuguezes; e sem a menor critica embrulhárão, e confundírão datas e factos, e as denominações e posições geograficas : e de toda esta confusão composérão na ultima metade do xvii° seculo a famosa historia dos *suppostos* descobrimentos na Guiné anteriores aos verdadeiros descobrimentos dos Portuguezes.

§° XVIII.

Mostra-se que o projecto de viagem do Catalão *Jacques Ferrer* a um rio chamado do Ouro em 1346 não destroe de modo algum a prioridade do descobrimento da costa occidental d'Africa alèm do Cabo Bojador pelos Portuguezes.

Podiamos deixar de tratar deste assumpto á vista do que fica provado nesta Memoria; mas como até com este

---

(1) Vide §° IX, p. 89 e 90.

projecto catalão (sem mesmo saberem que elle fosse levado a effeito), se tem pretendido ultimamente disputar a *prioridade* dos nossos descobrimentos alèm do *Cabo Bojador*, e isto em algumas obras que podem continuar a propagar o erro, e a injustiça, pareceo-nos acertado mostrar que este projecto de viagem a um *rio* a que chamavão do *Ouro*, longe de destruir a incontestavel *prioridade* dos descobrimentos portuguezes alèm do *Cabo Bojador*, antes em boa critica nos parece confirmál-a de um modo mais positivo, e concludente. Já em 1809 o nosso sabio collega o senhor barão Walckenaer, em uma carta dirigida a *Malte-Brun* publicada nos *Annales des Voyages* (1), caracterizou esta viagem do Catalão *Jacques Ferrer* como ella deve ser caracterizada pela verdadeira critica. Transcreveremos aqui textoalmente aquella excellente analyse feita por este illustre geografo.

« Vous m'avez demandé (diz elle) si je ne croyais pas » qu'il y eût erreur de copiste dans la date de 1346 ? si » en supposant cette date exacte, il ne résultait pas de » ce passage une preuve évidente que le *cap Bojador* » avait été doublé dès 1346 ? Je réponds à la première » question que je ne vois pas qu'il y ait erreur dans la » date.

» Je réponds à la seconde que ce fragment *ne prouve* » *absolument rien* pour l'extension des connaissances » géographiques en 1346 *au delà du cap Bojador*, ni

(1) Vide *Annales des Voyages* de Malte-Brun, 1re série, tome 7. Ann. de 1809, p. 246.

» même au delà du cap *Nun*. Les preuves de ces as-
» sertions sont courtes et évidentes. »

M. Walckenaer passa a tratar das suas notas á Geografia de *Pinkerton*, e das tres cartas de *Pizigani*, *catalan*, e da Bibliotheca Pinelli, isto é das datas dellas, e acrescenta :

« En supposant, comme je le crois, que cette date de
» 1346 est certaine, *cela ne prouve pas qu'en* 1346 les
» connaissances géographiques s'étendissent jusqu'au
» *Rio d'Ouro :* que dis-je? Ce fragment *prouve précisé-*
» *ment le contraire.* Il nous apprend qu'un certain Jean
» (alias Jacques) de *Ferrer*, Catalan, partit de la ville de
» Majorque sur un bâtiment le 10 août 1346 pour se
» rendre (causa eundi) au *Rujaura* (1), *et que depuis on*
» *n'en a plus entendu parler.*

» Il n'y a pas de doute que ce *Rujaura* ne soit l'*Au-*
» *rius fluvius* des cartes de *Sanuto*, le *Rio d'Ouro* de
» nos cartes modernes.

» Cela prouve qu'en 1346 on avait entendu parler
» d'un fleuve sur les bords duquel on recueillait de l'or,
» *et qu'on faisait alors des efforts pour le découvrir*, et
» que *Ferrer* fit une de ces tentatives *et qu'il y suc-*
» *comba. Rien ne prouve qu'il soit seulement sorti de la*
» *Méditerranée* (2).

---

(1) Vide a plancha 1ª, carta nº 2, do nosso Atlas, que acompanha esta Memoria.

(2) E esta é a nossa opinião, apezar da objecção que certos escriptores teimosos em buscar todos os pretextos para diminuirem a in-

» On m'objectera qu'à la suite est un détail circon-
» stancié du *Rujaura* (1); mais ce détail ne peut être de
» *Ferrer*, puisqu'il *périt dans son expédition*. Le nom
» *Rujaura* a pu être connu du temps de *Ferrer* sans
» *qu'aucun vaisseau y fût parvenu, sans qu'on eût même*
» *passé le cap Nun*.

» Le *cap de Bonne-Espérance* était nommé avant
» d'être découvert.

» Nous ne doutons pas (dizia então o A.) de l'existence
» de *Tombouctou*, quoique tous nos efforts pour y arri-
» ver aient été jusqu'ici sans succès : combien de pays,
» de villes, de rivières dans l'intérieur de l'Afrique,
» dont nous parlons, *que nous inscrivons sur nos cartes*,
» *et que nous ne connaissons pas !* »

A este conceito do senhor Walckenaer juntaremos o do autor da excellente e erudita obra intitulada *Archeologia naval*. Transcreveremos tambem a passagem textoalmente para que o sentido e espirito do original não soffra a menor alteração : « Sur l'un des feuillets de
» l'*Atlas catalan* de 1375 (diz M. Jal), manuscrit pré-
» cieux que possède la Bibliothèque royale (département

---

contestavel *prioridade* dos nossos descobrimentos, nos podem fazer em razão de se achar pintado o navio de *Jacques Ferrer* na carta catalan na posição em que se vê na carta nº 2 do nosso Atlas. M. Walckenaer conhecia já em 1809 esta particularidade, e apezar disso pronunciou o juizo que deixamos transcripto.

(1) Papeis encontrados em Genova pelo Sr *Graberg*.

» des cartes), se voit un navire faisant voile vent arrière
» (note-se) vers le *cap Bojador* (1). »

O leitor imparcial que lançar os olhos sobre a carta nº 2 da plan. 1ª do nosso Atlas onde se encontra o *fac simile* do dito navio, ficará convencido da exactidão da observação deste sabio official de marinha, e verá que se o dito navio navegasse na direcção do Tropico, isto é na do Rio do Ouro descoberto pelos Portuguezes, a sua mareação não seria a que o desenhador lhe dera. M. *Jal* continua em outra parte sobre este assumpto, dizendo o seguinte ácerca de um navio pintado em uma das cartas do Atlas catalão:

« Y a-t-il quelque chose de plus manifestement infi-
» dèle, de plus grossièrement trompeur que ce vais-
» seau ? »

Passa a analysar as formas e construcção do navio, e diz:

« On m'a dit que l'Atlas catalan était un monument
» si respectable, qu'il était difficile d'en rejeter l'auto-
» rité : je crois que son autorité en tout ce qui est de la
» géographie mérite qu'on prenne l'Atlas très au sé-
» rieux. » Mais M. *Jal* julga que se por uma parte este Atlas é importante na parte geografica, pela outra o desenhador ignorava completamente a maneira de desenhar os navios.

---

(1) Vide *Archéologie navale*, par A. Jal, historiographe de la marine, membre du Comité historique des chartes, etc. Paris, 1840, tom. 1º, p. 444.

« Si l'on veut (acrescenta o A.) que malgré l'évidence » je croie à sa fidélité comme dessinateur de navires, » c'est apparemment qu'on croit aussi à sa fidélité comme » dessinateur d'hommes et d'animaux ; or que voit-on » sur les cartes catalanes ? »

M. *Jal* passa então a notar as monstruosidades e anomalias que se observão nas figuras dos homens e dos animaes pintados neste Atlas, e conclue que se não deve admittir nesta parte a autoridade do Atlas, « *pas plus* » *qu'il ne faut croire que l'Uxer de Ferrer allant au* » *cap Bojador* était une faible barque n'ayant ni hau- » bans ni étai pour son mât, ni drisse pour sa voile, ni » aucune manœuvre pour son antenne, si ce n'est une » oste et son palan. »

A isto poderão replicar aquelles que não admittem a menor discussão sobre o Atlas catalão, dizendo que os defeitos do navio não destroem a importancia da nota do cosmografo que indica que *Jacques Ferrer* partíra para o *Rio do Ouro* a 10 d'agosto de 1346, e que em consequencia os Catalães tinhão conhecimento do *Rio do Ouro* perto de um seculo antes dos Portuguezes o descobrirem. A esta objecção responde em nosso entender não só a carta de M. Walckenaer que acima transcrevemos, mas tambem o que se acha no Mss. de *Genova*, « para hir a um rio chamado *Vedamel* ou *Ruijaura*, » denominações que em nosso entender tornão ainda mais incerta a viagem de *Ferrer* ao *Rio d'Ouro* descoberto pelos Portuguezes.

Com effeito se o Rio d'Ouro de que tratava o autor

da nota do Atlas catalão fosse o descoberto pelos Portuguezes alèm do *Cabo Bojador* junto ao tropico, o mesmo cosmografo teria prolongado a configuração da costa até áquelle ponto, e teria marcado o *Rio do Ouro;* mas pelo contrario a costa acaba no *Cabo Bojador* (*vid.* a carta nº 2 do nosso Atlas, plan. 1ª), e o dito cosmografo collocou junto a este cabo a nota que se lê na mesma carta.

Alèm de que, em todas as cartas desenhadas nos diversos paizes da Europa até a epoca em que os Portuguezes descobrírão a costa occidental d'Africa alèm do *Cabo Bojador,* não se vê nellas marcadas nem costa, nem nome algum, nem ponto indicado alèm do dito cabo, como mostrámos nos §os IX e X, e se vê do modo mais evidente pelas cartas do nosso Atlas, circumstancia que está em perfeita harmonia com o testemunho do mais veneravel e authentico documento historico contemporaneo, a saber com as seguintes passagens da *Chronica da Conquista de Guiné* por *Azurara*, na qual diz :

« E foe achado que ataa esta era de 1446 do nasci-
» mento de N. S. J. C. forom em aquellas partes cin-
» quoenta e huma caravellas, e foram estas caravellas
» alèm do *Cabo* (Bojador) 450 legoas. E achasse que
» toda aquella costa vay ao sul, com muytas pontas,
» *segundo que este nosso principe mandou acrescentar*
» *na carta de marear* (1). E he de saber que *o que se*

(1) Esta passagem responde do modo mais concludente áquelles que se tem fundado em hypotheses para nos disputarem a prioridade dos nossos descobrimentos naquella parte d'Africa.

» *sabya em certo da costa do mar grande* (o Oceano)
» *erão* 200 *legoas*, e o que se mostrava no mapamundy
» quanto ao desta costa, *nom era verdade*, *ca o nom*
» *pintavam senão a aventura* (1); mas esto que agora
» he posto nas cartas foe cousa vista por olho, segundo
» já tendes ouvido. »

Este importantissimo testemunho historico mostra e corrobora do modo mais evidente não só tudo quanto dissemos nos §os IX, X e XVII, mas tambem as ponderações que acima fizemos ácerca da viagem do catalão *Jacques Ferrer*, e da indubitavel prioridade dos nossos descobrimentos alèm do *Cabo Bojador*, prioridade que ainda se faz mais evidente á vista da outra passagem da mesma Chronica quando trata das razões que moverão o infante dom Henrique a mandar descobrir as terras de Guiné.

« E a segunda foe (diz Azurara) (2) por que consiirou,
» que achando-se em aquellas terras alguma povoraçom
» de xpãos, ou alguns taes portos em que sem perigo
» podessem navegar, que se poderyam pera estes regnos
» trazer muytas mercadaryas, que se averyam de boõ

---

(1) Azurara, Chron. da Conquista de Guiné, cap. 78.

(2) Azurara, Chronica, pag. 46, cap. 7. Compare-se estas passagens com as do mesmo A. que transcrevemos a pag. 20 e 21, § III; e pag. 108, § XI, e com a de *Ruy de Pina* no cap. 57 da Chronica d'elRei D. João II, fallando da continuação dos descobrimentos: « Como grão catholico e muy solicito investigador dos secretos do » mundo, desejando proseguir o descobrimento das costas do mar » Oceano contra o Meio Dia, e Oriente, etc., que seus antecessores » *primeiro que nenhuns do mundo emprehenderão e commeçaram.* »

» mercado, segundo razom, *pois com elles nom tratavam*
» *outras persoas destas partes, nem doutras nenhumas*
» *que sabidas fossem.* » (Isto é das nações da Europa.)

Acrescentaremos ainda ás evidentes provas da prioridade dos nossos descobrimentos que resultão das passagens que acabamos de citar que sendo indubitavel, á vista dos documentos authenticos, que os Portuguezes frequentavão as Canarias antes de 1336 (1), portanto 10 annos antes da partida de Jacques Ferrer para o problematico *Rio do Ouro* da nota da carta catalan, seria mesmo contra todas as probabilidades que os Catalães estivessem então mais adiantados no conhecimento da costa occidental d'Africa, alèm dos mares das Canarias, do que os Portuguezes *que frequentavão aquellas paragens antes da partida de Jacques Ferrer, e que estavão muito mais proximos daquellas costas;* alèm de que a historia, e os documentos que attestão que durante todo o decurso do XIV° seculo existírão as mais estreitas, e continuadas relações entre Portugal e a Catalunha, não deixão a menor duvida, pelo menos em nosso entender, de que em Portugal se não podia ignorar o que se passava naquelle paiz sobre este importante assumpto, se da viagem de *Ferrer* tivesse resultado o descobrimento do *Rio do Ouro* alèm do *Cabo Bojador* (2), tanto mais que é provavel que exis-

---

(1) *Vide* a Memoria já citada do nosso consocio o Sr J. J. da *Costa de Macedo*, no tomo VI das Mem. da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e Additamentos publicados em 1835.

(2) Alguem houve que se illudio aponto tal á vista do navio de

tissem copias das cartas de que se compõe o Atlas catalão, como uma nota da carta de Gabriel *Valsequa* de Malhorca datada de 1439 nos mostra que nesta epoca se conhecia senão aquelle Atlas, pelo menos outro semelhante, e nesta ultima epoca o illustre infante D. Henrique tinha relações scientificas com o *mestre Jacomo de Malhorca*, e portanto não podia ignorar tal descobrimento se na realidade elle tivesse sido levado a effeito; nem *Azurara* teria escripto o que diz no cap. VIII da sua *Chronica da Conquista de Guiné* ácerca das razõe; pelas quaes os navios não ousavão passar alèm do *Cabo Bojador*, e o grande historiador João de *Barros* não teria dito (1), fallando deste rio, e do ouro que alli se

---

Jacques Ferrer, pintado na carta catalan, que avançou que elle hia vento em popa para o *Gambia !!* porque os antigos deverião ter chamado *Rio d'Ouro* ao *Gambia !!* Seria difficil indicar quaes dos antigos (se se trata da antiguidade classica) fallára do *Gambia*, e descrevêra as suas areas auriferas !! Uma hypothese mais conforme com o estado scientifico da epoca da nota do Atlas, e da direcção do navio, seria a de que o *Rio d'Ouro* onde hia *Jacques Ferrer* podia ser o *Sus* nos estados de *Marrocos*, em razão do muito ouro puro em que alli se contratava, como diz *Leão Africano*; ora o *Sus* cresce em setembro (segundo Leão Africano), e *Ferrer* tendo partido em 10 d'agosto parece indicar a tenção de chegar alli justamente na epoca em que o rio *onde se contratava em ouro* levava maior volume d'agua. Compare-se o que dizemos aqui com a nota que fizemos a pag. 97 da Chronica d'*Azurara*. Devemos advertir que os Arabes davão o nome de *Rio d'Ouro* a diversos *rios*; o *Rio de Fez*, que desagua no *Sebu*, era tambem chamado pelos Arabes, *Rio do Ouro*.

(1) *Barros*, Decad. I, cap. 7.

resgatava : « He huma quantidade de ouro em pó *que foi*
» *o primeiro que nestas partes se resgatou*, donde ficou
» a este logar por nome *Rio do Ouro*, sendo sómente
» um esteiro d'agua salgada que entra pela terra dentro
» obra de seis legoas. »

A' vista pois do que deixámos demonstrado neste §°
parece indubitavel que a nota que indica uma viagem
do Catalão *Jacques Ferrer* em 1346 no *Rio do Ouro*
dos Portuguezes, rio que alias não existe marcado na
mesma carta, longe de provar cousa alguma contra a evidente *prioridade* dos descobrimentos portuguezes antes
a confirma, e isto do modo mais positivo, visto que depois da sua partida nunca mais delle se soubera, quando
alias os descobrimentos portuguezes são todos verificados, e confirmados pelos historiadores e documentos
contemporaneos.

CONCLUSÃO.

Do que deixámos demonstrado nesta Memoria resultão as seguintes consequencias incontestaveis, a saber:

1ª Que antes da passagem do *Cabo Bojador* por *Gil Eannes* em 1433, nenhuma nação da Europa conhecia
a costa occidental d'Africa alèm do dito cabo, e que as
unicas noticias que as ditas nações tinhão do interior,
ou dos pontos proximos das costas daquella parte do
globo a partir daquelle cabo, só as tinhão em razão das
suas relações com os Mouros e Arabes dos portos da
Africa septentrional, e com os do imperio de Marrocos.

IIª Que antes dos descobrimentos effectuados pelos Portuguezes alèm do *Cabo Bojador*, a costa occidental d'Africa , alèm daquelle cabo, se não acha marcada nas cartas historicas, e hydrograficas ; prova evidentissima de que as ditas costas , e portos, e paizes, não erão conhecidos dos cosmografos da Europa , nem visitados pelos maritimos desta parte do globo (1).

IIIª Que o estado dos conhecimentos geograficos anterior á passagem do dito *Cabo Bojador* pelos Portuguezes, e dos nossos descobrimentos, e as obras de cosmografia, e todos os monumentos historicos anteriores á dita passagem, estão em perfeita harmonia com a cartographia , e provão do modo mais evidente que a parte d'Africa *por nós descoberta* não era conhecida dos europeos.

IVª Que em apoio destas provas accrescem as que resultão das relações authenticas dos primeiros descobridores portuguezes, e a de Cadamosto, de não terem encontrado alèm do *Bojador* o menor vestigio de terem hido áquellas paragens anteriormente maritimo algum Europeo (2).

Vª Que depois dos Portuguezes terem passado o *Cabo Bojador* e terem examinado e descoberto os differentes pontos, rios e costas da parte occidental d'Africa, e só depois de os marcarem nas suas cartas nauticas, é que

---

(1) *Vide* §os IX, X e XI, e as cartas do nosso Atlas.

(2) Na edição franceza desta nossa Memoria mostraremos que as pretenções dos Genovezes ácerca da expedição de *Vivaldi* não tem fundamento algum.

as outras nações acrescentavão nas suas cartas as costas d'Africa alèm do dito cabo, adoptando a nomenclatura hydro-geografica portugueza, quando alias antes dos nossos descobrimentos nenhum nome europeo se vê marcado em nenhuma carta anterior. E todos os cosmografos das nações maritimas da Europa observavão uma regularidade tal neste objecto que, pelas cartas estrangeiras posteriores á passagem do *Cabo Bojador* pelos Portuguezes dispostas por ordem chronologica, começando mesmo na carta catalan de *Valsequa* de 1439, isto é seis annos depois da dita passagem, se mostra que os cosmografos das outras nações hião ampliando as suas cartas com a demarcação das costas, e com a nomenclatura hydro-geografica, á medida que os nossos descobridores hião adiantando as suas explorações e descobrimentos, e marcando-os nas cartas nauticas portuguezas (1); prova indubitavel da prioridade do descobrimento feito pelos Portuguezes, prova que está em perfeita harmonia com as relações dos primeiros maritimos portuguezes que alli aportárão, os quaes não encontrárão entre os povos situados na parte occidental d'Africa alèm do Cabo *Bojador* vestigio algum de outros Europeos terem alli aportado antes dos nossos descobrimentos (2).

VIª Que em consequencia das provas irrefragaveis da prioridade dos nossos descobrimentos acima mencionadas ficão sendo de nenhum valor as pretenções dos

(1) *Vide* §os IX, X, XI e XII, pag. 114 e 115, e as cartas do Atlas que acompanha esta Memoria.

(2) *Vide* §o III de pag. 20 a 24.

Castelhanos (1), dos Italianos (2), e dos Normandos, sendo as destes ultimos sustentadas *pela primeira vez* em obras posteriores de dous seculos e mais aos nossos descobrimentos, e nas quaes se não produzio documento algum (3), tanto mais que antes da obra de *Villaut* publicada em 1669 não existia entre os Normandos e Francezes nem a menor tradição dos suppostos descobrimentos dos Dieppezes (4), particularidade que se prova ainda mais terminantemente pelas relações dos capellães de *Bethencourt* (5).

VII[a] Finalmente que, da falsa posição geografica dada pelas nações europeas no XIV[e] e XV[o] seculos á Guiné, antes da passagem do *Cabo Bojador* por *Gil Eannes* em 1433, e do descobrimento da verdadeira *Guiné* pelos Portuguezes, resultou a confusão, e o erro que deu logar ás *insustentaveis* pretenções de outras nações á prioridade daquelles descobrimentos, effectuados só, e realmente pelos Portuguezes (6).

Consequentemente na historia dos descobrimentos

---

(1) *Vide* §º XV.

(2) *Vide* as Memorias do nosso consocio o S[r] Macedo, tomo VI das Mem. da Academia R. das Sciencias de Lisboa, e Additamentos publicados em 1835.

(3) *Vide* §[os] III, IV, V, VI.

(4) *Vide* §º VI, pag. 64, e nos Additamentos a esta Memoria; e §º IX, p. 89 e 90, e §º X, pag. 94 e 95, §º XI.

(5) *Vide* §º XVI.

(6) *Vide* §º XVII, e compare-se com o §º IX, principalmente a pag. 89 e 90.

portuguezes tudo é *certo*, tudo é *confirmado* pelas relações, e pelos historiadores *contemporaneos*, pelos factos *incontestaveis*, que estendêrão de uma maneira pasmosa os limites da historia da geografia positiva, que enrequecêrão as sciencias, e que se *realisárão* de um modo indubitavel; factos que estão ao mesmo tempo em harmonia mais perfeita (quando se estudão conforme as regras da critica), com as chronicas e escriptos contemporaneos, e de AA. que forão testemunhas dos mesmos acontecimentos, e alèm disto que estão igualmente em perfeita harmonia com a cartografia de todas as nações. Tudo pois se acha intimamente ligado na historia dos descobrimentos portuguezes na costa occidental d'Africa, e isto de tal modo que não é licito hesitar um só instante sobre a sua indisputavel *prioridade* sem derrubar toda a historia positiva, sem distruir toda a verdade, sem desprezar todas as regras da critica, e sem commetter a maior injustiça não contra um indeviduo, o que é sempre reprovado por todas as leis, mas sim contra uma nação inteira, contra uma nação que fez ás sciencias, á navegação, e aos interesses commerciaes de toda a Europa os mais relevantes, e assignalados serviços, e taes que se não encontra outro exemplo na historia que os possa igualar.

Em quanto pois a prioridade dos descobrimentos effectuados por uma nação se provar por documentos authenticos, e por testemunhos contemporaneos, e pela primitiva posse, unicos titulos dignos de influir nas discussões politicas, e nas negociações diplomaticas entre as nações cultas, os que possue Portugal, e que

substanciámos neste escripto não deixão a menor duvida sobre os seus direitos.

Os direitos pois da nação portugueza á prioridade do descobrimento da costa occidental d'Africa alèm do Cabo *Bojador* são incontestaveis. Estes direitos só lhes podem ser disputados por um laberynto de confusões e de erros geograficos, d'anachronismos, d'hypotheses e de sophismas; mas este expediente cahirá sempre por terra diante da irrefragavel verdade da historia, e dos documentos incontestaveis della.

Não terminaremos este escripto sem darmos aqui um testemunho publico da nossa gratidão a *todos* os sabios francezes a cujas luzes recorremos, e que com uma inimitavel liberalidade poserão á nossa disposição os thesouros das repartições que estão a seu cargo, e outros as suas proprias bibliothecas, e isto com aquella urbanidade que caracteriza esta grande nação. Seja-nos licito emfim dizer, que este escripto, e o Atlas que o acompanha não poderia ser feito em outro algum paiz, onde difficultosamente se encontraria esta reunião de materiaes.

FIM.

ADDIÇÕES.

1ª.

A pag. 16.

As relações dos Portuguezes com os Mouros no xivº seculo erão frequentes. Diversos documentos nos restão para prová-lo. Citaremos apenas os seguintes.

Pelo tratado feito em junho de 1339 em *Sevilha* entre Portugal e Castella, se vê pelo artigo 6º que nós tinhamos relações com os Mouros Granadinos, e com os Africanos (1). O mesmo se vê pelo tratado feito entre el-Rei D. Fernando de Portugal, e o rei de Granada em 1369 (2).

2ª.

Sobre a viagem dos *Almagrurinos* de que trata *Edrisi*, e que citámos a pag. 16.

Sobre esta viagem e as discussões que ácerca della tem havido entre os commentadores, o leitor deverá consultar *Hartmann* (Afric. Edrisi, p. 317, 319); *Buache*,

---

(1) *Vide* Monarq. Lusit., P. VII, liv. VIII, c. 18, p. 427.

(2) *Vide* o nosso Quadro elementar das relações diplomaticas, etc., tomo Iº, secção XV.

nas Mem. do Instituto, t. VI, p. 27; *Humboldt*, na sua obra intitulada : *Examen critique de l'histoire de la géographie du nouveau continent*, t. II, p. 139 e seg.; e finalmente *Histoire naturelle des îles Canaries*, por MM. *Webb* e *Berthelot*, Ethnographie, p. 10 e seg.

3ª.

A pag. 17.

Dissemos alli que a nota da carta catalan ácerca dos mercadores que passavão para a terra dos Negros de Guiné se chamava *Vall de Darha*, e que o cosmografo tinha collocado a dita nota perto da costa de Guiné; diremos nesta addição para melhor intelligencia, que á vista da costa, e melhor estudada a nota de que se trata, e a posição della, esta se acha no interior junto ao monte Atlas. *Leão Africano* trata do deserto de *Dara* no liv. II da sua *Descripção d'Africa*, e com effeito ainda em nossos dias é pelo *Vall de Darha* que passão as caravanas de *Tafilet* (*vide* Shaabeny's *Account of Timbouctou and Housa*, London, 1820, p. 3).

4ª.

Sobre a data da primeira viagem de *Cadamosto*, a pag. 22.

Em a nota de p. 22 dissemos que a data de 1444 fixada á primeira viagem de *Cadamosto* pelo autor do prefacio da traducção das relações deste viajante publi-

cada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa (1) era sujeita a uma discussão chronologica.

Posto que indicassemos alli aquella data, todavia parece-nos que a unica exacta é a do anno de 1455.

Eis-aqui algumas das razões em que nos fundamos. O academico, autor da introducção feita áquellas relações, não conheceo a Chronica da conquista de *Guiné* por *Gomes Eannes de Azurara*, e não poude tão pouco consultar a Dissertação de *Zurla* sobre *Cadamosto* dada á luz tres annos depois da publicação feita pela Academia (2); seguio pois Damião de *Goes* (o qual tambem não tinha tido conhecimento da Chronica da conquista de Guiné por *Azurara*) fixou o dito anno de 1444 apezar de ter visto em *Ramusio* a data de 1454 e de vêr que *Tiraboschi* a tinha adoptado Julgâmos comtudo que apezar dos argumentos produzidos por *Goes* e pelo traductor portuguez, que a verdadeira data deve ser a do anno de 1455, em razão do silencio de *Azurara* ácerca de *Cadamosto*, do qual não diz uma só palavra, mencionando comtudo outros viajantes estrangeiros que acompanhárão os nossos descobridores do tempo do Infante. *Azurara* acabou a sua Chronica no anno de 1448, isto é sete annos antes da viagem de *Cadamosto*, e pela verdadeira data da primeira viagem deste Veneziano dever ser de 1455, como julgâmos mais provavel, *Azurara*

(1) Collecção de Noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas, tomo II, nº 1.

(2) Dei Viaggi e delle Scoperte africane de Alvise da *Ca-da-Mosto*, patricio veneto. Dissertazione. Venezia, 1815.

não mencionou na sua chronica este acontecimento, alèm de que tendo *Cadamosto* navegado conjuntamente com Antonio de Nolle, o *Antonioto Usodimare* do mss. de Genova (1), e a carta deste ultimo ácerca da sua viagem sendo datada de 12 de dezembro de 1455, e a partida de *Cadamosto* a 22 de março do dito anno de 1455 ainda mais nos persuade ser este o anno em que realmente *Cadamosto* partio pela primeira vez por ordem do infante D. Henrique em companhia de *Vicente Dias*, natural de Lagos, como elle diz no capitulo 2°, mas esta particularidade combinada com o silencio d'*Azurara* no capitulo 58, pag. 269, ácerca do navegador veneziano, fallando alias pela primeira vez neste *Vicente Dias*, armador de Lagos, que acompanhou a grande expedição das 13 caravellas commandadas por Lancerote, esta particularidade, dizemos, ainda mais nos persuade que a viagem de *Cadamosto* em companhia deste Vicente Dias foi mui posterior ao anno de 1445, tanto mais que este viajante portuguez chegou então ao *Senegal*, como se vê em *Azurara*, pag. 280, 287, e commandava uma caravella. Alèm disto da confrontação da relação d'*Azurara* com a de *Cadamosto*, cap. xv, se vê que a viagem de Vicente Dias ao Senegal em 1445 não é a mesma que elle fez depois com *Cadamosto*, pois este ultimo diz tambem que 5 annos antes *que elle fizesse áquella jornada fôra descoberto o Senegal por tres caravellas do*

---

(1) Vide *Annali di geogr. e di statist. di Giac. Grabersg*, t. II, p. 286.

Sr Infante que nelle entrárão, etc. (1), *logo a commerciar; e assim de anno em anno forão hindo lá navios até ao meu tempo.*

Adoptando-se a data de *Azurara* desta viagem de Vicente Dias, isto é de 1445, a de *Cadamosto*, tendo tido logar 5 annos depois, dá-nos o anno de 1450, mas se se procedesse a uma discussão maior ácerca desta mesma data de 1450, o que não cabe nos limites desta addição, poderia-mos fixá-la a uma epoca posterior á de 1450. *Cadamosto* foi o primeiro Veneziano que navegou fora do estreito de *Gibraltar* para o meiodia, como diz *Marco Barbaro* (vide *Zurla*, Dissertazioni sopra Cadamosto, pag. 14. Venezia, 1815). Quando este nobre Veneziano entrou ao serviço de Portugal já a costa d'Africa tinha sido explorada alèm do Cabo Bojador, exclusivamente pelos Portuguezes, até alèm da *Serra Leoa* (vide *Azurara*), e 51 caravellas portuguezas tinhão explorado a dita costa até ao anno de 1446, e 62 principaes navegadores portuguezes tinhão descoberto, e explorado a dita costa.

5ª.

A pag. 23, §º III.

Os povos d'Africa alèm do Bojador não tinhão noticia de ter alli abordado outro algum povo europeo antes

---

(1) Compare-se com o cap. 65 d'*Azurara*, da volta das tres caravellas ao reino, pag. 317.

dos Portuguezes. *Resende*, fallando do descobrimento do reino de *Benin* em 1486, diz : « No regno e terra » de *Beni* foy primeiramente descoberta neste anno » por *João Affonso d'Aveiro.* » Depois acrescenta : « E elRey de *Beni* mandou logo por embaixador » hum seu capitão..... No qual vinha saber novas desta » terra, *por averem por* muito estranha cousa *a gente* » *della* (os Portuguezes). »

6ª.

A pag. 29. Das obras que forão publicadas em Pariz no XVIº seculo nas quaes se sustentou a prioridade dos descobrimentos dos Portuguezes.

Em 1578, reinando em França Henrique III, se deu licença a João *Ongoys* para publicar um livro intitulado : *Les Voyages et Conquestes des rois de Portugal*, etc., *recueillies de fideles temoings et mémoires du sieur* Joachim de Centellas, *gentilhomme portugais*, no qual, a pag. 23, fallando do infante D. Henrique, diz :

« ..... Que plus curieux de s'assurer des finages et » limites d'Afrique et régions de Mauritanie (sites » entre le détroit), vers la partie méridionale, s'enhardit » y faire voile et les assujettir, puis bouillant en désir » de *voir découvrir de son tems terres incognues* au » moyen *de quoi ne s'acquit seulement la meilleure* » *part de l'Afrique dependant de l'Éthiopie*, *mais* » *aussi plusieurs autres îles de la grande mer Oceane.* »

O editor francez *Ougoys*, fazendo esta publicação 48 annos antes da fundação dos estabelecimentos da companhia de Dieppe e de Roão na *Guiné*, e 90 antes de ter aparecido a viagem e relação de *Villaut*, não acrescentou nota alguma sobre a supposta prioridade dos Normandos, como fez o traductor da obra sobre a Africa do Dr *Leyden* e Hugh *Murray* em uma nota á dita traducção (1), posto que nesta obra se dissesse que : « La passion des découvertes et des expériences » maritimes, assoupie pendant la longue période du » moyen âge, se réveilla dans le xve siècle. Une chose » remarquable, c'est que *l'initiative fut prise par les* » *Portugais* (2). »

Em outra parte da mesma obra se lê :

« La grande population portugaise que les Français » et les Anglais trouvèrent établie sur les rives du Sé- » négal prouve d'une manière évidente que le fond de » leurs récits (dos historiadores portuguezes) était » exact.

» Les Français, dans le Bambouck même, entendirent » une foule de mots portugais mêlés au langage des in- » digènes. Ce mélange ne leur parut plus extraordi- » naire lorsqu'ils eurent appris *des habitants même* que » leur pays avait été jadis *envahi* et conquis par les » Portugais (3). »

---

(1) *Histoire complète des voyages et découvertes en Afrique*, traduzida em francez em 1821, tomo III. *Vide* de pag. 1 a 5.

(2) *Ibid.*, tomo III, pag. 322.

(3) *Ibid.*, pag. 335.

Acrescentaremos que em quanto por uma parte se encontrava a lingoa portugueza generalizada no *Bambouck*, M. Walckenaer mostra que os Francezes só no anno de 1696 começárão a fazer esforços para descobrir este paiz (1).

7ª.

Addição no §º V, pag. 40, onde *Villaut* diz que a unica lingoagem intelligivel era *franceza*.

Assim podia ser em 1666 quando *Villaut* alli foi, mas em 1555 acontecia o contrario, isto é mais de um seculo antes. Guilherme *Towrson*, o primeiro viajante inglez que alli foi (2), transcreve algumas palavras da lingoagem dos negros daquellas paragens, e são as seguintes, nas quaes não ha nem vestigio da lingoa franceza, e pelo contrario algumas mostrão ser portuguezas corrompidas.

Beisan, *besom*, é a sua salutação, não será *beijão a mão ?*

Manegete a fayé (significa bastante pimenta), e se no tempo de Villaut mais de um seculo depois dizião manigete *tout plein*, é porque só em tempos mui proximos tinhão tido relações com os Francezes. As unicas palavras estrangeiras que em 1551 Towrson alli ouvio pronunciar são em nosso entender portuguezas corrom-

---

(1) *Vide* Walckenaer, *Histoire générale des voyages*, tomo III, pag. 230 e seg. *Vide* Viagens de Brue e de Labat.

(2) *Vide* Hacluyt, tomo II, pag. 23.

pidas, e escriptas com uma orthographia estropiada, como são as seguintes:

Kaurte — cortar.
Kraka — faca.
Bassina — bacia.
Molta — muito.

Towrson chegando com os seus a uma villa a que chama *Equi* (o L'Ekké-Tekké de d'Anville) a Leste do rio de S. João, chamada tambem pequeno *Comendo* (1), forão attacados e batidos pelos Portuguezes. A lingoa em que os naturaes fallárão aos Inglezes era misturada de palavras portuguezas (2). Quando pois *Barbot* em 1680, e *Villaut* em 1666 e 1667, estiverão na costa de *Guiné*, os habitantes tinhão aprendido algumas palavras francezas em razão dos estabelecimentos que alli tinhão sido fundados pela companhia de 1626, isto é 40 annos antes, mas tendo-os abandonado, e os Inglezes tendo frequentado muito mais do que os maritimos desta nação aquellas paragens no seculo passado, a lingoa ingleza se generalisou alli a ponto tal, que *Labarthe*, na relação da sua viagem á costa de *Guiné* (3), diz que em toda aquella costa se falla a lingoa ingleza, e se queixa do desleixo dos capitães francezes, etc.

---

(1) *Vide* Walckenaer, *Histoire générale des voyages*, tomo I, pag. 458.

(2) *Ibid.*, pag. 461.

(3) *Voyage à la côte de Guinée*, ou Description des côtes d'Afrique, depuis le *cap Tagrin* jusqu'au *cap de Lopes Gonzalves*. Paris, 1803.

O mesmo viajante se queixa por outra parte de que, no rio de *Santo André*, não podérão entender um negro, pois começára o seu discurso em francez, proseguio em portuguez, e acabava-o em inglez. O mesmo viajante, fallando do forte francez de *Judá*, diz : « *Um grande » defeito que existe em a nossa feitoria é que os negros » não sabem a nossa lingoa* (1). »

Citámos estas particularidades afim de provar de um modo mais positivo que as inducções que *Villaut* tirou das palavras francezas que ouvíra pronunciar aos negros da costa da Malaguetta não estabelecem de modo algum a supposta prioridade dos descobrimentos normandos.

As seguintes passagens provarão em nosso entender sem replica, que forão os Europeos que adoptárão a palavra Malaguetta usada pelos naturaes daquella costa, e não pelos Francezes terem primeiramente dado aquelle nome á especiaria de que se trata.

Antonio de *Nolle*, companheiro de *Cadamosto*, na carta que escreveo em 12 de dezembro de 1455, diz : *In ipsa regione aurum et Meregeta ;* prova de que o dito viajante encontrára aquella denominação entre os naturaes daquella costa, 211 annos antes de *Villaut* alli ter hido.

Os Portuguezes, como dizemos no texto, p. 39, conservárão o nome original, e Gerardo *Mercator*, no seu Atlas, edição de *Hondius* de 1609, pag. 321, diz : « Il » y a une sorte d'épicerie rapportant le goût du poivre » que *les Portugais appellent Malaguette.* »

---

(1) *Ibid.*, pag. 111.

Se pois as passagens que acabamos de citar não bastassem para mostrar que *Villaut*, Corneille e La Martinière se enganárão pretendendo que esta palavra era d'origem franceza, a seguinte passagem extrahida da relação da viagem á *Guiné* de Samuel *Brunon* (*vide* Coll. de D. Bry) deverá convencer o leitor que *Villaut* e os que o seguírão não tiverão a menor noticia da verdade.

Brunon diz pois na relação da sua viagem feita em 1617, fallando dos negros e das mercadorias que elles vendem, e entre estes objectos a *Malaguetta :*

« .....*Species piperis ab ipsis* Malaguetta *dicta.* »

Christovão *Colombo* chamava mesmo a toda a costa de Guiné *costa de Maneguetta*, *vide* cap. 4, *Vida* do almirante.

M. *Humboldt* julga que a palavra *Malaguetta* se deriva da palavra indiana *pimenta*, usada na ilha de *Sumatra :* « Je trouve (diz elle) dans la *Cosmographie* » de Sébastien Münster, pag. 1093 : Lingua patria » Sumatrenses piper *mola* dicunt, » e acrescenta : « M. *Ainslie* donne aussi (edic. de Madr., 1813, pag. 34 » de la *Materia medica of Hindoostan*) au *piper nigrum*, » en tamoul, la dénomination de *Mellaghoo.* » (*Vide* Humboldt, *Examen critique*, tomo I°, pag. 258 e 259.)

Os viajantes francezes anteriores a *Villaut* empregavão a denominação italiana. Affonso *Santongeois*, na relação das suas viagens, publicada em 1559, isto é mais de um seculo antes de *Villaut*, em logar de dizer que a etymologia da palavra era franceza, lhe chama á italiana : *Grenne de Paradis* (*vide* fol. 50 v°).

8ª.

A pag. 57.

Sobre os erros produzidos pelo emprego do algarismo arabico até ao fim do xvº seculo, é um facto tão conhecido dos criticos que apenas o indicámos no texto quando tratámos de analysar a passagem de *Dapper;* comtudo produziremos aqui, para roborar ainda mais o que alli dissemos, a seguinte passagem de M. de Humboldt a este respeito: « On sait (diz este sabio) à combien d'er- » reurs la manière d'écrire les chiffres arabes a donné » lieu *jusqu'à la fin du* xv^e^ *siècle* (1). »

Em outra parte o mesmo A. diz:

« Je signale des erreurs de chiffres *si fréquentes* et » qui naissaient en partie de l'usage simultané des chif- » fres romains et arabes, parce que des erreurs de » ce genre *ont quelque importance dans les discus-* » *sions*, etc. (2) »

9ª.

A pag. 59.

Ruy de Pina, chronista contemporaneo, isto é do xvº seculo, e A. de grande autoridade pelos multiplicados empregos diplomaticos que exercêra, refere igualmente

---

(1) Vide *Examen critique*, tomo I, pag. 282.

(2) *Ibid.*, tomo II, nota I, pag. 111.

a fundação do forte e cidade de *S. Jorge da Mina* pelos Portuguezes no anno de 1481 reinando elRei D. João II.

Todos os AA. dos fins do xv° seculo e do xvi° são unanimes sobre este facto de que a dita fundação fôra feita pelos Portuguezes.

Fernando *Colombo*, na vida que escreveo do almirante, diz cap. 4 : « Que *Colombo* estivera na fortaleza » de S. Jorge da Mina, *d'elRei de Portugal.* »

Na carta d'Africa do famoso *mappamundi* de Juan de *la Cosa* de 1500 alli se-lê : *Mina de Portugal*, e se vê um grande castello pintado com o estandarte portuguez.

Mas o facto mais terminante que mostra que entre os Normandos e Francezes do principio mesmo do xvii° seculo consagravão nas suas obras a verdade, e que a fabula da construcção do forte da Mina pelos Francezes ainda não tinha sido inventada, é a mesma carta de *Guillaume Levasseur,* cosmografo de *Dieppe*, feita em 1601, na qual se vê sobre a *Mina* o estandarte portuguez.

10ª.

A pag. 69.

Por uma carta escripta d'*Anvers* a elRei D. Manoel, consta que Christovão de *Haro*, juntamente com outros dous do mesmo nome e alli residentes, e commerciantes, consta, dizemos, que em 1517 havia feito um ajuste com Portugal para hirem contractar com a *Guiné*, onde tinha enviado em consequencia do mesmo contracto varios

navios dos quaes os Portuguezes mettêrão 7 no fundo avaliados em 16,000 ducados (1).

11ª.

A pag. 70 e 71, §º VII. Sobre os *Padrões* de posse.

Os padrões de posse com as armas de Portugal se tinhão com effeito levantado por toda a costa d'Africa, como nos dizem os AA. contemporaneos, e como vemos pintados em muitas cartas historicas, entre outras em uma de João Freire na qual se vê pintada uma *Cruz* monumental na *Serra Leoa* com as armas portuguezas.

Em 1786, isto é tres seculos depois da expedição de Bartholomeu *Dias*, sir *Home Popham* e o capitão *Tompson* explorando a costa d'Africa virão sobre um rochedo junto a *Angra Pequena* ou la *Petite Baie*, a 26 gráos e 37 m. lat. Sul, uma *Cruz de Marmore com as armas de Portugal*, cuja inscripção estava já apagada (2).

12ª.

Sobre Fernão Gomes da *Mina* e seu contrato, pag. 71, §º VII.

Barros refere que o contrato do *Marfim*, etc., feito com Fernão Gomes, chamado o da *Mina*, fôra feito em 1469 com a limitação que não resgatasse em terra firme

---

(1) Vide *Navarrete*, Coll. de los viag., etc., tomo IV, pag. LXXIV.

(2) *Vide* Major *Rennel*, Geograph. of Herodotus, pag. 698, *passim*. Walckenaer, *Histoire générale des voyages*, tomo I, pag. 93 e 94.

defronte das ilhas de *Cabo Verde* por ficar pera os moradores dellas por serem do infante D. Fernando. O mesmo historiador acrescenta :

« .....E foi Fernão Gomes tão diligente e ditoso em » este descobrimento, e resgate delle, que logo no janeiro » de 1471 descobrio o resgate do ouro, onde hoje cha- » mamos a *Mina* (1), e não sómente descobrio Fernão » *Gomes* este resgate do ouro, mas chegárão os seus » descobridores, pela obrigação do seu contrato, té ao » Cabo de *Santa Catharina*, que é alèm do Cabo de » *Lopo Gonçalvez* 37 legoas em 2 1/2 de latitude » austral. »

13ª.

Sobre os tratados com os principes africanos, a pag. 73.

Já antes das viagens de *Cadamosto*, isto é antes de 1455, tinhão os Portuguezes tratado paz e amizade com os soberanos do Senegal, como consta das relações daquelle autor contemporaneo :

« Cinco annos antes que eu fizesse esta jornada (diz » elle) foi descoberto o Senegal *por tres caravellas do* » *Sr Infante*, entrárão dentro nelle e tratárão amizade

(1) *Barros*, Decad. I, liv. II, cap. II. Compare-se esta passagem com o que dissemos a pag. 59, §º VI; e pag. 143, §º XV, e addição 9, ácerca da prioridade do descobrimento da *Mina* pelos Portuguezes.

Em 29 d'agosto de 1474, elRei D. João II concedeo brazão d'armas a Fernão Gomes da *Mina* por ter sido o primeiro que a descobrio. (*Barros*, Decad., loc. cit.)

» com os negros, de modo que principiárão logo a com-
» merciar; e assim de anno em anno forão hindo lá
» navios até ao meu tempo (1). »

No anno de 1488, diz Garcia de *Resende* (2), quando refere a volta do Bemoÿ na armada das 20 caravellas commandadas pelo capitão Mór dellas Pero Vaz da *Cunha*, diz « que levava em seu regimento de fazer
» uma fortaleza na entrada do Rio de Çanagá, etc. »

E em outra parte acrescenta :

« Na qual fortaleza elRei folgou tambem de mandar
» fazer por que tinha por certo que o dito bem metido
» pelo sertam vinha pela cidade de *Tombucutum* e por
» Mombarce, que são os mais ricos tratos e feiras
» de ouro, que dizem que ha no mundo, de que toda a
» Barberia do Levante, e ponente atée Jerusalem se
» provê e abastece.

» Este rio e pouco mais adelante foi descoberto em
» tempo, e per mandado do Infante dom *Anrique* pri-
» meiro, inventor, e descobridor desta empreza e con-
» quista de *Guinée.* »

14ª.

Sobre a *Casamansa*, a pag. 77, §º VIII.

Ainda no anno de 1556 *Geronimo Girava*, na sua Cosmographia impressa em Milão, diz, pag. 157 :

---

(1) Cap. 15, pag. 27. Rel. de *Cadamosto*, Coll. de noticias por hist., etc., tomo IIº.

(2) *Resende*, Chron. d'elRei D. João II, cap. 77.

« ElRey de Portugal alèm de ser senhor del mar
» Indico Oriental, tiene en la Ethyopia, assi en la de
» Ponente como en la de Levante, muchos regnos, con
» los quales tiene tratos como son en la parte de Poniente
» los reynos de *Senega*, *Gambra*, *Guinea*, etc. »

Nesta parte entre o Senegal e Gambia se comprehende a *Casamansa*, e seus rios e territorios erão então possuidos por Portugal. En 1701, ainda os Francezes não pensavão em formar estabelecimento algum no *Casamansa*. De *Brue* mostra na relação da sua viagem que os Portuguezes possuião aquelle territorio, e o commercio exclusivo delle (1).

Um seculo depois, isto é em 1802, vêmos na relação da viagem *á costa de Guiné* por *Labarthe* que, quando trata da *Casamansa*, não dá o menor indicio de que os seus compatriotas tivessem então tenção alguma de formar estabelecimentos commerciaes naquellas paragens. Este A. tambem adoptou as fabulas da relação de *Villaut*, e dos que copiárão este viajante (*vide* pag. 63 da sua obra, intitulada *Voyage à la côte de Guinée*).

15ª.

Nomenclatura da carta portugueza que se acha na Bibliotheca R. de Pariz de que fallámos no texto, pag. 80.

Indicaremos só os nomes que se lêem desde o Cabo *Bojador* até ao Cabo da *Barca*. Esta carta não tem

(1) Vide *Walckenaer*, Histoire générale des voyages, tomo IIIº, pag. 130 e seg.

data, nem nome do cosmografo que a fez; parece-nos comtudo ser anterior ao anno de 1543.

Nomenclatura.

Cabo Bojador.
Penha Grande.
Pedreiras.
G. dos Ruyvos.
Montes.
Praia Ruiva.
G. dos Cavallos.
C. d'Area.
R. d'Oiro.
Terra Baixa.
Medam.
C. de Gonçalo de Cintra.
G. de S. Cyprião.
C. das Barbas.
P. da Gallé.
G. de Santa Maria.
C. Branco.
P. do Resgate.
F. d'ARGUIM.
Ilha Branca.
R. de S. João.
G. de Santa Anna.
Moutas.
Praias.
Resgate.
Anterote.
C. d'Arca.
Palmar.
Palma Seca.
ÇANAGA.
C. de Santa Anna.
Talam (Tarem na de *Dourado*).
Gudomel.
C. VERDE.
C. dos Mastos.
Barbaceis?
ÇANAGA (1).
C. de Santa Maria.
B. das Ostras.
R. de S. Pedro.
CASAMANSA.
C. Roxo.
R. de S. Domingos.
R. Grande.
Biguba (Buguba de *la Cosa*).
Beige? (Besegue da carta de *la Cosa*.)
B. da *Mina*.
Furnada de Palmas.
C. da Verga.

---

(1) O mesmo nome se lê na carta de Juan de *la Cosa* de 1500, se não encontra nas cartas posteriores de *Freire* (1546), e *Dourado* de 1571.

R. do Pichel.
R. d'Arvoredo.
R. da Pescada.
R. da Tamara?
R. de Case.
Bitonto.
SERRA LEOA.
Gamboas.
Guigachaboli? (R. de S. Pedro de J. de *la Cosa*.)
C. de Santa Anna.
R. das Galinhas.
C. do Monte.
C. Mesurado.
R. de S. Paulo.
R. d'Alvaro A°.
R. dos Juncos.
R. dos Cestos.
I. da Palma.
R. dos Genovezes.
R. de S. Vicente.
A Lagoa (o mesmo nome se encontra na carta de la Cosa de 1500, e não de *Freire* 1546).
R. dos Escravos.
Os Curraes.
P. dos Cavallos.
C. das Palmas.
Aldea do Portugal.
R. das Pontas.
Medão.
Arvoredo.
R. de S. André.
Madronhal.
R. das Barbas.
Aldea dos Lagos.
Aldea do Velho.
Rio do Meio (R. de Melo na de *Freire*).
Comiada? (o mesmo nome se lê na carta posterior de *Dourado*.)
B. de Soeiro da Costa.
Serra de Santa Apolonia.
C. das TRES PONTAS.
Atalaya.
R. de S. Jorge.
A MINA.
C. Corço.
Aldea da Praya.
Pucaros? (Tucares na de *Freire*.)
Monte Redondo.
Palmar.
Aldea da Barca.
R. da Volta.
Mouta do Gato.
C. de S. Paulo.
Monte da Raposa.
C. da Mouta.
Almadias.
As Esteiras (1).
R. Primeiro.

---

(1) A carta de Freire tem aqui pintada uma bandeira da ordem de Christo.

B. da Escrava.
B. de S. Bartholomeu.
R. de Santa Barbara.
B. Real.
R. do Carmo.
B. de S. Domingos.
B. da Cruz.
R. de Carnide.
C. d'ElRey.
Pescaria.
Ilhas Verdes.
Rio dos Camarões.
Ponta Delgada.
G. do Galo.
R. da Boroa.
Serra Pequena.
G. dos Ilheos.
Praia dos Garções.
R. do Carneiro.
R. de S. Bento.
C. de S. João.
R. da Angra.
I. do Corico.
C. das Esteiras.
R. do Gabam.
C. da BARCA.

Nomenclatura da carta d'Africa occidental do Atlas portuguez inedito da Bibliotheca R. de Pariz, de que se faz menção a pag. 80.

Este Atlas não tem o nome do cosmografo que o fez nem data do anno em que foi feito. Parece comtudo ter sido desenhado no principio da segunda metade do XVI° seculo. Damos aqui apenas a nomenclatura hydrogeografica que se lê na parte da costa que corre desde o Cabo *Bojador* até ao Rio dos *Juncos*, por ser a esta parte da costa á qual principalmente nos referimos no texto.

Nomenclatura.

Cabo BOJADOR.
Penha Grande.
Terra Alta.
Angra dos Ruyvos.
Montes.
G. dos Cavallos.
R. do Ouro.
Montes.
Golfo de G° de Cintra.
C. das Barbas.
Pedra de Galé.
C. do Cavalleiro.

C. BRANCO.
G. de Santa Anna.
Terra do Sul.
ARGUIM.
I. dos Bancos.
C. do Resgate.
R. de S. João.
Ponta da Tofia.
Furna.
C. d'Arca.
Resgate.
Palmar.
C. Cenagá (Senegal).
G. do Mel.
C. VERDE.
Veisiguiche (1).
Porto Dale.
R. Gambia.
R. de Santa Anna.
CASAMANSA.
C. Roxo.
R. de S. Domingos.
Cacheu.
R. Grande.
R. de Nuno.
C. da VERGA.
R. de Peixes.
I. dos Idolos.
C. de Sagres.
Tabité.
SERRA LEOA.
Baixos de Santa Anna.
R. das Palmas.
C. do Monte.
R. dos Monos.
R. dos Cestos (Livio *Sanuto* lhe chama *Cistarium fluvius*).
R. dos Juncos.

16ª.

Sobre as cartas geograficas, a pag. 90, §º IX.

Ainda mesmo depois que *Sanson* filho, em 1669, marcou nas suas cartas o *Petit-Dieppe*, este nome não foi geralmente adoptado pelos cosmografos francezes, como disse certo A. de uma obra moderna que adoptou a fabula de *Villaut*. Os seguintes exemplos provão que o dito A. não examinou as cartas geograficas.

---

(1) Vide em *Barros*, Decad. I, pag. 155 e 157. Tratado feito por Pedro d'*Evora* com *Bezeguiche*, senhor daquella costa. Aqui se fazia uma pescaria portugueza. (*Barros*, Decad. I, liv. III, fol. 35 vº.)

Encontrámos pois no *Deposito geral das cartas* da marinha uma carta franceza em pergaminho, datada de 1669, feita por *Le Bocage de Boiscie* que se intitula: *Idrographe, professeur roial de navigation au Havre,* na qual não só a nomenclatura é portugueza, mas onde se não vê marcado o nome de *Petit-Dieppe,* lendo-se alias o de *Rio dos Cestos*. Esta carta é dedicada a *Colbert*.

O mesmo encontrámos em outra carta franceza mss. do XVII° seculo, que existe no mesmo deposito.

Em outra carta franceza mss. dos fins do mesmo seculo (1) a maior parte da nomenclatura é portugueza, ou tirada das cartas hollandezas e italianas que a copiárão das portuguezas.

Rouillé, na sua carta de 1753 (que encontrámos na mesma repartição), conservou alguns nomes portuguezes, e não marcou o *Petit-Dieppe*. Nesta carta se indica a posição dos nossos fortes e estabelecimentos na *Casamansa*. Comtudo a celebridade que o nome de *Sanson* pai tinha adquirido em razão de ter sido mestre de Luiz XIII e protegido por *Richelieu,* e ainda mais por ter sido fundador de uma escola geografica da qual seus filhos, e seu sobrinho *Duval,* forão os primeiros discipulos, esta celebridade, e estas circunstancias exercêrão grande influencia na cartografia franceza.

Com effeito, se na carta de *Sanson* pai de 1650 a nomenclatura hydro-geografica portugueza desaparece de modo que este geografo tirou da sua carta d'Africa

---

(1) Dépôt général de la marine, portefeuille n° 117, pièce 15.

47 nomes portuguezes que se achavão marcados nas cartas anteriores desde o Cabo *Bojador* até ao Cabo *Verde;* se elle pois fez desaparecer da sua carta estes nomes, na outra carta d'Africa publicada pelo filho em 1669 (*segundo as relações mais recentes*) não só desaparecem igualmente os nomes portuguezes, mas o que é mais curioso, é que se lê sobre a costa d'Africa occidental a 5 gr. 1/2 N. o nome de *Petit-Dieppe.*

São pois bem visiveis os elementos de que se servio para este effeito o dito geografo. Consistírão nos da carta feita pelo pai e publicada em 1650, e para marcar o *Petit-Dieppe*, mui provavelmente das relações de *Villaut*, publicadas no mesmo anno de 1669.

As cartas francezas publicadas nos annos de 1674 e 1677, das quaes desaparecem todos os nomes portuguezes desde o Cabo *Bojador* até á *Serra Leoa*, são nesta parte uma copia da de 1669. Mas os defeitos da carta d'Africa de *Sanson* pai são perfeitamente apontados por um illustre geografo dos nossos dias (1), o qual diz:

« *Sanson*, qui publia sa carte d'Afrique vers le mi-
» lieu du XVII^e siècle, la chargea d'une érudition con-
» fuse, et montra moins de connaissances réelles, de
» discernement et de critique que *Sanuto.* »

Depois das cartas dos dous *Sansons* e da de *Duval* de 1678, com as numerosas cartas francezas de Nicolao de *Fer,* desaparecêrão igualmente os elementos portuguezes

(1) Walckenaer, *Recherches sur l'intérieur de l'Afrique*, pag. 212.

das precedentes (1), e alèm disso nellas se marcou o *Petit-Dieppe.* Forão estas ultimas cartas as que principalmente fizerão acreditar a certo escriptor francez que não tinha examinado as precedentes, nem se tinha consagrado ao estudo da cartografia anterior á epoca de *Sanson*, que as denominações de *Petit-Dieppe* e de *Sestro-Pariz*, que se lêem marcados nestas cartas modernas, erão uma prova da prioridade dos estabelecimentos dos *Dieppezes*, sem reflectir que as ditas denominações só apparecêrão nas cartas francezas na segunda metade do seculo XVII°, isto é 200 annos, e mais depois dos descobrimentos portuguezes ! !

Não devemos passar aqui em silencio a seguinte particularidade, que nos parece mui importante, ácerca do que acabamos de referir, a saber que, contra esta mania dos modernos de fazer desaparecer das cartas geograficas a nomenclatura dada pelos descobridores, exclama com razão M. *Coulier* (2), dizendo :

« On pourra bientôt se demander ce qu'ont découvert » les *Gama*, les *Solis*, les *Magellan*, les *Colomb*, » les *Surville*, les *Bougainville*, les *Mendanha*, les » *Queiroz*, etc. (que je cite au hasard), dont les appel- » lations s'effacent partout pour faire place aux chan-

---

(1) A proposito do merecimento das cartas de Nicolao de *Fer*, eis-aqui o juizo que encontrámos em um artigo de biographia critica ácerca delle : « *Il fit graver plus de* 600 *cartes qui doivent la » plus grande partie de la vogue* dont elles ont joui *aux ornements » qui les enjolivaient.* »

(2) Notice sur la terminologie géographique, etc. Paris, 1840, pag. 16.

» gements modernes actuellement consacrés dans les
» ouvrages publiés *tant par les administrations* que par
» les particuliers ; *l'oubli de ces corrections consacre*
» *une injustice irréparable et remet tout en doute.* »

17ª.

Nomenclatura hydro-geografica da carta d'Africa do Atlas de João Freire de 1546, a pag. 96.

Começamos do mesmo modo que na addição 15, a partir do Cabo *Bojador*.

Cabo *Bojador*.
Penha Grande.
Terra Alta.
Sete Cabos.
Terra Branca.
Barreiras Brancas.
Praia.
G. dos Ruyvos.
Ponta do Medon.
Praia.
C. de Medon.
G. dos Cavallos.
Ollavedo?
R. do OURO.
Terra Baixa.
Moutas.
G. de Gonçalo de Cintra.
Terra d'Area.
Medões.
G. de Sam Cebriam.
C. das Barbas.
Rochedo.
Ponta da Gallé.
C. BRANCO.
I. dos Louros.
P. da Faes?
Arguim (1).
Porto do Resgate.
Ilha Branca.
Ilha das Garças.
R. de S. João.
Ponta da Tofia.
G. de Santa Anna.
Medões.
Praia.
Cabo d'Area.
Ante Rote.
Tarem.

(1) Aqui tem pintado o estandarte portuguez.

Praia.
Moutas.
Alagra.
Palma Seca.
Praia.
Arvoredo.
R. Çanagá (1).
Palmar.
Gudomelle.
G. das Almadias.
C. VERDE (2).
Barboas.
Rio do Lago.
GAMBIA.

2ª *Carta d'Africa.*

R. de Santa Clara.
R. das Ostras.
R. de S. Pedro.
Casamansa.
C. Roxo.
R. de S. Domingos.
R. de Santa Catharina.
Gormazo ?
R. Grande.
Buguba.
Busegue.
R. do Milho.
Palmar.
C. da Verga.
R. do Pichell.
R. da Praia.
C. de Sagres.
R. de S. Xp̃vam.
R. das Soffras.
R. de la Maga.
R. do Café.
Barreiras Vermelhas.
Mai Pulla ?
SERRA LEOA.
R. da Serra.
Porto das Caboas.
I. Roxa.
R. do Sabam.
R. das Galinhas.
Arvoredo.
C. do MONTE.
R. da Aguada.
C. MESURADO.
R. de San Paulo.
Arvoredo.
R. dos Juncos.
Aldea da Praia.
Palmar.
R. dos Cestos.
C. das Baixas.
I. da Palma.
I. Cayado.
C. FORMOSO.
R. dos Genovezes.

---

(1) Sobre este rio se vê pintada a bandeira real portugueza.
(2) Vê-se sobre este cabo pintada a bandeira rêal portugueza.

R. de S. Vicente.
Praia de Escravos.
Atalaya.
C. do SACRAMENTO.
As Areas.
Ponta do Cavallo.
R. do Ilheo.
C. das PALMAS.
P. de Gonçalo de Matos.
Arvoredo.

Praia.
Ponta de Santiago.
R. de Santo André.
O Paul.
Arvoredo.
Medronall.
R. das Barbas.
Aldea de Lagoa.
Aldea da Praia.
Etc.

Em uma carta feita pelo mesmo cosmografo, mas sem data, da qual nos communicou a nomenclatura M. *Tastu*, se vê sobre o Cabo *Bojador* um estandarte com as cores portuguezas. No centro, entre o Rio *Gambia* e o Rio *Grande*, se vê pintado um grande padrão com a cruz, com as *Quinas portuguezas* e a inscripção *Serra Leoa*. O espaço que indica este padrão de posse comprehende a *Casamansa*. Vê-se o estandarte da ordem de Christo no Rio das Esteiras, a bandeira portugueza sobre o Rio dos *Camarões*, vê-se outra no Rio do *Gabam*, outra no Rio do *Manicongo*, outra nos *Montes*, e finalmente outra bandeira igualmente portugueza na bahia de Santa Helena.

A carta deste cosmografo que M. *Tastu* examinou tem alguns nomes que se não encontrão nas cartas d'Africa do Atlas do Sr barão *Taylor*. Citaremos os seguintes : Cabo *Carvoeiro*, *Challon*, C. dos *Mastos*, ou *Matos*, *Magundá*, R. de *Nuno*, R. de *Marvam*, R. do *Arvoredo*, R. de Santa *Brizida*. Do mesmo modo a Africa do *Atlas* do Sr barão *Taylor* tem outros que se

não encontrão na nomenclatura da carta examinada por M. *Tastu*.

18ª.

Cruz da ordem de Christo pintada nas velas dos navios pelos cosmografos, a pag. 96 e 98.

Dissemos no texto, §º X, pag. 96 e 98, que tanto nas cartas d'Africa do Atlas de João *Freire* de 1546, como nas do outro Atlas de João *Martines* de 1567, se vião pintados nos mares d'Africa, e outros pontos, varios navios com a *cruz da ordem de Christo* pintada nas vélas.

Em a chronica d'*Azurara* vêmos, principalmente no cap. 37, pag. 185, que os navios que o illustre infante D. Henrique enviava ao descobrimento d'Africa levavão estas bandeiras, pois o chronista contemporaneo diz, quando trata das tres caravellas commandadas por *Denis Eanes da Grãa*, Alvaro *Gil* e *Mafaldo*.

« *Os quaes, postas as bandeiras da ordem de Xpõ* » *em seus navios*, fizerom sua vya caminho do Cabo » Branco. »

Fernão Lopes de *Castanheda*, que examinou um grande numero de documentos ainda pertencentes ao seculo xvº, e que foi testemunha ocular do que a este respeito se praticára ainda no xviº seculo, diz (no liv. III, cap. 34 da sua *Historia do descobrimento e conquista da India pelos Portuguezes*) que Affonso d'*Albuquerque* conhecêra a esquadra de Diogo Mendes de *Vasconcellos*, que hia de Portugal (no anno de 1510) pera

Malaca, por que trazião *pintadas nas gavias humas grandes cruzes vermelhas.*

Este uso durou muito tempo na devisão da marinha portugueza da India, como se diz em *Couto* (Memorias militares, tomo I°, pag. 251), a saber que as esquadras portuguezas pertencentes áquelle estado, tinhão nas suas bandeiras, no meio as armas reaes, e por baixo dellas a cruz da ordem de Christo.

19ª.

Sobre o Atlas de João Martines, pag. 97 e 98.

Temos noticia de tres Atlas ineditos deste cosmografo. Na Bibliotheca do *Arsenal* em Paris, existe um feito igualmente em Messina no anno de 1582, e no Museo *Borgiano* existia outro datado de 1586 citado por *De Murr* (Histoire diplomatique de Martin de Behain, pag. 26). As cartas deste cosmografo que citámos no texto, e que datão de 1567, são as mais antigas que até agora se conhecem deste João Martines.

20ª.

Não se encontrão nomes alguns marcados na costa occidental d'Africa alèm do Bojador nas cartas anteriores ao descobrimento dos Portuguezes, pag. 104.

Devemos advertir que tratâmos aqui do estado dos conhecimentos geograficos durante a Idade Media relativamente á costa occidental d'Africa, anteriormente

aos descobrimentos portuguezes nesta parte do globo.

A's cartas do seculo XIV° que citámos a pag. 103, e ás reflexões que ácerca dellas fizemos, acrescentaremos aqui outras noticias igualmente importantes, e que augmentão as provas da nossa incontestavel prioridade ácerca daquelles descobrimentos.

Em um *Mappamundi* illuminado, que se encontra em um manuscripto das *Chronicas de S. Denis*, na Bibliotheca de Santa Genoveva, por baixo de cujo mappa se acha a assignatura autographa de *Carlos V*, rei de França, cognominado o *Sabio* (durante o reinado do qual disse *Villaut* e tem repetido os AA. que o tem seguido, que tiverão logar os suppostos descobrimentos da Guiné pelos Normandos), se representa o globo cercado de mar, e os unicos nomes que se lêem na Africa d'Oriente para o Occidente, são : *Egypto*, Babilonia, *Thebaida*, Alexandria, *Ethiopia*, Nilus, e *Libus*. Nenhum indicio do conhecimento da costa occidental, mesmo alèm do Cabo *Não*.

Este mappa não se lhe pode fixar a data do anno, mas sendo do tempo de Carlos V foi portanto feito entre os annos de 1364 a 1380 durante o reinado deste soberano.

Na carta de 1384 a 1400 da Bibliotheca *Pinelli* que dâmos em o nosso Atlas, a costa d'Africa occidental *acaba* no *Bojador*.

Na carta da Bibliotheca de *Weimar* datada de 1424, e que publicâmos igualmente em o nosso Atlas, a costa d'Africa acaba do mesmo modo no Cabo *Bojador*, e nem um só nome se lê ao sul do dito cabo. A mesma carta

d'*Andrea Bianco* que publicâmos igualmente em o nosso Atlas, posto que desenhada já em 1436, isto é tres annos depois de *Gil Eannes* ter passado alèm deste limite em que té então parávão todos os navegantes, ainda nesta se não vêem nomes alguns, nem a costa prolongada alèm daquelle limite, pois ainda não tinha decorrido o tempo necessario para serem communicadas aos cosmografos das outras nações as cartas nauticas portuguezas acrescentadas com os novos descobrimentos.

Se pois as cartas daquelles seculos representão, segundo a opinião de M. Jomard (1), o estado dos conhecimentos geograficos do paiz em que erão feitas, não resta a menor duvida, adoptada esta opinião, de que as principaes nações maritimas do XIV° e XV° seculo não conhecião a costa occidental d'Africa alèm do *Bojador*, e que só a conhecêrão depois do descobrimento della effectuado pelos Portuguezes.

Esta verdade é tão palpavel que o simples estudo chronologico das cartas dos seculos XIV° e XV° no-la mostra do modo mais evidente.

Se em 1375 os Catalães não tinhão noticia da costa alèm do *Bojador* (*vide* carta do Atlas da Bibliotheca R. de Paris) em 1439 pelo contrario, isto é 6 annos depois que os Portuguezes havião reconhecido a dita costa, e tinhão hido já a mais de 120 legoas alèm do cabo, e ao porto que chamárão da *Galé*, se vê já na carta catalan

(1) *Vide* Procès-verbal de la séance de la Société de géographie du 19 mars 1841. — Bulletin de la Société de géographie.

de Gabriel *Valsequa* (1) a costa prolongada alèm do dito Cabo *Bojador* em consequencia das noticias nauticas que começavão a espalhar-se nos reinos estranhos dos descobrimentos portuguezes.

A descripção hydrografica da costa d'Africa alèm do *Bojador* adiantou-se pois nas cartas das diversas nações maritimas da Europa com uma regularidade e coincidencia pasmosas á proporção que nas mesmas nações se hião obtendo noticias dos descobrimentos portuguezes, e os podião marcar nas suas cartas, copiando-os das nossas cartas nauticas, como se mostra com evidencia mathematica pelas cartas do nosso Atlas.

Não trataremos aqui da carta sem data do Portulano Mediceo publicada por *Baldelli* e que este A. julga ser de 1350, pois ella é de mais de um seculo posterior pelo menos á carta V do mesmo Portulano, e segundo a opinião de M. Walckenaer, a mesma carta poderá ser do XVI° seculo pela semilhança que appresenta no curso dos rios com as cartas de Livio *Sanuto*, e com as cartas deste ultimo seculo.

Quanto ás inducções que *Baldelli* tirou desta carta, são todas infundadas, como o leitor poderá vêr não só pelo que dizemos nesta Memoria, mas tambem comparando a dita carta com a outra do mesmo Portulano por elle igualmente publicada, e que não tem a costa d'Africa marcada alèm do *Bojador* (2). M. Walckenaer

---

(1) Em o nosso Atlas publicâmos a parte d'Africa occidental desta carta, a qual devemos á douta generosidade de M. *Tastu*.

(2) *Vide* Atlas de *Baldelli* no *Millone* de *Marco-Polo*.

julga do mesmo modo que não merecem a menor attenção as inducções que *Baldelli* tirou da dita carta.

21ª.

As *Grandes Chronicas* de França, da abbadia de S. Deniz, não dizem nada dos suppostos descobrimentos dos Normandos do XIVº seculo, pag. 105.

Mostrámos no texto que os AA. contemporaneos do reinado de Carlos V de França, e as mesmas Chronicas da *Normandia*, não fizerão menção dos suppostos descobrimentos africanos dos Normandos que os modernos depois de *Villaut* disserão ter tido logar naquelle reinado; agora diremos que este silencio das chronicas e historias daquella epoca ácerca deste supposto descobrimento está em harmonia com o estado dos conhecimentos geograficos relativamente á Africa que havia em França naquelle reinado ávista do *mappamundi* das Chronicas de *S. Denis*, onde se vê a assignatura do dito rei Carlos V, á vista do principio estabelecido por M Jomard, de que tratámos na addição precedente.

22ª.

Os geografos do xivº seculo amontoavão todos os detalhes dos paizes do interior sobre as cartas junto ao *Atlas* na altura do C. *Bojador*, para não descerem mais abaixo na direcção do Sul, por ser o dito cabo o ponto conhecido sobre a costa, etc., pag. 115.

As passagens que vamos citar d'Ibn *Khaldoun*, que escreveo nos fins do xivº seculo, e que viveo ainda alguns annos depois da expedição de *Bethencourt* ás Canarias no principio do seculo xvº, confirmão ainda mais a incontestavel *prioridade* do descobrimento da costa occidental d'Africa alèm do Cabo *Bojador* pelos Portuguezes, e mostrão a exactidão do que se diz no texto.

Tratando das ilhas de Kalidat, diz :

« Dizem que os navios dos Francos forão dar a estas
» ilhas no principio deste seculo (isto no xivº seculo);
» elles attacárão os habitantes, roubárão-nos, e arreba-
» tárão outros que forão vender ao *Magreb-Aqsá* ou
» *Aksa* (isto é na extremidade do imperio de Marrocos).
» Estes escravos passárão ao serviço do sultão, e logo
» que aprenderão a lingoa arabe, fizerão a descripção
» do estado da sua ilha. »

Segue a descripção, e depois acrescenta :

« Estas ilhas forão descobertas por acaso, por que os
» navios navegão *neste mar* só impellidos pela acção e
» direcção dos ventos; mas os dous paizes que ficão
» situados nas duas margens do mar Mediterraneo são

» perfeitamente conhecidos, *e se achão descriptos sobre*
» *plantas ou folhas de papel pela forma que elles na*
» *realidade tem, os rumos dos ventos alli se achão*
» *marcados em todas as direcções*, e chamão-se estes
» papeis *Alkanbas* (1). Elles (os navegantes) se confião
» nestas cartas para fazerem as suas viagens, *mas nada*
» *disto existe para o mar Atlantico*, e por esta razão os
» navios não se aventurão neste mar, por que perdendo
» a costa de vista não poderião derigir-se para a sua
» volta (2). »

Esta passagem é terminante ácerca do assumpto que nos proposemos provar. A navegação do Mediterraneo era perfeitamente conhecida, havião os Portulanos, cartas nauticas exactissimas, mas para o Atlantico não acontecia o mesmo, isto é não havia um tal conhecimento.

O mesmo A. arabe diz, quando falla do Atlantico (3) :
« É um grande mar sem limite, no qual os navios não
» ousão aventurar-se fóra da vista das costas por causa
» de se não saber onde os ventos os poderão levar, por
» que detraz delle não ha terra habitada. Quanto aos
» mares cujos limites lhes são conhecidos, os navios
» navegão nestes por que os marinheiros conhecem por
» experiencia onde os ventos os devem conduzir (4),

---

(1) Esta palavra não é *arabica*.

(2) *Ibn-Khaldoun*, Prolegomenos historicos, compostos em 1377. Sobre esta obra, *vide* o excellente artigo de M. *de Sacy*, na *Biographie universelle*, tomo XXI°, pag. 154.

(3) O mesmo A., Historia dos Berbers.

(4) *Azurara*, Chron. da Conquista de Guiné, cap. 9, pag. 57,

» mas o mesmo não acontece no Atlantico, por que se
» lhe não conhece limite, e posto que elles conheção a
» direcção dos ventos, não sabem até onde os mesmos
» ventos poderão arrojar o navio, o qual se perderia, ou
» se exporia a cahir no meio dos nevoeiros, e dos vapores,
» de maneira que o navio se perderia (1). O limite do
» *Magreb* do lado do Occidente é o Oceano Atlantico,
» como acabámos de dizer. »

Passa a descrever as cidades da costa do imperio de Marrocos até ao *Nun*, e conclue por esta importante passagem :

« O limite até onde vão os navios é detrás da *costa de*
» *Nun* (Cabo Não), *e não vão mais longe*, por que se
» fossem se expunhão aos perigos que acabámos de des-
» crever (2). »

---

fallando das razões que dera o Infante a *Gil Eannes* para o persuadir a fazer todas as diligencias para passar o Cabo *Bojador*, e a não confiar nas objecções de certos maritimos, refere que o Infante lhe dissera o seguinte : « *Quereesme dizer que por openyom de quatro* » *mareantes, os quaes como som tirados da carreira de Frandes, ou* » *de alguns outros portos pera que commumente navegam, nom sabem* » *mais teer agulha, nem carta pera marear*, etc. »

(1) É a descripção do mar *Tenebroso* dos Arabes.

(2) Devemos estas passagens deste celebre A. arabe ao nosso consocio na *Sociedade asiatica* de Pariz o Sr barão de *Slane*.

23ª.

A' passagem de Garcia de *Resende* de pag. 126, e a 130, sobre o estratagema da destruição das Urcas.

Consultámos sobre este estratagema de que usou elRei D. João II para impedir que os navios redondos das outras nações fossem á *Mina*, a M. *Jal*, autor da excellente obra intitulada *Archéologie navale*, não só como autoridade competente na parte nautica, mas tambem na parte scientifica e historica da construcção naval da Idade Media, o qual nos deu uma extensa e interessante nota na qual mostra por muitas razões nauticas quanto a medida adoptada por elRei de Portugal fôra calculada com sabedoria, com conhecimento das correntes do golfo de *Guiné*, e robora as suas asserções e analyse da dita passagem de *Resende* com exemplos recentes acontecidos a navios francezes. Daremos a integra desta interessante nota na edição franceza desta Memoria.

24ª.

Sobre a particularidade de se não encontrar documento do seculo xv° que mostre terem hido á Guiné navios de outras nações na nltima metade daquelle seculo, a pag. 134.

Faria e Sousa conta todavia que elRei d'Hespanha mandára uma esquadra composta de 35 navios, no anno de 1478, para fazer o commercio de Guiné, commandada por Pedro de *Gobines*, e que no anno de 1481 para alli

partíra outra composta de 30 navios, mas que elRei D. Affonso V fizera partir uma esquadra portugueza que a combatêra e destroçára.

Mas este A. portuguez (posto que a sua autoridade seja mui importante tanto pela sua erudição, como pelos documentos que consultou) escreveo mais de um seculo depois da epoca de que se trata, e não citou os documentos, nem historiadores contemporaneos, nos quaes colhêra os factos que cita. Estas asserções de *Faria e Sousa* forão combatidas em nosso entender com boas e fundamentadas razões por *Barbot*, na sua *Description de la Guinée*, pag. 162, a cuja obra remettemos o leitor. Finalmente as expressões da bulla que citâmos na seguinte addição parecem-nos decisivas, pois por ellas se mostra que possuiamos pacificamente aquelles territorios.

25ª.

Motivos de direito em virtude dos quaes Luiz XI, rei de França, respeitou a posse dos Portuguezes nas conquistas d'Africa, pag. 139.

O contexto da bulla do papa prova da maneira mais evidente a *prioridade* do nosso descobrimento de toda a costa d'Africa alèm do Cabo *Bojador*, e da conquista que della fizemos, e *posse* que della haviamos tomado. Forão pois estes direitos que forão reconhecidos por todos os soberanos, e por Luiz XI. Eis-aqui as expressões da parte historica e geografica daquelle importantissimo documento, isto é da bulla de Xisto IV de 1481,

na qual se confirmão as precedentes que nesta se transcrevem :

« .....Ajudado o dito infante sempre de real autori-
» dade não cessou de idade de 25 annos, e assim em cada
» um anno, de mandar dos dictos regnos com muy gran-
» des trabalhos , perigos e despezas , exercito de gentes
» em muy ligeiros navios chamados caravellas pera bus-
» car o mar e provincias maritimas contra as partes do
» meiodia e polo antartico, e fecto assy esto, occupando
» e lustrando as dictas caravellas muitos portos, ilhas e
» mares, vierão em fim á provincia de *Guinee*, e occu-
» padas algumas ilhas, portos e mar ajacente á dita pro-
» vincia navegarom mais hum pouco, e vierom aa boca
» de hum gram rio estimado commummente o *Nillo*
» (o Senegal), e como quer que contra os poboos da-
» quellas partes fosse fecta guerra per alghuns annos em
» nome do dicto rey dom Afonso e Iffante dom Anrrique,
» e nellas muitas ilhas vizinhas fossem sojugadas, e
» *possuidas pacificamente assy como ainda agora com*
» *a terra ajacente se possuem*, donde muitos Guineos,
» e outros negros tomados, etc. »

O pontifice relata depois que forão os ditos negros convertidos e instruidos nas verdades da santa religião que professamos, e continua :

« E sabendo o dicto nosso predecessor que os dictos
» Rey e Iffante que com tantos, e tam grandes traba-
» lhos, e despezas, e bem assy com tanta perdiçam dos
» naturaes dos dictos regnos dos quaes lá muitos pere-
» ceram, que com ajuda *sòmente dos dictos naturaes*
» *fizeram descobrir as dictas provincias, e aquirirom e*

» *possuirom* como dicto he como *verdadeiros senhores* (1)
» os dictos portos, e insolas, e mares. »

E mais adiante accrescenta :

« Pera conservaçam de *sua posse* poserão defeza que
» nenhum presumisse navegar ás dictas provincias nem
» tratar nos portos dellas, nem pescar no mar dellas sem
» primeiramente aver expressa licença pera ello do dicto
» Rey ou Iffante, e hesto hindo soomente em seus navios
» com seus marinheiros, e pagando-lhe delle certo tri-
» buto, etc. »

Mais adiante o pontifice repete :

« O dicto rey dom Affonso, ou o dicto Iffante possuia
» justa, e legitimamente as ditas ilhas, terras, portos e
» mares, as quaes *pertenciam de direito ao dicto rey*
» *dom Affonso e a seus successores*, etc. »

O pontifice lhes concede poderes para fundarem igrejas, e commerciar com os Mouros e infieis, etc. (2)

Forão pois estes titulos que os reis de Portugal fizerão valer, como dissemos no texto, perante os outros soberanos da Europa; e se Luiz XI se absteve de consentir que seus subditos os não violassem, foi de certo pela legalidade delles, e não pelos motivos que julgavão aquelles que nunca examinárão estes importantes documentos.

---

(1) Compare-se com o que dissemos a pag. 24 e seg. do §º IV, e a pag. 108, §º XI.

(2) Este documento existe no Archivo R. da *Torre do Tombo*, gav. 18, maç. 6, nº 17, de que temos em nosso poder uma copia authentica extrahida do mesmo Archivo.

Não terminaremos esta addição sem chamarmos a attenção do leitor para a seguinte particularidade. No §º XVII, pag. 163 e 164, mostrámos que em 1406 o papa *Innocencio VII* julgava, como o rei de Castella, que a *Guiné* ficava fronteira ás Canarias, e áquem do Cabo *Bojador*, e isto porque a costa alèm do dito cabo não tinha ainda sido descoberta pelos Portuguezes, nem a verdadeira *Guiné*; mas nas bullas de *Nicolão V* de 1450 e de 1454, e finalmente nesta de Xisto IV de 1481, todas posteriores aos descobrimentos portuguezes na costa alèm do dito cabo, a posição geografica da Guiné é já mais conforme com a verdadeira.

26ª.

O celebre *Las Casas* do mesmo modo que *Bernaldez* não nega a nossa prioridade nos descobrimentos africanos, antes a confirma, pag. 145.

Las Casas, apezar das pretenções enunciadas na carta d'elRei de Castella, diz a pag. 139, tomo Iº da sua *Historia de las Indias* mss., quando falla das incursões feitas pelos Portuguezes nas Canarias, que estas augmentárão : « *Mayormente desque comenzaron á des-* » *cubrir la costa de Africa y de Guinea.* »

A pag. 40, cap. 4, fallando de *Colombo* e do Infante D. *Henrique*, diz :

« Y como entonces andaba muy hirviendo la práctica y » exercicio *de los descubrimientos de la costa de Guinea* » y de las islas que avia por el mar Océano. »

Diz que Colombo se aproveitára dos *mappas* e relações de Bartholomeu Perestrello, e accrescenta :

« Y á inquerir tambien la práctica y experiencia de » las navegaciones y caminos que por la mar *hacian los* » *Portugueses á la Mina del Oro y costa de Guinea*, » tomó el acordo de ver por experiencia lo que entonces » del mundo por la parte de la Ethiopia se andaba, y » praticaba por la mar, y assi navegó algunas veces » aquel camino *en compañia de los Portugueses* como » persona ya vecina y quasi natural de Portugal. »

Las Casas declara que isto lhe fôra contado por D. Diogo *Colombo*, filho do almirante, e accrescenta que tendo *Colombo* antes da sua famosa viagem residido na *Madeira*, onde (diz elle) «*frequentes nuevas se tenian* » *cada dia de los descubrimientos que de nuevo se* » *hacian*, y este parece aver sido el modo y ocasion de » la venida de Christobal *Colon* á España *y el primer* » *principio que tuvo* el descubrimiento *de este grande* » *orbe* (a America) (1). »

A' vista destas passagens e declarações formaes de um dos historiadores castelhanos mais eruditos, que tivera em seu poder os papeis de *Colombo*, não resta a menor duvida que se os Castelhanos tivessem descoberto a costa d'Africa alèm do *Bojador* e a *Guiné* antes dos Portuguezes, e tivessem a mesma pratica de navegar

---

(1) Compare-se esta passagem com o que dissemos no texto, a pag. 118 e seg., §º XIII, e principalmente com o que fica dito a pag. 125.

naquellas paragens que tinhão os Portuguezes, *Colombo* teria navegado com elles de preferencia, e não teria vindo exercitar-se em as grandes navegações, e nos seus estados nauticos com os Portuguezes.

27ª.

Sobre o famoso livro de *Imago Mundi* de Petrus *Aliacus*, pag. 145.

Accrescentaremos aqui ao que dissemos no texto ácerca deste sabio, que pela confrontação do texto do seu famoso livro cosmografico com o *mappamundi* das Chronicas de *S. Denis* da Bibliotheca de Santa Genoveva, cujo monumento geografico é da mesma epoca, e feito em França, resulta a demonstração bem evidente de que no seculo xvº antes dos nossos descobrimentos a Africa alèm do *Bojador* não era conhecida neste paiz. Remettemos pois o leitor para o mesmo livro, ali verá na região situada ao sul do Monte *Atlas* a seguinte nota: *Regio inhabitabilis*, e pelo cap. 13 se mostra que elle não estava mais adiantado do que os antigos, e o autor do *mappamundi* das Chronicas de *S. Denis*, e do mesmo modo pelo que se lê nos cap. 32 e 33: *De Africa in generali*, e 33, e no *Epilogus mappemundi* do mesmo A. Esta obra foi feita em 1410, depois da viagem de *Bethencourt*. Na Bibliotheca R. de Pariz encontrámos uma cosmografia com o titulo *Image du monde*, impressa em caracteres gothicos por Jean *Treperel*. Este impressor

publicava já algumas obras em Pariz em 1492 (1). Esta cosmografia foi composta igualmente no seculo xv° antes dos descobrimentos africanos dos Portuguezes. No cap. 6, a Africa é considerada como uma *ilha*, e a parte em que trata *de ce qui est appelé la terre de la Mappemonde*, mostra pela harmonia em que está com o *mappamundi* das Chronicas de *S. Denis*, e com a obra de *Petrus de Alliaco*, que é anterior aos nossos descobrimentos, e portanto que seu autor não tinha conhecimento algum das costas situadas alèm do *Bojador* e da prolongação d'Africa. Que Pedro d'*Ailly* não tinha noticia da parte d'Africa meridional ainda mais se prova pelo seu Tratado *de Esphera mundi* (2), na parte em que diz *que a terra junto á equinoccial é inhabitavel.*

28ª.

Religioso hespanhol, a pag. 160.

Sem examinarmos nesta addição quem poderia ser este religioso viajante, o que discutiremos em outro logar, diremos todavia que este podia ser portuguez, julgámos que se não pode affirmar sem exame que elle fosse hespanhol só por que assim o chamárão os capellães de *Bethencourt*, pois os Francezes, e Italianos consideravão, então e ainda hoje muitos AA. destas nações

---

(1) *Vide* De La Serna Santander, *Dictionnaire bibliographique choisi du* xv^e^ *siècle*, tomo I°, pag. 252.

(2) Este Tratado foi impresso em Pariz em 1508.

confundem os dous povos, e os dous reinos; o papa João XXI apezar de ser portuguez não é conhecido entre os AA. senão pelo nome de *Petrus Hispanicus*. Cadamosto sabia perfeitamente que o Algarve pertencia a Portugal, mas referindo nas relações das navegações de Pedro de *Cintra* a sua partida diz : « Aaté á minha partida de *Hespanha*. »

29ª.

Nos viajantes e AA. francezes e normandos anteriores á *Villaut*, isto é a 1667, não se encontra a pretenção de terem descoberto á *Guiné*, antes dos Portuguezes, a pag. 31, 64, 81, e 170.

As seguintes obras francezas e normandas anteriores a *Villaut* vão provar que antes da publicação da relação deste viajante os Normandos nos não disputárão a prioridade dos nossos descobrimentos e da *Guiné*.

Alèm da relação de *Jean le Verrier* e de *Bontier*, capellães de Bethencourt, pela qual se mostra que nos principios do seculo xvº os Normandos não tinhão noticia alguma dos taes suppostos descobrimentos dos seus compatriotas, antes reconhecião a superioridade dos conhecimentos nauticos dos Portuguezes nos mares áquem do *Bojador* té então frequentados pelos navegadores europeos; alèm pois das provas terminantes que deduzimos da dita relação (1), indicámos igualmente a pag. 64 que João *Temporal* na sua collecção publicada em 1554 citára a nossa prioridade nos ditos descobrimentos,

---

(1) *Vide* §os XVI e XVII.

nesta addição accrescentaremos por ordem chronologica a noticia de outros AA ', viajantes anteriores a *Villaut*, os quaes sem excepção não disserão uma só palavra dos suppostos descobrimentos dos Normandos.

1553. — Na traducção franceza da *Historia do descobrimento da India* pelos Portuguezes composta por *Castanheda*, publicada em *Paris*, no prefacio falla o visconde de *Longueville* das navegações, e nem uma palavra dos suppostos descobrimentos normandos.

1559. — Alphonse de *Santongeois*, na sua viagem a Africa occidental, descreve com miudeza toda esta costa, seus portos, rios, enseadas, etc., e a fol. 52 tratando da parte que corre desde o Cabo do *Monte* até ao Cabo de *Palmas*, e do R. do *Junco*, não falla em parte alguma do *Petit-Dieppe* nem do *Sestro-Paris*, o que é mais uma prova que taes nomes nem taes estabelecimentos francezes não existião ainda naquellas paragens na ultima metade do seculo XVI°.

Falla da *Mina* d'elRei do Portugal, e nem uma palavra das patranhas que se lêem em *Villaut*, que escreveo a sua viagem 107 annos depois daquelle viajante francez.

Toda a nomenclatura hydro-geografica é portugueza traduzida porem em francez.

1575. — *Belle-Forest*, chronista de França, no reinado d'Henrique III, na sua *Cosmografia*, pag. 1,934, longe de fallar nos suppostos descobrimentos dos Normandos, diz :

« Le roi de Portugal s'est fait maître de la plupart » des ports et surtout de la *Guinée*, Benin et Mani- » congo, faisant bâtir au cap à Trois Pointes (cabo das

» Tres Pontas das cartas portuguezas) *le castel de* » *Mine.* »

1582. — *La Popellinière*, no seu livro *Les Trois Mondes*, diz pag. 43, fallando do infante D. *Henrique:*

« Puis *Henry*, son fils (de João I°), poussa outre : » si que plus on luy rapportoit choses estranges et plus » lui croissoit l'envie de sçavoir. Tellement que ce desir » suivy de l'industrieuse hardiesse de ses capitaines et » pilotes, *luy descouvrit beaucoup de nations et pro-* » *vinces nouvelles.* »

Mais abaixo, diz :

« *Henry* fit en peu de temps courir ses caravelles » jusqu'au cap de *Nõ*, ainsi dict, parce *qu'aucun n'a-* » *voit osé passer outre.* »

Descreve a posição do cabo, e accrescenta :

« Puis insatiable en cognoissance de choses rares, il » donna charge de passer outre, etc. »

E posto que este A. não tivesse conhecido as relações authenticas dos primeiros descobrimentos que existem na Chronica d'*Azurara*, e não tivesse fixado com bastante exactidão as epocas dos diversos descobrimentos, diz todavia :

« Puis dom *Henry* envoya Pierre de *Cintra* qui, » passant outre, reconnut le *cap de Sagres;* mais étant » mort son nepveu Alfonse ne fit qu'entretenir, sans » descouvrir chose de nouveau pour la briefveté de sa » vie ; toutefois *Jean* Second fit donner jusqu'aux terres, » que les Grecs et les Latins estimoient inacces- » sibles, etc. »

Depois de proseguir a sua relação, na qual refere todos os nossos descobrimentos, diz (pag. 45) :

« Voilà comme la genereuse curiosité des Portugais » depuis la prinse de Septa, Tangy et Arzilla, descou- » vrit et frequenta les costes de Maroc, etc., et autres » parties de la *Libye.* »

E conclue :

« Puis descendus à Senaga, Tombu, Budomel, Me- » ly, et autres royaumes estendus près du grand fleuve » des Noirs, donnerent à la *Guinée*, et au cap de *Tres* » *Puntas*, à 20 lieues du quel entrant en terre, *ils dres-* » *serent* le castel de *Mine*, tant pour se mieux assurer » contre ces barbares, que pour y dresser une forme » d'estape, etc. »

Por esta passagem se vê que naquella epoca este A. que era alias instruido, não tinha nenhuma noticia do supposto descobrimento citado por *Villaut*, e das outras fabulas dos que o seguírão, quando tratão da fundação do castello da Mina (1). Se pois no tempo em que *La Popellinière* escreveo existissem ao menos tradições de taes viagens, elle não deixaria de as mencionar no liv. II, fol. 3 e 4, quando trata dos descobridores.

1615. — *Jarric*, na sua obra intitulada : *Histoire des Indes Orientales découvertes par les Portugais*, diz, tomo I, pag. 3, que os Portuguezes forão *os primeiros que descobrirão* a costa d'Africa, o que alias não diria se então houvesse alguma tradição dos suppostos descobrimentos dos Normandos.

---

(1) Compare-se com o que dissemos as pag. 57 a 62.

1619. — Jean Le *Tellier* de Dieppe ; este cosmografo escreveo um tratado de navegação, no prefacio do qual diz que se servíra da obra de Manoel de *Figueiredo*, cosmografo portuguez (1), e cita muitas vezes o piloto Vicente *Rodrigues*. Diz que a cosmografia de *Figueiredo* fora traduzida em francez por um capitão de *Dieppe* chamado *Nicolas Le Bon*, « grand naviga-
» teur (accrescentando); la mémoire pourtant d'un tel
» personnage nous doit être honorable pour avoir obligé
» les Français en la traduction de ce livre, dans lequel
» *nous avons plusieurs bons enseignements pour l'art*
» *de la navigation*. » Passa a referir como fora por meio do tratado do cosmografo portuguez que se introduzírão em França alguns methodos novos, etc. (p. 4 e seg.) (2)

Le Tellier partio de Dieppe para Africa a 12 de outubro de 1619. Na sua obra não diz nem uma palavra do *Petit-Dieppe*, e quando falla em *Rufisque* (Rio Fresco), não diz que os Normandos, e Francezes o tivessem descoberto.

1630. — *Bergeron* era um dos homens mais instruidos do seu tempo na historia da geografia e das viagens; todavia no seu famoso tratado intitulado *Traicté de la*

---

(1) A obra de Figueiredo, isto é a hydrografia deste A., foi publicada em Lisboa em 1608.

(2) Compare-se o que diz este A. de Dieppe, e *Le Bon* no seu Tratado impresso em *Dieppe* em 1631, que se encontra anexo ao de *Le Tellier* no exemplar da Bibliotheca R. de Pariz, com o que dissemos no §º XIII de p. 118 a 126.

Navigation et des voyages de découvertes et conquestes modernes, *et principalement des François*, não diz nem uma palavra dos suppostos descobrimentos dos Dieppezes no xiv° seculo, pelo contrario, mencionando todas as navegações anteriores á de *Bethencourt* ás Canarias, mencionando mesmo a fabulosa viagem de S. *Brandão*, e enthusiasmado pela expedição de *Bethencourt*, julga que fora elle quem dera com a conquista das *Canarias* o impulso aos descobrimentos Portuguezes, o que alias o dito A. não diria se tivesse conhecido a resposta d'ElRei D. Affonso IV° de Portugal ao papa Clemente VI° datada de *Monte-Mor* o novo em 12 de fevereiro de 1345 (1), documento pelo qual se prova que os Portuguezes tinhão hido ás Canarias, e navegado alèm do Cabo *Não* 67 annos antes da expedição de Bethencourt, e dos seus Normandos ; *Bergeron*, repetimos, fazendo menção da expedição de *Bethencourt* e das que a precedêrão, não diz uma só palavra das supportas expedições normandas do seculo xiv°, circumstancia que alias não deixaria em silencio se no seu tempo existisse mesmo a supposta tradição dellas , como pretendêrão inculcar os modernissimos AA. sectarios das fabulas de *Villaut*.

Pelo contrario, *Bergeron*, a pag. 35 e 36 do seu tratado, quando menciona os descobrimentos portuguezes na costa d'Africa se não arroga a gloria da priori-

---

(1) *Vide* Mem. do nosso consocio o Sr Macedo já citadas. Docum. que acompanhão a 1ª Mem. no tomo VI°, Part. 1ª das Memorias da Acad. R. das Sciencias de Lisboa.

dade para os Normandos do xiv° seculo nem mesmo para os de *Bethencourt*, e não tendo mais que dizer em favor da *prioridade* dos Francezes, que elle fazia consistir (tambem sem fundamento) na expedição das Canarias de 1402, recorre á seguinte curiosa razão, a saber em que a mesma prioridade reverte á França, dizendo que os Francezes poderião com justo titulo « *pré-* » *tendre* part en quelque sorte à la gloire de ces con- » questes (todas as nossas conquistas), *puisque les roys* » *de Portugal sont yssus de la dernière race de nos* » *roys !* »

Ora quando este A. se arma com as genealogias da casa real portugueza de *Godefroy* para sustentar uma tal pretenção, já se vê que no seu tempo não existião nem tradições dos taes suppostos descobrimentos normandos dos Dieppezes, nem fundamento serio para nos poderem disputar a incontestavel prioridade dos nossos descobrimentos alèm do *Cabo Bojador*.

1633. — *Voyages d'Afrique faits par le commandement du roy, où sont contenues les navigations des Français entreprises* en 1629 *et* 1630 *sous le commandement du commandeur* de Rasilly.

Esta obra é dedicada ao cardeal de Richelieu. Na descripção d'Africa que começa a p. 106, longe de se encontrar uma só palavra ácerca dos suppostos descobrimentos dos *Normandos*, antes diz a p. 109, fallando dos descobrimentos dos modernos : « Mais de notre » temps, beaucoup de terres nouvelles ayant été dé- » couvertes *par la diligence des Portugais* (auxquels » on doit la liberté vers le midy des Indes orientales)

» *on a bien dilaté les bornes de l'Afrique, et luy don-*
» *nant un grand nombre de provinces incognues aux*
» *anciens on l'a pour le moins agrandie de la moitié.* »

O A. desta obra era erudito, conhecia a geografia classica, e a historia da geografia positiva tal qual se sabia na epoca em que escreveo.

1635. — *Relation du voyage au Cap-Vert par le Père S. Lo,* en octobre de 1695. Este viajante embarcou com o seu companheiro em *Dieppe*. Refere que muitas pessoas tratárão de os persuadir que não devião partir, « *nous objectant l'intempérie de l'air de* » *Cap-Verd, la rudesse des habitants, et que les nè-* » *gres nous massacreraient* (p. 2), » e posto que falle no que elle chama descobrimento das *Canarias* por *Bethencourt* em 1400, nem uma palavra diz dos suppostos descobrimentos normandos na Guiné no seculo XIV°.

Fallando de Cabo *Verde* diz que assim fora chamado da muita verdura, mas não diz que tal nome lhe fora primeiramente dado pelos Francezes, como *Villaut* inventou depois. Os PP. seguirão deste cabo para *Rio Fresco* (Rufisque), onde encontrárão muitos Portuguezes estabelecidos do mesmo modo que em *Portudal* a 12 legoas de *Rufisque*, e o mesmo no reino de *Joval*. Estes padres sabião a lingoa portugueza, e forão muito bem recebidos pelos indeviduos desta nação residentes em *Portudal* (p. 99). No Porto de *Jovalles* todos os Negros fallavão portuguez (p. 125).

1638. — Relation du voyage que *François Cauche* de *Rouen* a fait à Madagascar et costes d'Afrique, etc.

Este viajante partio de *Dieppe* em 1638 e tinha conhecimentos historicos como se vê pelas citações dos AA. antigos; e fallando do *Senegal* não diz uma só palavra de alli terem os Francezes fundado um estabelecimento, ou de o terem descoberto. Fallando de Rio-Fresco (Rufisque), diz : « *Les Portugais habitent ce lieu où ils » sont bien venus* (p. 6). » Em Madagascar, « *notre capitaine* (diz elle) dit au roy *en langage portugais*, etc. » E nem uma palavra em toda a obra que indique mesmo uma simples tradição das fabulosas viagens dos Dieppezes á Guiné no xivº seculo.

1639. — Voyage en Afrique por *Jannequin*. Este viajante partio de *Dieppe* para Africa, e voltou a França em 1639. A sua viagem foi publicada em 1643.

Nesta relação o A. não diz uma só palavra ácerca das pretenções da supposta prioridade, que vemos nas obras posteriores a Villaut.

1643. — Jorge *Fournier* na sua grande obra sobre a Hydrografia publicada em Pariz em 1643 não diz uma palavra ácerca de taes tradições, apezar de ser Normando, pois nasceo em *Caen* em 1595.

Pela dedicatoria a elRei se mostra que no seu tempo não só não existião taes pretenções, mas o que é mais, nem a menor tradição (vid. pag. 14); elle diz pelo contrairo remontando a outros tempos, que tinhão tão poucos navios, que os fretavão aos Hespanhoes, Maltezes, e Hollandezes, *pour nous défendre de nos ennemis* (1), diz elle. A este proposito remettemos o leitor

(1) Compare-se com o que dissemos no §º XII, de pag. 109 a 112.

para as pag. 312 a 315 da obra do mesmo A. intitulada: « *Mémoires de la Marine de France*, » e alli verá não só o silencio deste A. sobre as suppostas viagens á Guiné dos Dieppezes no XIV° e XV° seculos, mas tambem a descripção que elle faz do estado da marinha franceza no tempo de Carlos V° (o Sabio); verá em fim que taes expedições se não podião ter verificado naquellas epocas.

Que a invenção das taes suppostas expedições ainda não existia no tempo em que escreveo este A. *normando*, se prova ainda mais pelo que elle diz a pag. 314 : « *Ce qui* » *s'est passé depuis l'an* 1400 *jusqu'à l'an* 1500. »

Tratando neste periodo da expedição de Bethencourt diz que « il montra *aux Portugais le chemin qu'ils ont depuis tenu* pour les découvertes *de la côte d'Afrique.* »

E não diz uma palavra das taes suppostas expedições á Guiné, fabula que então ainda não tinha sido inventada.

1643. — *Morisot*, natural de *Dijon*, na sua obra *Orbis maritimus, sive rerum in maris et littoribus gestarum generalis Historia*, diz a pag. 487 e 488, fallando do illustre Infante D. Henrique e dos descobridores que se lhe seguírão :

« Tum primum circumnavigari incepto Africa, qua » Atlantico Oceano pulsatur oriensque petitur. »

Continua e depois diz :

« Hinc Joanne II imperante Æthiopia ipsa patefacta, » *ætiamquâ parte ab antiquis cosmographis inaccessa* » *putabatur.* »

E no cap. X, em que trata dos grandes feitos maritimos dos Normandos, não diz nem uma só palavra dos

suppostos descobrimentos delles na Guiné, nem tão pouco na dedicatoria a Luiz XIII onde trata da marinha, etc.

1645. — *Voyages en Afrique*, etc., par *Jean Mocquet*, guarde du cabinet des singularitez du Roi aux Tuilleries. Esta obra foi publicada em *Roão* em 1645.

Esta obra augmenta ainda mais o numero das provas de que, antes da viagem de *Villaut*, a fabula dos suppostos descobrimentos na Guiné pelos Dieppezes no XIV° seculo não tinha sido fabricada, e ninguem tinha em França noticia de tal.

Este A. tinha tido logar opportuno no seu prefacio para fallar neste assumpto, quando trata meudamente da importancia e fructo das viagens, e do quanto Henrique IV° se interessava em ouvir as suas relações, etc.; se naquella epoca houvessem pelo menos tradições, este A. as teria lembrado quando diz a pag. 5:

« .....Et rendre quelque service aux François curieux » qui pourroient être excités à mon exemple (note-se) à » entreprendre pareils ou plus grands voyages à la gloire » de Dieu, honneur de leur pays, et utilité de leurs » compatriotes. »

Tratando da Africa a pag. 28 diz:

« La partie d'Afrique incognue aux anciens, *et descouverte par les Portugais*, » e nem uma palavra dos *Dieppezes*.

Mocquet viajou em 1601, isto é 65 annos antes de *Villaut*.

1665. — Neste anno se publicou uma traducção

franceza da Historia das Indias orientaes de *Maffei*, e os redactores do *Journal des savants*, dando conta da mesma obra no dito anno, fizerão os maiores elogios aos Portuguezes pelos esforços que estes tinhão feito para descobrirem novas terras, e até nos attribuem a invenção da agulha nautica.

Esta deducção chronologica, combinada com o que dissemos no texto, mostra da maneira mais evidente, que não havia em França, e entre os viajantes normandos desde *Bethencourt* no seculo xv° até 1665, e portanto anteriores a *Villaut*, nem mesmo tradição dos taes supPostos descobrimentos na Guiné dos Dieppezes do xiv° seculo.

30ª.

Viagem de *Jacques Ferrer* a *Vedamel* ou *Rajaura*, pag. 176 e seguintes.

Dissemos no texto que este rio não era o Rio d'*Ouro* descoberto pelos Portuguezes, e alli desenvolvemos as razões em que nos fundámos; agora accrescentaremos que, combinando-se a denominação de *Vedamel* do Mss. de Genova com a descripção do dito rio assim chamado ou *Rujaura* que se encontra no mesmo Mss., não fica em nosso entender a menor duvida de que o Rio d'Ouro ao qual se derigia Jacques *Ferrer* não era o rio a que os Portuguezes derão o nome de Rio d'*Ouro*. O navio de Jacques *Ferrer* derige-se não para o tropico, mas sim para o norte do Cabo *Bojador* (*per anar al rin de lor*) ou ao *Vedamel*, e na mesma carta catalan se vê ao norte

do cabo a palavra *Vetenilch* na mesma posição do Vadimel ou Vedamel. Na carta de *Benincasa* de 1467, se lê no mesmo logar *Vtemille*.

O almirante *Roussin*, a pag. 36 da sua Memoria sobre a navegação ás costas occidentaes d'Africa, descrevendo o *Rio d'Ouro* dos Portuguezes, diz : « On ne » remarque aucun courant particulier devant *Rio d'Ouro*, » ce qui détruit toute idée de l'existence d'une rivière » débouchant dans cette crique. »

Barros diz (como vimos pag. 181) « que era sómente » um esteiro d'agua salgada que entra pela terra dentro » obra de seis legoas. »

E *Mocquet*, que alli esteve muito tempo, diz que tendo o capitão mandado sondar o dito rio, se achárão apenas 12 pés d'agua, e que o navio demandava 10 a 12, de maneira que a quilha tocou no fundo (1).

Em quanto o *Rajaura*, Rio do *Ouro*, ou *Vedamel* de Jacques *Ferrer*, segundo a descripção que se encontra no Mss. de Genova, *habet latitudinem unius leguæ et fundum pro majore navi mundi*.

Ora na epoca que se fixa a esta viagem do maritimo catalão havião já os galiões, e as *nefs* que erão os maiores navios, e estas ultimas, um seculo antes da viagem de Jacques *Ferrer*, só podião navegar em mais de 18 pés (2); á vista pois da discussão destas particularidades parece

---

(1) Vide *Voyages de Jean Mocquet*, 1601, publicadas em Pariz em 1645, pag. 72 e 73.

(2) *Vide* sobre as *Nefs* as passagens citadas por M. Jal, *Archéologie navale*, tomo II, pag. 422.

que se deve concluir que o Rio do *Ouro* do Mss. de Genova, tendo bastante fundo em 1346 para alli hirem os maiores navios do mundo, não era certamente o Rio do Ouro dos Portuguezes; pois tendo sido sondado em muitas partes pelos maritimos do navio de *Mocquet* em 1601, não achárão mais de 12 pés. A seguinte passagem da Memoria *hydrographica* do almirante *Roussin* nos parece ainda mais decisiva; pois diz:

« La plage de sable qui, comme on l'a dit, ferme » presque entièrement l'embouchure du *Rio do Ouro* » ne permet pas de penser *que ce lieu puisse recevoir* » *des bâtiments du plus faible tirant d'eau, il ne peut* » probablement admettre que des *canots.* » (Mém. sur la Navigation aux côtes occidentales d'Afrique, pag. 36.)

Sem fazermos grande fundamento das objecções que acabâmos de expor, o que nos parece indubitavel é, que se não pode sustentar de modo algum que o *Rajaura* para onde partio o Catalão Jacques *Ferrer* em 1346 seja o Rio do *Ouro* descoberto depois pelos Portuguezes. Com effeito quando se vê de um modo indubitavel a grande influencia que tinhão no seculo XIV° as tradições classicas sobre os cosmographos, e sobre os maritimos, e que *Herodoto* (IV, 178) diz que os Carthaginezes fazião alèm das columnas d'Hercules um commercio *mudo* com uma nação que vinha buscar ás praias as mercadorias que se lhe offerecião, e deixava em seu logar em terra uma grande quantidade de *ouro* em troca; quando se vê que *Pindaro* nos diz tambem (Olymp. II, 127) que junto das ilhas dos bemaventurados (as Afor- » tunadas) se vião desaguar sobre o placido oceano *rios*

» de *ouro;* » quando depois destas tradições classicas se vêem os Arabes na idade media darem o nome de *Rios* de *Ouro* a alguns situados aquèm do *Bojador* (1); quando vêmos todas estas particularidades, e que as combinâmos com o estado dos conhecimentos geographicos no XIV° e XV° seculos antes da passagem do Cabo *Bojador* pelos Portuguezes; quando as combinâmos em fim com a historia positiva, e com as cartas contemporaneas, não hesitâmos em declarar que nos parece não só difficil, senão impossivel provar de um modo incontestavel que o Rio do Ouro a que se derigia *Ferrer* fosse o Rio do *Ouro* dos Portuguezes.

Por estas observações o leitor verá quanto são fracos e sem fundamento solido todos os argumentos que se tem buscado para diminuir *a incontestavel prioridade* dos nossos descobrimentos africanos; o leitor verá em fim, que nem um só dos argumentos que se tem feito contra aquella prioridade póde resistir em presença dos factos, da historia, e de uma analyse imparcial e scientifica (2).

---

(1) *Vide* nota 2 de pag. 180.

(2) Esperâmos em breve poder discutir e desenvolver melhor este assumpto, bem como o da viagem de *Vivaldi*, em uma Memoria especial.

FIM.

ERRATAS.

A pag. 151 : penultima linha, lêa-se *aos* em logar de *os*.

A pag. 153 : lêa-se *Bontier* em logar de *Boutier*.

A pag. 161 : lêa-se no logar da nota : *Vide* Addição nº 30.

A pag. 165, linha 1ª, §º II : lêa-se *Castelhanos* em logar de *Castellanos*.

Ibid., linha 10 : lêa-se *Castelhanos*.